

**ROSA MARIA FRUGOLI DA SILVA**

**O CORPO CONTEMPORÂNEO:  
MODELAÇÃO E VISIBILIDADES**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
São Paulo - 2007

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**ROSA MARIA FRUGOLI DA SILVA**

**O CORPO CONTEMPORÂNEO:  
MODELAÇÃO E VISIBILIDADES**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências Sociais, na área de *Antropologia Urbana*, sob a orientação da Profa. Dra. Márcia Regina da Costa.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
2007

**Banca Examinadora**

---

---

---

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho é resultado de pesquisa de mestrado, junto ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Muitas pessoas colaboraram para o amadurecimento e enriquecimento de minhas idéias: a todas elas, meu muito obrigado.

De modo especial, agradeço:

À professora Márcia Regina da Costa, pela compreensão, dedicação e interesse durante as orientações;

À professora Terezinha Bernardo, pelo apoio nos momentos mais difíceis de minha permanência no Programa;

Ao professor Luiz Eduardo Wanderley pela generosidade e disponibilidade em passar seus conhecimentos;

Aos professores Marco Aurélio Paz Tella e José Paulo Florenzano pelas valiosas contribuições no exame de qualificação.

Ao pessoal que conheci nas várias disciplinas e cursos (as muchileiras, as chavistas, as indigienistas, as anarquistas, os congadeiros, os ongueiros etc);

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo que luta bravamente para manter um ensino crítico, reflexivo e de qualidade, diante das exigências do mercado por uma educação prática, funcional e burocrática;

Ao CNPq pela concessão de uma bolsa de estudos, sem a qual eu não teria a oportunidade de finalizar essa pesquisa.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este “trabalho”:

À minha mãe Maria Aparecida Frugoli, exemplo de coragem, persistência, respeito e dignidade em todos os períodos de nossas vidas.

Ao meu companheiro de longas viagens, de discussões sociológicas ao redor de cafés, de muitas cumplicidades e de exageradas doses de generosidade. A você, Carlos Alberto, minha gratidão.

Dedico, ainda, aos meus três futuros filhos que, em gestação, passaram escrevendo comigo as últimas versões desta dissertação.  
Moçadinha: obrigada!!!

## RESUMO

Esta pesquisa aborda a temática do *corpo na sociedade contemporânea*, presente numa academia de ginástica. Tal proposta ganha importância porque o corpo, hoje, é retocável e modificável pelo indivíduo nos espaços de modelações e cuidados físico-estéticos, sobretudo nos médios e grandes centros urbanos do Brasil. Observa-se, pelos meios de comunicação de massa, que as pessoas estão constantemente sendo convidadas a retocar, a cuidar, a tratar e a modelar algum detalhe em seu corpo. Ao partir da idéia de que as pessoas que freqüentam este espaço são estimuladas socioculturalmente a adotarem uma melhor qualidade de vida, objetivo compreender como se dá a constituição do corpo na sociedade contemporânea, tendo como referência os relatos dos sujeitos que praticam atividade física. De modo específico, busco apreender as influências socioculturais que se manifestam nas relações diárias produzidas neste ambiente identificando o nexos entre as transformações da modernidade, suas articulações, especificações, contradições. Para dar conta dos objetivos definidos, permaneci de outubro de 2003 a agosto de 2004 na academia; observei as relações lá produzidas e entrevistei pessoas que freqüentam aquele espaço. Os procedimentos de trabalho de campo fundamentaram-se nas sugestões de Machado Pais (2003) na incursão do cotidiano, enquanto relações de permanentes surpresas, e em Clifford Geertz (1989), no que se refere às técnicas de interpretação das produções simbólicas. Na sistematização dos dados, concluo que a modulação corporal está para além da saúde e, no trajeto da visibilidade social e das novas identidades, o corpo modulado é um dos principais instrumentos que possibilitam a produção, participação, pertencimento e acesso aos bens e valores na contemporaneidade.

**Palavras Chave:** constituição corporal, modelação e visibilidade Social.

## **ABSTRACT**

This research approaches thematic of the body in the society the contemporary, gift in a gymnastics academy. Such proposal gains importance because the body, today, is retocável and modifiable for the individual in the spaces of modelações and physicist-aesthetic cares, over all in the medium and great urban centers of Brazil. It is observed, for the medias of mass, that the people are constantly being invited to retouch, to take care of, to treat and shape it some detail in its body. When leaving of the idea of that the people whom they frequent this space are stimulated sociocultural to adopt one better quality of life, objective to understand as if gives to the constitution of the body in the society contemporary, having as reference the stories of the citizens that practise physical activity. In specific way, I search to apprehend the sociocultural influences that if reveal in the daily relations produced in this environment identifying the nexus enter the transformations of modernity, its joints, specifications, contradictions. To give account of the defined objectives, I remained of October of 2003 the August of 2004 in the academy; I observed the produced relations there and I interviewed people who frequent that space. The procedures of field work had based on the suggestions of Machado Pais (2003) in the incursion of the daily one, while relations of permanent surprises, and in Clifford Geertz (1989), as for the techniques of interpretation of the symbolic productions. In the systematization of the data, I conclude that the corporal modulation is for beyond the health and, in the passage of the social visibility and of the new identities, the modulated body is one of the main instruments that make possible the production, participation, belonging and access to the goods and values in the contemporaneidade.

**Words Key:** corporal constitution, modelação and social visibility.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
1. O Local da Pesquisa: uma academia de ginástica .....	14
2. Os Sujeitos da Pesquisa .....	18
3. Discussões Metodológicas .....	22
4. Referenciais Teóricos .....	24
 <b>CAPÍTULO I - A INTERNALIZAÇÃO DO CORPO MODELADO .....</b>	 <b>29</b>
1. O Corpo Modelado: saúde e estética .....	30
2. O Convencimento da Atividade Física.....	36
3. Breve Contextualização .....	44
4. A Cidade e a Academia de Ginástica .....	56
 <b>CAPÍTULO II – O CORPO: ASPECTOS E SENTIDOS .....</b>	 <b>63</b>
1. No Alcance de uma Estética Corporal .....	64
2. Novos Estímulos na Busca pelo Corpo Modelado .....	74
3. Implicações na Vida Cotidiana por um Corpo Modelado .....	77
4. O Esforço Pessoal: as ações para se ter um corpo modelado .....	81
 <b>CAPÍTULO III - O CORPO: VISIBILIDADE SOCIAL E IDENTIDADES .....</b>	 <b>97</b>
1. O Corpo na Modernidade Tardia .....	101
2. Visibilidade Social do Corpo .....	109
3. Em Questão a Identidade .....	121
 <b>CONCLUSÃO .....</b>	 <b>126</b>
 <b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	 <b>138</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação aborda o tema do *corpo na sociedade contemporânea*, tendo como pressuposto que ele é produto da constituição social e varia de sociedade para sociedade<sup>1</sup>. Em outros termos, propõe-se refletir sobre o corpo a partir das relações promovidas no interior de uma academia de ginástica, local que também aciona o significado sociocultural que atribuímos ao corpo.

Essa proposta ganha importância porque o corpo, hoje, é retocável e modificável pelo indivíduo nos espaços de modelações e cuidados físico-estéticos, sobretudo nos médios e grandes centros urbanos do Brasil. Observa-se, pelos meios de comunicação de massa, que as pessoas estão constantemente sendo convidadas a retocar, a cuidar, a tratar e a modelar algum detalhe em seu corpo.

Dentro desse quadro, estudar a constituição corporal em uma academia de ginástica pode revelar os novos significados, a dimensão simbólica e os modos de comunicação que o corpo está alcançando.

No ajuste desta afirmação, mesmo que o convite ao cuidado corporal não seja atraente para uma pessoa ou outra, ou que a mulher possa ser vista como mais suscetível aos encantos de um corpo valorizado socioculturalmente, a tendência dos serviços de cuidados, modelação e tratamento<sup>2</sup> a disposição dos indivíduos que querem e podem cuidar do corpo, são expressivos.

No conjunto dessas atenções corporais pode estar de um novo corte de cabelo até mesmo a aquisição de implantes, próteses, substâncias cosméticas utilizadas pelas novas tecnologias para melhorar ou rejuvenescer algum órgão ou aspecto corporal que já não se apresenta ou responde mais com tanta desenvoltura, decorrente da passagem do tempo ou do próprio desgaste de suas funções.

Além de lugares de tratamento corporal, outros locais de atenção ao corpo para manter a saúde e a qualidade de vida foram aparecendo nas últimas décadas. Um olhar sobre os anúncios de revistas, jornais e propagandas, entre muitos outros

---

<sup>1</sup> No levantamento bibliográfico identifiquei textos, pesquisas e discussões sobre o trajeto histórico do corpo em perspectivas históricas, filosóficas, antropológicas, psicológicas. Cabe salientar que estou falando do corpo na perspectiva sócio-antropológica, partindo do entendimento de Marcel Mauss (1974) sobre as técnicas corporais, que ressalta a importância pela qual cada sociedade impõe ao indivíduo um uso determinado de seu corpo.

<sup>2</sup> Entendo por cuidados corporais as intervenções à manutenção ou melhoria corporal; modelação como as intervenções na forma corporal; e, tratamento como as intervenções para ausência de patologias. Vale ressaltar que por vezes uma não exclui a outra, o que chamo de atenção corporal.

meios, se nota o aumento destes lugares, tanto de tratamento no sentido de cura de alguma doença, como propriamente de cuidado em relação ao seu funcionamento e de recuperação da satisfação pessoal.

Nos últimos anos minha inquietação sobre o fenômeno “corpo” e modificação anatômica ganhou intensidade por observar que as pessoas, mesmo que não sejam atletas, comportam-se como se fossem, basta olharmos os parques, ruas ou supermercados, para se verificar que a moda atlética e os exercícios físicos se espalharam pelos espaços comuns. Entretanto, não é porque se espalhou que o acesso e os benefícios destas práticas sejam para todos. Inclusive, requer dos praticantes certos elementos como roupas, tênis específicos, equipamentos e mudanças de hábitos que requerem certos recursos, no mínimo econômico. Portanto, este trabalho fala das pessoas que tem disponibilidade e condições de cuidar e buscar um corpo modelado.

Desta preocupação sobre as mudanças ocorridas nas expressões que o corpo obtém no decorrer dos tempos, busquei minha inserção junto ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais da PUC/SP para ampliar e refletir sobre este objeto de estudo. Neste Programa, a pesquisa circunscrevia-se na reposta da seguinte questão: em quais processos socioculturais se sustentam a constituição imaginária do corpo na contemporaneidade?

No encalço de resposta para essa inquietação inicial, constatei que as possibilidades de estudo foram diversas, pois o corpo possibilita inúmeras amplitudes e perspectivas de entendimento. A opção de trabalho em uma academia de ginástica evidenciava que a modificação corporal neste determinado espaço advinha do esforço individual do praticante, enquanto outras práticas tinham a intervenção direta de um profissional especializado<sup>3</sup>. Neste sentido, quando chego à academia de ginástica, local da pesquisa de campo, outros questionamentos surgem: quais os fatores socioculturais que explicam a adesão aos cuidados corporais, e especialmente, as escolhas pela prática de atividade física em uma academia de ginástica? A idéia de saúde ou de qualidade de vida é determinante na busca pela aderência à prática de atividade física ou de cuidado corporal? Os meios de comunicação exercem influência na idealização de um determinado corpo? Em

---

<sup>3</sup> Estou me referindo aos casos de intervenções por intermédio de cirurgias plásticas, dos tratamentos em clínicas estéticas e das aplicações químicas de intervenção nas formas corporais.

torno das produções culturais, em quais identificações simbólicas ou identidades o corpo se vincula? Como as pessoas significam o corpo neste local?

Essas questões, com base nas observações e nos relatos dos sujeitos da academia de ginástica, podem ser respondidas e revelarem aspectos significativos da constituição do corpo na atualidade. A hipótese que sustenta este estudo remete a idéia de que as pessoas ao realizarem atividades físicas em uma academia de ginástica almejando mudança corporal, o fazem baseado nos valores constituídos pelos meios de comunicação, considerando o alcance que possuem nos dias atuais do que propriamente a busca pela saúde e melhor qualidade de vida. Neste contexto, não desconsidero que os comportamentos humanos advêm de manifestações corpóreas inatas, uma vez que os modos de suas expressões são socioculturais, ou seja, como, quando e onde podem expressar algum tipo de ação depende do meio em que o corpo está inserido.

Ao olhar o corpo como um resultado das expressões promovidas-produzidas pelo social, pela cultura, até como uma constituição imaginária está demarcado por símbolos, sinais, signos e códigos intimamente comprometidos com o lugar e com o seu tempo. As expressões corporais no espaço de cuidados corporais na atualidade estão ligadas aparentemente pelas vontades pessoais, mas, são produções socioculturais advindas de nosso próprio tempo.

Desse ponto de partida, a presente dissertação tem como objetivo geral compreender como se dá a constituição do corpo na sociedade contemporânea, com base nos relatos dos sujeitos que freqüentam uma academia de ginástica. De modo específico, busca-se apreender as influências socioculturais que se manifestam nas relações diárias produzidas neste ambiente identificando o nexo entre as transformações da *sociedade moderna tardia*<sup>4</sup>, suas articulações, especificações e contradições. Também apreender a re-significação dessas expressões corporais, decorrentes das novas linguagens sociais, presentes no cotidiano deste ambiente e no modo de vida dos praticantes.

Para dar conta dos objetivos definidos, os procedimentos de interpretação dos dados coletados na observação e no trabalho de campo são fundamentados

---

<sup>4</sup> A modernidade denominada “tardia” se refere ao processo de mudanças estruturais e institucionais que promovem nas relações sociais maiores segmentação da sociedade e do sujeito. No que se refere às identidades, está abalada os fundamentos que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social, as identidades não podem mais serem vistas como plenamente unificadas (HALL, 1997, p. 9-14).

nas sugestões de Clifford Geertz (1989, pp. 13-41), no que se referem às técnicas de interpretação das produções simbólicas no interior da academia de ginástica estudada.

O conceito de cultura em Geertz assume uma posição essencialmente interpretacionista, na linha do pensamento de Weber, como uma ciência à procura do significado. Embora a proposta desta dissertação seja somente interpretar, não se elimina o papel das relações de poder e de força na formatação da cultura ou das expressões simbólicas, sem deixar de reconhecer que a cultura “*é composta de estruturas psicológicas por meio das quais os indivíduos ou grupos de indivíduos guiam seu comportamento*” (GEERTZ, 1989, p. 21). A observação e o trabalho de campo tentaram capturar os movimentos e as expressões de modo efetivo, mas como resultante de um sistema simbólico.

Para Geertz (1989, p. 31), há três características da descrição etnográfica, quais sejam: a interpretação, o fluxo do discurso social e a fixação do “dito” em formas pesquisáveis. Implica dizer que a interpretação do objeto antropológico é a escolha entre as estruturas de significação e sua base social. Implica, ainda, “tentar manter a análise das formas simbólicas tão estreitamente ligadas quanto possível aos acontecimentos sociais e ocasiões concretas (...)” (GEERTZ, 1989, p. 40).

Há, na pretensão desta dissertação, uma inserção ao cotidiano de uma academia de ginástica. Para essa inserção, aproprio-me das indicações de José Machado Pais (2003), em especial nos capítulos *nas rotas do cotidiano e fontes documentais em sociologia do cotidiano*.

Machado Pais faz uma incursão histórica para explicar o surgimento do cotidiano, enquanto relações de permanentes surpresas. Nessa conversão, houve a aproximação ao social, em que a realidade apenas se insinua. Para este autor, é assim mesmo que na perspectiva da sociologia do cotidiano o social deve ser imaginado e descoberto. Justifica essa posição afirmando que a posse do real é uma verdadeira impossibilidade, condição esta para se entender qualquer coisa que se passa no cotidiano. É certo que considerado, do ponto de vista da sua *regularidade, normatividade e repetitividade*, o cotidiano manifesta-se como um campo de *ritualidades* (PAIS, 2003, p. 29).

Nas rotas do cotidiano, nos caminhos entre a rotina e ruptura, são denunciados os múltiplos meandros da vida social. A vida cotidiana é um tecido de maneiras de ser e de estar em vez de um conjunto de efeitos secundários de

causas estruturais. Seguindo a rota do cotidiano não se obedece a uma lógica de demonstração, mas antes uma lógica da descoberta, na qual a realidade social se insinua, conjectura e indicia (PAIS, 2003, p. 32).

Do ponto de vista da técnica de coleta de dados, José Machado Pais (2003, p. 151) sugere os seguintes procedimentos: história de vida, memória e biografias, fontes literárias e fontes audiovisuais, com a pretensão de documentar o cotidiano para melhor reinventá-lo. No caso, optei pelas entrevistas biográficas, pois entendia mais reveladores de acordo com a intenção da pesquisa.

Com base nas indicações de Geertz, com relação à observação de campo, e de Pais, com relação ao estudo do cotidiano, é que passei a tentar entender o corpo no universo de uma academia de ginástica.

O contexto enunciado da pesquisa foi estudado sob a ótica da antropologia, em sua especificidade urbana, tendo como horizonte a *cultura*, enquanto produção, reprodução e interação simbólica, e o *social*, enquanto espaço concreto de produção, reprodução e interação dessas configurações simbólicas. Esse traçado sociocultural permitiu a configuração entre a observação de campo e a realização de entrevistas com os freqüentadores da academia de ginástica.

Dentro da perspectiva metodológica acredito que a academia de ginástica representa um micro-espço social capaz de possibilitar o entendimento do que se passa nas macro-relações. Não que a parte maior determine ou se sobreponha a menor, mas que existe fatores e aspectos conexos dentro desse processo implicitamente relacionados ou implicados.

No campo do simbólico, podem-se localizar as respostas desta investigação partindo da percepção de que o movimento social micro não está desconectado do macro, porém reconhece-se a existência de diferentes dinâmicas de relações sociais, principalmente tomando como base a tradição e os costumes locais. O traçado desta produção estuda o corpo contemporâneo sem perder de vista as influências do global no local e como o local adere ou se relaciona com essas influências.

Aqui passo a descrever os critérios de minhas escolhas e os procedimentos privilegiados na pesquisa.

## **1. O Local da Pesquisa: uma academia de ginástica**

Para refletir sobre o corpo e suas expressões na sociedade contemporânea escolhi observar uma academia de ginástica, situada na cidade de Taubaté, interior do Estado de São Paulo<sup>5</sup>. A escolha dessa cidade se dá em face de ser o município no qual residio e desenvolvo minhas atividades profissionais.

Pode-se dizer que as academias de ginásticas como não se restringem aos grandes centros urbanos, nas médias e pequenas cidades os aumentos do número destes lugares de cuidado corporais, reproduzidos ou decodificado com suas especificidades, também são visíveis. A escolha pela cidade de Taubaté<sup>6</sup> ocorreu, também, pelo seu porte médio e por apresentar movimentos políticos, econômicos e culturais que se assemelham aos acontecimentos de metrópoles, tais como São Paulo e Rio de Janeiro, guardadas as proporções e peculiaridades.

No que se refere à academia de ginástica havia vários locais a serviço das práticas de atenções corporais. Eu poderia ter optado por investigar clínicas estéticas ou até mesmo espaços públicos como ruas e praças. No entanto, a escolha ocorreu, como dito anteriormente, porque as pessoas realizam com esforço próprio e orientada por especialistas em exercícios físicos, as intervenções de mudança e modelação corporal em si mesma, ou seja, é de sua ação física persistente que ocorre a modelação corporal. É num determinado período de tempo que se modela seu corpo, ao contrário, por exemplo, da clínica de estética em que o paciente recebe a intervenção imediata e exclusiva de um especialista.

Dentre os mais variados espaços de atenções ao corpo este universo parecia ser fértil em dados e informações, e no âmbito das pretensões da pesquisa terem

---

<sup>5</sup> Por questões éticas deixo de mencionar o nome da academia de ginástica, na qual foi realizado o trabalho de campo.

<sup>6</sup> A cidade de Taubaté se localiza numa das regiões mais cosmopolitas do país, no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, compondo-se numa paisagem onde “convive”, relativamente, natureza e progresso. Possui centro industrial, pecuarista, rizicultor e é conhecida como a cidade universitária do Vale do Paraíba; atravessou os ciclos econômicos relevantes na história do país e mantém as diferenciações étnicas do povoamento imprimindo traços contrastantes na sua fisionomia urbana de cidade tricentenária. Sua arquitetura colonial permanece ao lado de modernos edifícios e empresas multinacionais (como Volkswagen, Ford, Alston e LG). No acervo de suas tradições, hábitos populares e manifestações folclóricas, se conservam ainda, impregnadas das influências dos colonizadores brancos, do negro e dos indígenas. Sua densidade demográfica é de 381 hab/km (aproximadamente 300.000 habitantes), renda per capita urbana de US\$ 4.486,959 e rural de US\$ 2.557,788. Dados extraídos do site [www.taubate.sp.gov.br](http://www.taubate.sp.gov.br). Acesso em 22.12.2005.



os sujeitos pesquisados posturas ativas e serem os responsáveis principais pelo corpo almejado. Inclusive, porque os usuários desta atividade ao aderirem a este ambiente não estão exclusiva ou simplesmente realizando exercícios físicos, há variedade de situações ocorrendo paralelamente à prática da atividade física, que julguei serem significativas às minhas pretensões.

Hoje em dia os exercícios físicos alcançaram a idéia de serem fundamentais para uma vida saudável. As seqüências sistematizadas de movimentos de diferentes segmentos corporais, executados de forma planejada, estruturada, repetitiva, definido de acordo com diagnóstico de necessidade ou carências específicas de seus praticantes, em contextos sociais diferenciados, possibilitam desenvolver a aptidão física, como meio de ganhar força, destreza, agilidade ou competência geral do corpo.

Está disseminado socialmente que os exercícios físicos fazem muito bem à saúde, com inúmeros benefícios ao sistema respiratório e cardiovascular, fortalece os músculos, regulariza o intestino, baixa o colesterol, ajuda na perda de peso, é recomendado para todas as idades, principalmente para os mais debilitados, seja pelo envelhecimento, seja pelas doenças crônicas.

Pensar em um local que acomode todas essas exigências promovidas nas sociedades atuais, no que tange aos interesses desta pesquisa, remete à noção da existência de um espaço, específico, capaz de acomodar os anseios de um grupo de pessoas.

No intuito de abarcar os significados da modelação corporal, via atividade física, a academia de ginástica escolhida teve como perfil, a consideração de várias pessoas e, posteriormente, em face dos argumentos utilizados pelos entrevistados, por ser a melhor em se tratando da estrutura, dos equipamentos e dos freqüentadores. Na opção deste espaço, em termos de escolha, se deu em razão da relação que estou fazendo entre o corpo veiculado pelos diversos meios de comunicação social e a busca que algumas pessoas empreendem para alcançar este determinado corpo. Para adentrar nesta questão a fala do professor entrevistado da academia ilustra essa afirmação:

Esta é uma academia bem localizada no centro, uma academia grande. Até um tempo atrás era vista como a melhor academia, agora eu não sei como está e a gente nunca fez marketing, quantos vezes antes de eu entrar aqui

eu ía em festa e via as pessoas comentarem que esta academia era de playboy, coisa de mauricinho, quando eu comecei a trabalhar grande parte do pessoal era de gente de bom nível, daí depois eu vi que era normal, a partir do momento que você entra num lugar e as pessoas te avaliam querendo saber da onde você veio, qual sua roupa, o que você tem, você fica meio assim... eu quando comecei a estagiar percebi que não era assim, mas já cheguei para trabalhar com um pé atrás, será que vai dá pra minha, na primeira semana eu trabalhei com minhas melhores roupas.

Dentro da academia escolhida, observou-se que possui várias modalidades de atividade física<sup>7</sup>. Optou-se por focalizar os sujeitos que praticam a musculação, por entender que é um tipo de exercício resistido que contempla recursos aeróbios ou anaeróbios, tornando esta atividade física versátil e usada para diferentes objetivos, como o aumento ou diminuição de massa muscular; permite aos alunos maior flexibilidade no horário de ida a academia; atualmente tem grande procura pela chamada terceira idade. Outro elemento de decisão para esta opção foi a de que a bibliografia<sup>8</sup> utilizada sugeria esta prática como a mais freqüentada por homens e na observação prévia, notou-se que as mulheres estavam em maior número.

A musculação, também chamada de exercícios resistidos (exercícios contra a resistência realizados com peso<sup>9</sup>) constitui a base do treinamento do fisiculturismo ou culturismo (musculação de competição) e dos levantamentos de peso (básico e olímpico). Estão presentes na preparação dos condicionamentos físicos de atletas e esportistas, e mais recentemente, passou a ocupar lugar de destaque nas academias, pois ao estimular a redução da gordura e o enrijecimento muscular, os exercícios com pesos resultam na modelação corporal. Além disto, a musculação pode ser adaptada à condição física individual, é ausente de movimentos rápidos e apresenta baixo risco de lesões traumáticas.

---

<sup>7</sup> Dentre elas encontrei o Step: estimula a coordenação motora e parte do princípio do subir escadas; Ginástica Aeróbica: para coordenação motora e noção espacial; Aerobox: estimula a agilidade, a coordenação motora; Circuito: trabalha a flexibilidade, a coordenação e as capacidades aeróbia e anaeróbia; Body Pump: para melhorar a coordenação, emagrecer e a desenvolver a capacidade anaeróbia; Ginástica Localizada: para gastar calorias, melhorar a força, a resistência muscular localizada e a flexibilidade; Natação; Hidroginástica; Tênis; Voleibol e Basquetebol.

<sup>8</sup> O trabalho de Ana Lúcia Castro (2003) foi um dos trabalhos que afirmam esta questão.

<sup>9</sup> As informações sobre os chamados “exercícios resistidos” foram extraídas do site: <http://www.saudetotal.com/santarem.htn>. Acesso em 01/11/2003.

Lembro, inclusive, que por meio da musculação, pode-se alcançar um corpo magro ou hipertrofiado. Sabe-se que historicamente a idéia de musculação estava associada com o levantamento de peso para hipertrofia ou fisioculturismo. Na atualidade, além dessa prática, a musculação esta sendo utilizada para a hipotrofia, eliminação de gorduras e enrijecimentos musculares. Ressalto que esta dissertação limita-se em explorar a segunda versão da musculação, ou seja: o corpo “magro” e “duro”.

Com relação às técnicas de coleta de dados foram utilizados diferentes instrumentos de levantamento das informações: a observação e as entrevistas.

Na observação das relações interpessoais promovidas no espaço da academia de ginástica buscou-se “mergulhar no meio delas” (GEERTZ, 1998, p. 40), sem perder de vista as falas dos freqüentadores do lugar, a dimensão biográfica (PAIS, 2003).

Vale ressaltar que na primeira visita a academia de ginástica percebeu-se a necessidade de matrícula como praticante regular da modalidade de musculação, com a perspectiva de participar efetivamente como praticante e sentir no corpo as sensações desta prática. Na matrícula, foi preciso trazer exames médicos aprovando a atividade a ser iniciada e a realização de testes ergométricos na própria academia para a elaboração de um programa de treinamento específico, tomando como parâmetro os resultados desses exames. De posse do programa, houve a freqüência ao local, sistematicamente uma vez ao dia, em períodos diferentes, para conhecer o maior número possível de matriculados e observar o que ocorre neste local nos vários períodos de funcionamento.

Realizei matrícula e, entre a prática e a estadia no local, passava a me envolver com o ambiente, as pessoas, os assuntos e as preocupações circulantes. Decidi registrar esse movimento em um caderno de pesquisa, no qual denominei “diário de campo”, com a finalidade de auxiliar a caracterização do espaço, do sentido que as pessoas dão ao corpo, das dimensões simbólicas presentes e do significado da prática de atividade física.

Diariamente, em horários variados (vezes pela manhã, tarde ou à noite), observava e registrava a rotina da academia. No final redigi um relatório-inventário sobre o espaço físico, as observações e compreensões advindas das relações produzidas na academia, cujo teor compõe esta dissertação.

Na entrevista, com a proposta de privilegiar as falas dos praticantes sobre o corpo e as relações que se expressam no interior da academia de ginástica, realizei a técnica semi-aberta, sem a preocupação de demarcar um roteiro rígido ou uma condução nas respostas.

Antes da decisão de privilegiar essa técnica, havia elaborado a estratégia das entrevistas com os freqüentadores da academia na forma aberta entendendo que poderia permitir uma melhor espontaneidade de suas experiências com atividades físicas. Esta técnica foi descartada porque não correspondia às expectativas da pesquisa, uma vez que o entrevistado ao sair do foco do assunto comprometia o tempo estipulado à entrevista e a mesma demonstrava-se cansativa. Deste teste, caracterizado como piloto, lapidou-se o instrumento de pesquisa e optou-se pela entrevista semi-aberta (ou semi-estruturada).

## **2. Os Sujeitos da Pesquisa**

Após a realização do piloto passei a identificar os possíveis entrevistados. Na realidade, foram realizadas oito entrevistas, sendo os entrevistados sete alunos e um professor. A escolha desses sujeitos ocorreu pelo fato de se dedicarem com afinco, de forma distinta com relação os demais alunos e pela freqüência assídua na atividade.

Registro que a pesquisa de campo teve a duração de outubro de 2003 a agosto de 2004. As entrevistas ocorreram entre os meses de março e maio de 2004 e, por questões de ética, o nome de todos aqueles que concederam entrevistas não foram revelados. Para identificá-los achei por bem colocar a letra inicial do primeiro nome, o sexo, e por fim a idade. As letras, nome e sexo, foram colocados em maiúsculo e entre pontos. Na composição da identificação dos entrevistados entendi que seria interessante escrever em negrito e entre aspas, ficando na seguinte disposição: **“M.M.18”**, ou seja, Marcelo, masculino, 18 anos.

Portanto, os entrevistados foram:

**1. “S.M.41”.** Está nesta academia há 4 anos. Nascido em Taubaté, divorciado, dois filhos, formado em engenharia e contabilidade, funcionário público da Receita Federal, reside com a mãe, numa região privilegiada da cidade no centro de Taubaté. Nunca teve problemas financeiros na vida. Durante o período escolar não teve afinidade com prática esportiva, embora gostasse de participar das aulas

de Educação Física. Na adolescência foi encaminhado pelo pai para uma academia de artes marciais em que o “mestre” tinha afinidade com sua família, neste período passa a gostar de atividade física. Na juventude parou com os exercícios e voltou quando casou, tentou natação depois parou. Como é separado, namora uma garota na faixa dos 20 anos e não quer perder o vigor físico, nem sentir-se velho, por isto optou por fazer musculação. Como não tem muito tempo para ir à academia, vai à hora do almoço ou à noite.

**2. “M.F.41”.** Está nesta academia há muito tempo, não se lembra quando. Nascida em Taubaté, casada, uma filha, formada em educação física e enfermagem, atualmente faz mestrado na Unicamp e trabalha como “personal” de pessoas especiais, com doenças infecto-contagiosas no hospital. Ao entrar em contato com esta entrevistada descobri que estava na faixa etária dos 40 anos, entretanto, imaginei antecipadamente que teria uns 20 anos, pois sua aparência denota ser de uma adolescente, somente prestando muita atenção em seu rosto e em sua fala se percebe que é mais velha do que aparenta. Faz o “tipo Barbie”, ou seja, magrinha enrijecida pelo trabalho físico, cabelo liso, loiro e comprimento na cintura, usa franja comprida o que faz aparecer pouco o rosto, já chega na academia com vestimenta de ginástica de grife. Sempre gostou de atividade física, se pudesse iria todos os dias na academia, considera ter alimentação saudável e demonstra não suportar obesidade, durante a entrevista foi citando situações suas, de amigas, de gente famosa sobre este ponto.

**3. “L.F.41”.** Nascida em Taubaté, casada, três filhos, dona de casa. Nunca havia realizado atividades físicas regulares, até que teve o terceiro filho e o marido falou que ela estava muito gorda, encaminhando-a aos exercícios. Faz 13 anos que começou atividade física constante e há 3 anos vem nesta academia. Sua rotina se diferencia da maioria das pessoas, pois acorda depois da 11 horas, em face de seu marido chegar do trabalho na madrugada, toma café e vai para a academia, volta somente no final da tarde e aí vai fazer comida e os trabalhos domésticos. Aposentou a frigideira e orgulha-se por seus filhos serem magros e terem se adaptado a sua rotina diária. Também demonstra “*pavor*” por obesidade, citando ocorrência por um aborto.

4. **“M.M.18”**. Nascido em Taubaté, estudante de filosofia, gótico<sup>10</sup>, vocalista de uma banda de rock, sempre se viu gordo e diferente. Mesmo antes da faculdade estudando numa escola Adventista do Sétimo Dia e com os conhecidos e parentes se incomodando com sua gordura, nunca se converteu a nenhuma religião e não ligava para opiniões alheias, inclusive acredita que seja um crítico do padrão de beleza veiculado pela televisão e todos os meios de comunicação. Mas, quando seu amigo argumentou que para o visual de um vocalista a gordura pode ser um problema, se rendou aos exercícios físicos chegando até nesta academia considerada por ele como de “burguês” há quase 1 ano.

5. **“M.M.26”**. Nascido em Porto Velho, piloto do exército, solteiro. Mora em Taubaté há 2 anos por causa do trabalho. Sempre gostou de atividade física. Além de se exercitar no Exército, ele frequenta a academia quase todos os dias por acreditar que isto reforça seu condicionamento. Na base todos os dias têm 2 horas de educação física e 3 vezes por ano tem avaliação física. Quer manter sua massa muscular, mas não ficar hipertrofiado. Conhece bem os grupos da academia, com alguns conversa e mantém amizade, com outros não. Acredita que pelo visual e o jeito dos frequentadores dá para saber quem é quem.

6. **“M.F.20”**. É de Taubaté, faz 5 meses que esta na academia. Na escola fazia educação física, no primário era jogo de bola e não gostava. Depois, no ginásio teve experiência com ginástica localizada. Resolveu fazer academia porque estava parada e sedentária, sua mãe lhe enfatizava isto. Faz musculação para pegar condicionamento físico e para perder a barriga porque as pessoas pensam que está grávida toda vez que sua barriga está grande. Acredita que seu problema seja acúmulo de gordura na região abdominal. Prefere frequentar a academia com uma amiga, pois as pessoas reparam muito no jeito, corpo e roupas de cada um.

7. **“P.F.20”**. Também de Taubaté faz academia com a amiga **“M.F.20”**. Chegou a fazer antes e parou, não tem muita paciência e vontade. Na escola fez um pouco de voley e arrumava um atestado médico para não fazer educação física quando era outra coisa. Diz ter entrado na academia mais por farra, mas hoje é

---

<sup>10</sup> O *gótico* “contemporâneo”, se traduz em um estilo de vida urbano que surge nos anos 80 com o movimento *dark*. Sua postura contraria as normas impostas pela sociedade, com necessidade de promover uma nova forma de expressão, cuja postura contempla uma certa dose de depressão. Gostam do estilo musical *heavy metal* e são pessoas preocupadas com o mundo em que vivemos. Para aprofundar: Helena Abramo (1994).

diferente, viu os benefícios, mesmo fazendo faculdade de Direito não quer perder nenhum dia de academia, não cansa fazendo exercício, tem dia que vai até nas boates. Acredita que a academia melhora o condicionamento físico e parece que fica mais animada.

**8. “D.M.25”.** É um professor da academia, nascido em Mato Grosso, formado na Unitau em 2001 com pós-graduação na FMU, em 2002, em treinamento esportivo. Começou como estagiário nesta academia e depois se efetivou. Especialista em montar treinamentos tanto em academias como em esportes competitivos. Sempre gostou de treinar, principalmente na adolescência que levava para o lado da estética, mas hoje possui outra visão hoje, científica. Sobrevive da profissão, inclusive, fora os horários de aula normal, de manhã atende clientes de personal trainer<sup>11</sup>. Acha que agora que a mídia está em cima e expondo mais os benefícios da atividade física aumentou a procura, embora a rotatividade de uma academia seja grande. Uma das barreiras mais difíceis que se encontra é manter um número constante de alunos durante o ano. Esta academia, segundo o professor tem umas 1500 inscrições, mas tem gente que fica 3 meses e sai e gente que fica 4 anos, a grande maioria circula. Acredita que tem aluno que enjoa de uma modalidade vai para outra, não sabe exatamente se sai e vai para outra academia. Acha que a cidade propicia a rotatividade:

[...]. É uma cidade de muito modismo, quando inaugurou era só isto, porque aquele é fulano dono de tal, o sicrano, a maioria que freqüentava aqui era a nata, quem tinha dinheiro, nesta época ficou conhecida como academia de rico porque a maioria fazia aqui. As empresas, os donos, os diretores, as esposas e gerentes treinavam aqui, essas empresas maiores. Para onde foram, os mais falados foram tirados daqui por professores que pegaram personal e foi afastando estes alunos. Uns ficaram e outros eu acho que foram para uma academia nova que abriu, outros não sei, não conseguiria falar deles.

Antes de avançar, considero que as entrevistas foram de relevância ao entendimento da idéia de constituição corporal na atualidade. A três primeiras

---

<sup>11</sup>Treinador pessoal formado em Educação Física que executa o serviço de acompanhamento particular. É responsável pela elaboração, prescrição e de programação de atividades físicas, definido segundo os objetivos do cliente, do seu quadro de saúde e aptidão física. Ver: Roberto C. de Oliveira (1999).

proporcionaram maior riqueza em detalhes e em recorrência de dados, as quais serviram de base para as idéias desencadeadas no texto. Quando me refiro ao termo “pavor da gordura” é porque duas entrevistadas “M.F.41” e “L.F.41” enfatizaram essa expressão. Inclusive, quando estavam grávidas deram preferência à atividade física na manutenção do corpo. Em razão do “pavor”, essa preferência resultou em abortamento espontâneo para ambas.

Escolhido os sujeitos, entendeu-se que seria interessante promover as entrevistas no interior da academia de ginástica, local da prática. Assim, os sujeitos foram de ambos os sexos, de várias faixas etárias.

Pensei em trabalhar com categorias como Classe, Gênero, Idade e, logo na observação e nas primeiras entrevistas, esta idéia perdeu o sentido. Na medida em que ia convivendo com a realidade e o cotidiano da academia, percebi que essas categorias não tinham validade pelo menos no que diz respeito às proposições desencadeadas, pois independente destas, a modelação e a saúde compõem o quadro das preocupações gerais daquele ambiente. Portanto, as categorias foram sendo constituídas a partir das falas dos entrevistados e explicitadas no decorrer do texto, focalizadas em: *corpo modelado* e *visibilidade social do corpo*.

### **3. Discussões Metodológicas**

A proposta da entrevista, desde o teste piloto era permitir que os sujeitos emitissem sua posição pessoal em relação à opção de realizar uma atividade física para modelar o corpo e que sentido revelavam destas experiências em seu cotidiano. Acreditou-se que deste modo se alcançasse à configuração que naquele momento o sujeito dava ao corpo e, destas, identificar os aspectos da constituição como o corpo se apresenta naquele espaço.

Para atingir essa pretensão, entendeu-se que as entrevistas ocorreriam individualmente, na própria academia ou dentro do salão da atividade praticada pelo entrevistado (quando o volume da música permitia) ou na lanchonete da academia. Estava convencida de que o ambiente da academia favorecia a exposição da opinião dos entrevistados sobre o corpo, e também, favorecia uma maior intimidade com os mesmos, ou seja, era um espaço comum a ambos.



Como as entrevistas foram definidas como semi-abertas, a fim de responder aos traçados qualitativos da pesquisa, formularam-se algumas questões de partida e de orientação para que não se perdesse a centralidade. Contudo, a perspectiva era a de considerar e privilegiar a espontaneidade da fala dos pesquisados. Desse modo, quando o sujeito falava em outro assunto e não voltava ao foco da pergunta inicial ocorria à intervenção ou se passava para a próxima questão.

Após a observação e seleção daqueles que fariam a entrevista, entrava-se em contato com o professor responsável pelo período, previamente informado do trabalho e autorizado pela direção, e este era quem contatava o aluno, marcando data e horário para realização da entrevistas.

As entrevistas iniciavam com a introdução da proposta de estudo, a apresentação pessoal do pesquisador e do entrevistado, a explicação a respeito da inserção e história do aluno na atividade física esportiva, como ocorreu sua escolha na atividade atual, como eram seus hábitos e relações na academia com a atividade, com o próprio corpo e com as pessoas. Por fim, deixava-se em aberto a opinião do entrevistado para se manifestar a respeito de qualquer assunto.

Além dos alunos, optei por entrevistar um professor da academia para identificar, a partir dele, em quais configurações socioculturais e tecnológicas oferece-se a idéia de corpo. Ressalto que a direção da academia soube da pesquisa de campo e os professores auxiliaram na agenda e nos contatos com os entrevistados. Todas as entrevistas ocorreram por cerca de 40m a 1h30m, sendo que em alguns casos foram divididas em duas etapas em função da disponibilidade das pessoas ou dos entraves inevitáveis (compromissos dos entrevistados, interrupções de celulares, fechamento da academia, entrevistado tinha que sair). Nestas circunstâncias, registrava as datas e as entrevistas eram re-agendadas. Em algumas situações e oportunidades não houve entrevista, porque o sujeito não compareceu<sup>12</sup>, mas, em outros casos, tive que realizar entrevista mais de uma vez, em face das circunstâncias e das dinâmicas de vida de cada entrevistado.

#### **4. Referenciais Teóricos**

---

<sup>12</sup> Reputo esse não comparecimento ao fato de que o entrevistado não deu a devida importância à pesquisa ou não tinha o interesse de colaborar.

Da perspectiva teórico-metodológica, este trabalho pretendeu utilizar instrumentos da antropologia (interpretação das dimensões simbólicas da cultura na observação de campo) e da sociologia (análise de relatos, sem perder de horizonte o olhar dos entrevistados, o cotidiano e o contexto sociocultural), pois na aproximação dessas fronteiras epistemológicas vê-se a possibilidade do entendimento das questões contemporâneas pertinentes à cultura.

Da perspectiva do referencial teórico da dissertação, sabe-se que está em circulação nas cidades, como um todo, um conjunto de informações em torno do corpo que sugestionam essa ou aquela pretensão. Nessa linha de raciocínio, aproximo do pensamento de Jacques Lê Goff e Nocilas Truong (2006, pp. 18-32) que salientam que o corpo é, principalmente nos dias atuais, “a sede da metamorfose dos novos tempos”.

No exercício de constituição do referencial teórico que de conta da investigação, a partir desse enunciado, alguns autores serviram de base para este percurso.

Os trabalhos de Jorge Crespo (1990), Michael Foucault (1992) e Norbert Elias (1994), trazem elementos que relacionam a temática do corpo europeu ocidental, com rebatimento em nossa realidade. De alguma forma, no sentido de que as condutas e os comportamentos socialmente aceitáveis são resultantes das relações sociais vigentes. Estas não ocorrem ao acaso, mas por meio de um conjunto de técnicas organizadas com bases científicas e apoiadas em fundamentos éticos indiscutíveis coube ao indivíduo assumir-se como responsável pela sua própria contenção impulsiva, ordenando as suas relações com o mundo, rejeitando o espontâneo e afirmando a sua vontade.

Do ponto de vista histórico, o corpo civilizado caminhou para uma verdadeira autonomia e as disciplinas marcaram atenção diferenciada no processo de individualidade dos sujeitos, pois neste regime anônimo e funcional, o corpo tornou-se suscetível de operações específicas, que teve seu tempo, sua ordem, suas condições internas e seus elementos constituintes. Essas condições e estes elementos foram estabelecidos por uma força que atuou desde os controles

externos de pressões e sanções sociais até as íntimas introjeções definidas pelos padrões vigentes da sociedade ocidental<sup>13</sup>.

Essas manifestações indicam que o corpo permanece inscrito em formatações simbólicas. No momento, estabelecidas com outros significados e sentidos que, na prática, além de alimentar a tensão entre cultura e natureza, dissolve as certezas da modernidade e apresenta as contradições ao próprio corpo. Neste sentido, o que estes autores chamam de “tratamento” para se alcançar um corpo sem patologias biológicas e sociais, hoje, contempla cuidados como prevenções e otimizações físicas e estéticas ao gosto pessoal, mas amplamente divulgado socioculturalmente.

Deste enfoque esta pesquisa não recai sobre o tratamento corporal entendido por Foucault (1992), Crespo (1990) ou Elias (1994), mas no que está sendo considerado nos dias de hoje, maior atenção dada ao corpo, especificamente sobre modelações que possibilitam a mudança na forma corporal, como o considera Lê Breton (2003).

Os trabalhos de Lê Breton (2002; 2003) e de Lipovetsky (1999; 2000) nos auxilia a pensar o corpo na contemporaneidade ultrapassando esta idéia de tratamento como um local de ausência de patologias. No que se refere a atenção corporal, no que diz respeito aos cuidados e modelação do corpo, faço uso das indicações de Lê Breton que aponta que anatomia não é mais um destino e a qualquer momento pode-se retocar ou modificar qualquer parte do corpo, ou seja, não está relacionado à patologias, mas sim, às prevenções e otimizações do corpo.

Em Lipovetsky (2002, pp. 128-129), no que diz respeito aos valores estéticos atribuídos ao corpo, cujo ideal estético de beleza<sup>14</sup> nos dias atuais é o corpo magro, de musculatura com tônus enrijecido que valoriza tudo que é jovial, presentes nos

---

<sup>13</sup>Nobert Elias (1994, p. 65) mostrou como o processo civilizatório transformou o comportamento humano e estas mudanças de atitudes foram intensas chegando a interferirem nas funções corporais.

<sup>14</sup> Há trabalhos importantes que realizaram um panorama histórico sobre o corpo, desde os gregos, colocando o conceito de beleza transformada de encantamento do belo a uma beleza construída na atualidade por movimentos das tecnologias. Como exemplo, cito a tese de doutorado de Francisco Romão Ferreira. *Os Sentidos do Corpo: cirurgias estéticas, discurso médico e saúde pública*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, 2006, que faz um amplo estudo sobre o conceito histórico de beleza e estética, passando por autores como Deleuze 1998, Humberto Eco (2004), Margaret Wertheim (2001), Talon-Hugon (2005), Wertheim (2001), Vigarello (2004), dentre outros. Utilizo o conceito de beleza sugerido por Lipovetsky (1999; 2000), por entender que se aproxima com maior precisão das pretensões de minha dissertação.

vários espaços sociais, quem está na academia de ginástica sabe qual o padrão corporal estético valorizado e reconhecido como almejado.

Os trabalhos de, Appadurai (1996; 1999), Boaventura Sousa Santos (2002), Stuart Hall (1997) e Tzvetan Todorov (1996) contribuem para adensar na reflexão da contemporaneidade, diante de profundas transformações no espaço-tempo, resultando em processos diversos que impõem ao indivíduo, grupos e instituições novas inserções. Neste sentido, como a modelação corporal pode ser compreendida. Em Appadurai passa-se a pensar no conceito de imaginário e imaginação social; em Boaventura Sousa Santos entende-se como ocorrem os processos globais aplicados à cultura diante das transformações no tempo-espaço. Em Stuart Hall reflete-se sobre as identidades culturais na pós-modernidade, extraindo além do conceito de *modernidade tardia* os deslocamentos da identidade e das identificações constituídas na modernidade. Por fim, em Tzvetan Todorov pode-se apreender como o corpo ganha visibilidade social em tempos de valorização das subjetividades, cujas bases de alimentação dessa valorização se circunscrevem ao mercado, ao consumo, às tecnologias, a saúde, a qualidade de vida e as relações interpessoais.

Acredito que com a contribuição desses autores, os quais servem como referência nesta reflexão, é possível estabelecer um marco teórico capaz de auxiliar na apreensão das influências socioculturais produzidas numa academia de ginástica.

Inclusive, é desse conjunto de autores que estabeleço diálogos com uma série de outros trabalhos e pesquisas que buscaram compreender os fenômenos presentes em nosso tempo, cuja temática serve como ponte para que eu pudesse encadear as respostas às questões que formulo ao longo deste texto.

No conjunto refiro-me a Zygmunt Bauman, a Marc Augé, a Denise Sant'Anna, a Mônica Schpun, a Sevcenko, a Courtine, a Miriam Goldenberg e Marcelo Silva Ramos, dentro outros, à localização das conseqüências da *modernidade tardia* ou *líquida* à vida urbana e ao cotidiano das pessoas. Respectivamente, apontar em quais mudanças o corpo passa, em diferentes períodos, acrescentando essas contribuições para justificar as tendências da sociedade contemporânea.

Em tempos de mudanças constantes, rápidas e permanentes, o corpo sofre interferências radicais, em escala global. Pode-se dizer que as relações em

sociedade se projetam em um mundo em que as constituições do corpo, no que tange ao aparecimento de inúmeras práticas de modificações corporais legitimadas por saberes científicos, instauram novas possibilidades de atuação sobre o corpo, idéia de partida importante que fornece pistas significativas às análises sociológicas do mundo que vemos, vivemos e experimentamos.

Portanto, desses argumentos é que me proponho desvelar alguns dos inúmeros significados e os sentidos constituídos ao corpo, produzidos e reproduzidos no interior de uma academia de ginástica.

Dentro das especificidades observadas e das tendências socioculturais de modulação corporal é que apropriei dos apontamentos dos autores supramencionados e, com os quais, acredito capturar a dimensão simbólica da cultura, tomando por base os relatos dos entrevistados. Acredito, ainda, explicitar as expressões corporais e os modos de vida dos praticantes de atividades físicas, nos moldes apresentados naquele espaço.

Assim sendo, localizado o objeto, o sujeito, os caminhos, os aportes teóricos e as pretensões de pesquisa, ressalto que a dissertação encontra-se estruturada em três capítulos: a) *a internalização do corpo modelado*; b) *o corpo: aspectos e sentidos*; e c) *o corpo: visibilidade social e identidades*.

Faço no primeiro capítulo, *a internalização do corpo modelado*, a partir da idéia de modernidade, uma análise histórica pelo qual o corpo passou e se constituiu. Neste esforço, após localizar o corpo na contemporaneidade, procuro focalizar como ele está sendo “cuidado” nos espaços de modelação corporal, no caso da pesquisa: uma academia de ginástica. Tendo esta referência dentro da lógica das sociedades ocidentais, industriais, urbanas, procuro apreender em quais valores, sentidos e símbolos mobilizam ou convencem as pessoas à prática de atividade física para a modelação do corpo.

No segundo capítulo, denominado *o corpo: aspectos e sentidos*, ressalto os relatos biográficos produzidos pelos entrevistados e as observações de campo. Mostro o significado atribuído ao corpo e sua difusão pela dimensão saúde-estética, demonstrando o quanto ter um corpo modelado, dentro dos padrões socioculturais estabelecidos, requer responsabilidade pessoal, reorganização do cotidiano, esforço e adaptação aquele espaço.

No terceiro e último capítulo, *o corpo: visibilidade social e identidades*, procuro elaborar uma reflexão teórica, sem perder de horizontes os dois primeiros

capítulos. Parto do pressuposto de que a “*modernidade tardia*” promove um deslocamento das relações convencionais impostas na modernidade, trazendo consigo a necessidade de se pensar as ações, atitudes, as relações pessoais, sociais e culturais que estão se estabelecendo neste tempo. O que tomo como referência os trajetos, visibilidades, identidades e identificações com as quais o corpo ganha novos sentidos e significados na contemporaneidade.

Espero contribuir no entendimento do corpo na sociedade contemporânea, com esses três capítulos, *a internalização do corpo modelado*, *o corpo: aspectos e sentidos* e *o corpo: visibilidade social e identidades*, tendo com centralidade as relações experimentadas no interior de uma academia de ginástica.

**CAPÍTULO I**  
**A INTERNALIZAÇÃO DO CORPO MODELADO**

Neste capítulo faço um breve panorama, introdutório, sobre as tendências e as transformações sofridas pelo corpo. Neste esforço, pontuo as nuances históricas sobre a relevância sociocultural dada ao corpo e localizo como ele está sendo modelado nas ditas academias de ginástica. Algumas questões se fazem necessárias: de qual academia de ginástica estou falando? Por que na contemporaneidade a academia de ginástica ganhou relevância social como lugar de cuidado e modelação corporal? Como se configuram as relações e o espaço em academias contemporâneas? Como surgiram as academias de ginástica? Como elas ganharam a centralidade no cuidado com o corpo? Essa localização auxilia no entendimento de que essas tendências e transformações fazem parte de um processo sociocultural, intimamente vinculado à lógica das sociedades ocidentais, industriais, urbanas.

Acredito que estas questões compõem o quadro das preocupações desta dissertação e que favorece possibilidades ao entendimento das discussões mais pontuais tratadas na coleta de dados e no transcurso do texto.

Sobre a estrutura do capítulo, aponto que começo por discutir o corpo no interior de uma academia de ginástica, modelado pela musculação, mostrando o que move um determinado grupo de pessoas em realizar atividade física é a idéia capturada no social pela necessidade de saúde e de uma estética específica. Na seqüência, ao se encaminhar para inserção na atividade física, seu empreendimento é reforçado pela legitimidade do discurso exercido naquele ambiente. Posteriormente, para entender esses dois movimentos achei por bem realizar uma contextualização histórica, uma vez que evidencia ser esse processo respaldado pelo social e pela cultura, ou seja: não é um acontecimento aleatório. Na reflexão, não perco de horizonte que a academia de ginástica e os entrevistados têm um vínculo com a realidade de uma cidade do interior do Estado de São Paulo: Taubaté. Portanto, é dentro desse universo que desenvolvo a primeira parte da dissertação.

## **1. O Corpo Modelado: saúde e estética**

Os serviços à disposição das pessoas que almejam a modelação corporal aumentaram significativamente nas últimas décadas, independente



das diversas faixas etárias, gênero e classe, não se restringindo apenas aos grandes centros urbanos. Estas práticas passam tanto pelas novidades tecnológicas de intervenções médicas, como as cosméticas, de atividade física, tatuagens, colocação de objetos no corpo, dentre outras. Os serviços são variados e a cada momento se descobre uma nova técnica de embelezamento, de ornamento, de rejuvenescimento e de promessa de prolongamento da vida.

As intervenções no corpo por intermédio da atividade física em academia de ginástica, no caso deste trabalho, trata-se da musculação que é uma das ações para se alcançar a modelação corporal.

A ênfase recai sobre uma academia de ginástica, nos moldes constituídos pelo mundo ocidental capitalista, socialmente reforçado por intensos apelos midiáticos de consumo, caracterizado por ser tipicamente urbano, referente ao espaço de conformações elitizantes: freqüentado por pessoas saudáveis ou na busca pela saúde, com aporte financeiro e nutricional privilegiados.

Em relação à prática de musculação disponível nas academias, esta não se restringem somente à finalidade da hipertrofia, ou seja, aumento da musculatura como muitas pessoas podem imaginar. Dependendo das pretensões a serem alcançadas, há vários outros segmentos: o da própria competição de hipertrofia, em que há diversas categorias de levantamento de peso, mais conhecido como fisiculturismo ou culturismo<sup>1</sup>; o profilático que é a preparação da musculatura para determinado esforço, principalmente os indicados para a chamada terceira idade; o segmento da terapêutica para a correção de problemas com posturas, recuperação de lesões ou cirurgias; preparação esportiva que serve de complemento da preparação física de atletas de qualquer modalidade esportiva; estética para definição muscular sem necessariamente se alcançar a hipertrofia, mas com eliminação de gorduras; e, por último, o da aptidão física indicado para o condicionamento geral da pessoa a fim de se ter uma vida saudável.

---

<sup>1</sup> Fisiculturismo ou culturismo é um esporte onde o objetivo é buscar, através da musculação, a melhor formação muscular. Sua disputa ocorre em apresentações coletivas ou individuais, de comparação. Os requisitos são: volume, proporção e definição muscular.

A modelação do corpo pela musculação é uma das atividades tidas como ideal entre os praticantes para satisfazer o alcance de se ter um corpo magro, de musculatura com tônus enrijecido, “duro”, jovem e saudável. Os entrevistados “**L.F.41**” e “**S.M.41**” reforçam essa afirmativa:

Eu fazia na época localizada e aeróbica juntas. Emagreci. A aula da professora era boa, deu resultado para emagrecer e no alongamento, você fica mais flexível, mas a gente não se sente dura e eu fiz muito tempo, fiquei magrinha, cheguei a pesar 52 quilos, eu estava muito magra, eu me esforçava, fazia tudo direitinho, braço, perna, esteira... Daí eu falei assim: “eu quero pegar músculo”.

Olha sei lá, vou ser sincero com você... Sei lá! To ficando! [...], envelhecendo e eu acho que a gente tem que se cuidar um pouco, para não ficar... perder o vigor físico. Você não precisa ser nenhum gênio para... não foi ninguém que me falou, acho que foi alguma coisa que eu li, ou vi, eu fui mesmo para musculação. Eu acho que de certa forma eu queria mesmo, assim unir a necessidade com a vontade.

Hoje, para Lipovestsky (2000, pp. 128-129), o apontado como ideal estético de beleza valoriza tudo que é jovial, presentes nos vários espaços sociais. Na academia estudada a palavra de ordem, assim como indica este autor, transitou do “parecer rico” para “parecer jovem” e os sinais que simbolizam a idade, a aparência de antigo, os “coroas”, não combinam mais com as preferências da aparência corporal. É com esse marco de símbolos que estabeleço o *padrão de beleza* identificado na pesquisa, cujo conjunto de elementos envolve o ideal corporal que compõem o estético, jovem, magro e saudável<sup>2</sup>, por intermédio da atividade física musculação.

Neste sentido, cabe fazer distinção entre o que venha a ser o uso da atividade física musculação para atingir a *hipertrofia* ou a busca por ser ou permanecer magro, com a finalidade de especificar de que corpo esta pesquisa faz referência. Pois bem, a atividade física musculação referente a hipertrofia,

---

<sup>2</sup> Na prática, a idéia de saudável está associada à atividade física. Como lembra a pesquisadora Mira (2000), há críticas a serem feitas na vinculação da saúde, especificamente, com um estilo de vida ativa, ou seja, está para além das patologias e

chamada de fisiculturismo, é modalidade competitiva, voltada para obtenção de massa muscular. Por outro lado, a musculação é, também, uma atividade ideal para alcançar um corpo magro, de musculatura com tônus enrijecido, cuja prática reforça a idéia de ser jovem, de eliminar as gorduras e de manter os músculos firmes. Neste trabalho focalizo esta modalidade como uma das atividades físicas em que muitas pessoas visam um corpo magro, de tônus enrijecido, para se ter o que é apontado como ideal estético de beleza: a aparência de um corpo jovial e saudável.

Deixo consignado, por ser a academia um espaço que contempla constantemente inovações e novidades, nova nomenclatura referente a musculação privilegiando na atualidade esse ideal de saúde e de estética começa a surgir: "*Exercícios Resistidos*". A proposta deste nome é realçar uma roupagem muito mais de ciência do que simplesmente uma malhação e separar-se definitivamente do chamado fisiculturismo. Entretanto, como na academia estudada usa-se "musculação" para a atividade de saúde e estética, durante todo trabalho é esta referência a ser utilizada.

Na atualidade, cresce o número das "megas academias" oferecendo as mais variadas atividades físicas e os mais variados produtos, verdadeiros shoppings centers. Contudo, como coloca Saba (2001) a atividade de maior aderência continua, tanto entre os homens como as mulheres, a ser a musculação<sup>3</sup>. Dentre as modalidades na academia<sup>4</sup> a musculação é, no caso da academia pesquisada, o lugar de maior procura. O percentual de maior frequência é de três vezes por semana e o tempo médio de permanência no espaço fica entre 60 e 90 minutos, algumas pessoas chegam a ficar mais de 1 hora, neste caso, ficam conversando ou usando outros serviços da academia.

De um modo geral, mas nestes termos, as academias de ginástica são espaços, cujas instalações e programas pretendem promover e manter, pelo

---

do sedentarismo. Não é minha pretensão entrar no mérito dessa questão, mas indicar que quando se fala em "corpo saudável" esta vinculação é inevitável.

<sup>3</sup>Essa constatação de Saba (2001) confirma a observação sobre o aumento significativo de pessoas na musculação, sobretudo de mulheres.

<sup>4</sup>Como ginástica localizada; alongamento; abdominais; aerójum: trabalho cardiovascular sobre uma mini-cama elástica; body combat: aeróbio a partir de modalidades de auto-defesa em uma rotina energética; body pump: com pesos se trabalha resistência; express: enfatiza diferentes grupos musculares; fitflex: reeducação da postura; spinning: para sistema cardio-vascular e respiratório; step: subir e descer uma plataforma de altura regulável.

menos no plano do convencimento, um estado de bem-estar para um ótimo desempenho do físico e da saúde. Pode-se notar uma tendência atual de que as modalidades da atividade física visam ganhar notoriedade na área da saúde<sup>5</sup>. Toscano (2001) conceitua as academias de ginástica como centros de atividades físicas onde se prestam serviços de avaliação, prescrição e orientação de exercícios físicos, sob supervisão direta de profissionais de Educação Física.

Este autor sugere, do ponto de vista técnico, que a relação entre atividade física e saúde se justifica pelas muitas evidências de que níveis apropriados de aptidões físicas, mantidas durante toda a vida por meio de exercícios regulares, exercem efeitos benéficos nas funções dos órgãos em geral, tendo como consequência o prolongamento e a qualidade de vida. Aponta a academia de ginástica como um centro potencial para demanda em serviço de saúde primário, sendo possível sua ampliação para níveis de prevenção<sup>6</sup>.

Esse movimento, na perspectiva da atividade física musculação, pode ser entendido, como coloca Fred Góes (1999, p. 35), pelo alcance que o body building<sup>7</sup> ganhou quando os valores norteadores da constituição do corpo sofreram impacto da espetacularização que caracteriza o cenário

---

<sup>5</sup>Hoje já existem leis que regulamentam o funcionamento de academias e o profissional da educação física é reconhecido como profissional da saúde pelo Conselho Nacional de Saúde, resolução nº 218, de 06 de março de 1997. As matrículas para frequentar as academias dependem de apresentação, pelo cliente, de atestados médicos recentes, específicos para a prática esportiva em que pretende se inscrever. Os estabelecimentos devem manter o cadastro atualizado dos clientes matriculados, com as informações médicas pertinentes.

<sup>6</sup> A meu ver esta não é uma posição absoluta, pois há trabalhos que evidenciam que o esporte ou a atividade física nem sempre garantem saúde. Um exemplo foi a ginástica aeróbica que ocasionou inúmeros problemas físicos em seus praticantes. Em relação ao esporte, no trabalho apresentado por Frugoli; Pimenta (2003), no XI Congresso Brasileiro de Sociologia, demonstra que o esporte não é exclusivamente um veículo de emancipação ou de benefícios à vida dos sujeitos, sejam estes amadores ou atletas profissionais. Vale lembrar, que a proposta desta dissertação não é aprofundar esta questão e sim trabalhar com a idéia de que na academia de ginástica nem sempre aparece a equação atividade física igual a saúde.

<sup>7</sup> Termo citado por Courtine (1995, p. 106) dá a idéia de que a própria pessoa pode construir suas formas corporais, ser o artesão do seu corpo. Para Lê Breton (2003, p. 42) trata-se de fabricar a si mesmo, cultivar o corpo por exercícios aeróbicos ou musculação.

contemporâneo. O corpo trabalhado com pesos saiu dos ambientes fechados e passaram a se exibir nos espaços públicos.

O visto é que as pessoas ao aderirem o serviço de uma academia de ginástica demonstram que a preocupação com os cuidados corporais é geral entre os sujeitos pesquisados e este fato pode ser revelador dos atributos da noção corporal atual. A forma corporal passou a não ser considerada mais um dado em que a pessoa, o mínimo, que seja não pode refazê-lo ao gosto da saúde/estética, sobretudo no caso de pessoa que tem acesso aos serviços vinculados ao cuidado corporal. O indivíduo pode, além de modificá-lo, receber o reforço socialmente positivo neste comportamento.

Esse reforço levou à institucionalização da necessidade sociocultural de cuidados corporais e para se obter um corpo valorizado é necessário o empenho pessoal, contribuindo as academias de ginástica para esse empreendimento, nunca sem a presença de outros elementos como dieta balanceada, dedicação, esforço, manutenção.

Na medida em que a busca pela saúde e por um físico delineado é um valor a ser alcançado pela pessoa e um dos meios é a atividade física, cabe, no plano individual, a própria pessoa, a responsabilidade por sua adequação a partir do princípio de autoconstrução.

O interessante é que corpo cuidado, definido pela atividade física, preponderante até então da classe média, tornou-se um meio para quem consegue eliminar os excessos de gordura e a flacidez, tendo a autodisciplina um fator fundamental para se alcançar este objetivo.

A academia de ginástica impõe ao corpo, nos moldes atuais, a noção de novas ações, este um dos alcances ao projeto do corpo idealizado, modificável e modelado. Sem dúvida, a academia de ginástica tornou-se um local importante de atenção corporal, tanto em relação a busca da saúde, como do alcance pela estética referida.

Ao realizar pesquisa em academias de ginásticas na cidade de São Paulo, relacionando com a indústria da cultura, Ana Lúcia Castro (2003) indicou que saúde e beleza são os principais motivos para a frequência em uma academia de ginástica. Indicou também que num contexto em que a beleza e a forma física estão entrelaçadas, o esforço de modelar o corpo

ganha sentido como resultado de um trabalho sobre si mesmo e cabe ao indivíduo a absoluta responsabilidade por sua aparência física.

## **2. O Convencimento da Atividade Física**

Até aqui procurei demonstrar que a noção de corpo e de vida saudável passa, como uma das possibilidades, pela atividade física regular em academia de ginástica e a musculação é uma das opções para o empreendimento do corpo modelado. Inclusive, ter acesso a esse benefício remete-se ao esforço pessoal do praticante. Estimuladas, as pessoas a freqüentam com a mentalidade de modelar o corpo, nos termos das tendências de saúde e estética circulantes principalmente naquele próprio espaço.

Neste ponto, abordo na prática como a academia utiliza-se da legitimação formalizada da saúde e da responsabilidade que a pessoa tem para se manter na boa forma<sup>8</sup>, elementos presentes no convencimento do interessado à prática de atividade física. Cabe esclarecer que ao falar dos argumentos utilizados ao convencimento das pessoas, como pano de fundo, aparece o modo de funcionamento, de organização e de relação estabelecida entre o corpo e o sistema de comunicação social.

No atendimento inicial da academia estudada, percebeu-se que o vínculo academia-cliente tende a ser personalizado e objetivo na proposta dos benefícios das atividades físicas. Na primeira visita à academia, na medida em que o diálogo com a recepcionista ia transcorrendo, observava os detalhes espaciais, instalações e equipamentos disponíveis.

De pronto, percebi que no espaço ocupado pela academia a entrada principal é grande e se localiza no rol da secretaria. Em paralelo e ao fundo desta entrada há mais cinco segmentos que dão acesso à lanchonete existente; as escadas do salão superior; vestiário e piscina coberta; quadras de esportes, para a loja de materiais esportivos e sala de avaliações, todas estas tem retorno exclusivo para o rol da secretaria e entrada principal. É uma frente toda estruturada em vidro, evidenciando a transparência entre a rua, o estacionamento, o rol e as atividades em que os praticantes estão exercendo

suas atividades. Da entrada não se vê apenas a quadra de tênis que está atrás das outras quadras esportivas e a sala de ginástica que fica ao fundo do salão superior. Para quem está na rua ou entra na academia, tive a impressão e a sensação de que o visual proporciona uma sensação de estímulo à ação corporal, sendo um lugar “moderno<sup>8</sup>”, agradável, saudável, freqüentado por gente alegre, bonita.

No balcão, as recepcionistas vestem roupas de prática esportiva. Na conversa sobre o meu interesse de freqüentar a academia, enquanto aluna, uma das moças explicou convincentemente todas as vantagens da prática de atividade física e da matrícula naquela academia. Visitei toda a instalação acompanhada da recepcionista que passou a informar todas as diferentes formas de práticas esportivas disponíveis. Fiquei surpresa com a multiplicidade e variações de modalidades. Estas atividades passam pelas esportivas como voley, tênis, futebol, basquetebol, natação, há também as categorias de hidroginástica, no salão da parte superior está contemplado os equipamentos de musculação e as possibilidades de alongamentos diversos. Num espaço fechado também na parte superior está destinado às atividades de ginásticas localizadas e aeróbicas em suas variadas versões. “*Sempre temos uma atividade para satisfazer seu desejo e sua necessidade*” disse a recepcionista durante a visita.

Durante esse processo de conhecimento, as recepcionistas tiram as dúvidas que surgem sobre o funcionamento da academia e demais questões, sempre demonstrando profundo conhecimento sobre os benefícios da atividade física. Nos argumentos de convencimento utilizados pelas moças, encontram-se a idéia de que a atividade física está vinculada à saúde, à qualidade de vida e à auto-estima. Difícil sair dali sem introjetar a adesão a qualquer atividade física que auxilie na saúde, na disposição para vencer a rotina, o cotidiano ou para ficar com o corpo adequado ao dia a dia.

---

<sup>8</sup> Para aprofundar sobre a questão da “Boa Forma”, ver Maria Celeste Mira. *O Leitor e a Banca de Revistas*. São Paulo: Olho D'Água, 2001.

<sup>9</sup> Vários espaços na academia podem ser vistos pela farta utilização de vidros, segundo Heitor Frugoli Jr (1995, p.83), estes espaços são espaços ambíguos e criam uma falsa sensação de acessibilidade, na prática permitem apenas a inserção de pessoas ou grupos específicos.

Terminado o convencimento das atendedoras, o interessado é encaminhado pessoalmente a um dos professores responsáveis pelas atividades e este coloca, de forma científica e técnica, as suas considerações e, conforme o caso, a princípio até indica qual a modalidade adequada às pretensões e as necessidades da pessoa. Enfatiza ainda, que para freqüentar as atividades físicas o inscrito deverá ter um atestado médico autorizando a prática<sup>10</sup> e submeter-se a testes de avaliação e aptidão físicas para ser confirmado ou não determinado tipo de atividade.

Na matrícula, superada a primeira etapa, o inscrito, ao trazer o atestado médico autorizando a prática de atividade física, realiza uma avaliação física minuciosa para saber de seu estado de condicionamento físico e de quais atividades deve ou pode praticar. Em outros termos, a opção por uma ou outra prática vai depender mais das avaliações realizadas, do que a vontade primeira do cliente.

No conjunto, esses detalhes desde o atendimento inicial até o resultado das avaliações enfatizam o caráter profissional, empresarial e científico do lazer e da atividade física. Verifica-se que as atividades são dirigidas por profissionais habilitados, no campo da administração, do lazer, da fisiologia e da educação física, e que prestam serviços de avaliação, prescrição e orientação dos exercícios a serem realizados com qualificação e competência.

Na academia de ginástica pesquisada o exame médico foi realizado fora daquele espaço, mas a avaliação física exigida e o exame ergométrico individualizado foram aplicados em hora determinada por profissionais da própria academia, em sala específica para isto. De posse dessas informações, não descartando as pretensões do aluno, o professor faz uma devolutiva sobre a avaliação e encaminha à modalidade mais compatível com os dados coletados.

A impressão que fica quando se recebe a devolutiva da avaliação realizada e, após a inscrição é a necessidade e a segurança à prática das atividades prescritas por profissionais<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Ao matriculado torna-se necessário, legitimado por legislação, a apresentação de atestado médico recente, específico para a liberação de práticas esportivas.

<sup>11</sup> Não entrarei no mérito se a impressão foi só uma impressão ou se essa qualificação é verdadeira, pois não é o objeto de minhas preocupações.



“**S.F.41**” explica que quando fez a avaliação ficou impressionado. Fez exercícios em uma bicicleta ergométrica, mediram sua pulsação e a gordura do corpo, a avaliação foi tão minuciosa que detectou problemas que vão além do condicionamento físico. Em sua ficha “**S.F.41**” diz: *“consta problemas na coluna, escoliose tipo C, hérnia de disco”* e os exercícios foram indicados conforme a capacidade física dele, nos termos do resultado da avaliação.

Com a ficha de exercícios nas mãos, após a avaliação técnica, a pessoa é liberada para finalmente, começar a prática da atividade escolhida ou indicada. Na prática, no caso da musculação, o instrutor prepara a ficha personalizada e o cliente fica, aproximadamente 4 meses fazendo a seqüência de exercícios, devendo se manter naquela rotina. Ao passar este tempo, nova avaliação é feita pelo professor e mudanças nas séries de exercícios podem ocorrer, novamente vai depender da avaliação e dos resultados alcançados.

Independente do tipo de ficha pessoal, ao aluno é obrigatório realizar alongamentos antes e depois dos exercícios indicados. Para a realização das séries é necessário que o aluno tenha em mãos uma toalha para forrar todos os equipamentos que venha a usar. Quanto ao tipo de roupa a ser utilizada, as atendentes colocam que é livre, mas no próprio balcão de atendimento há a venda de vestuário para as modalidades, inclusive há também uma loja interna próxima a secretaria destinadas a materiais esportivos. Cabe lembrar que na academia de ginástica trabalham as recepcionistas, os professores, os faxineiros, os balconistas da lanchonete que é terceirizada e atendentes que circulam pelos espaços e auxiliam os clientes chamando os professores ou para outras necessidades, como passar álcool nos equipamentos entre um uso e outro.

No salão da musculação, o espaço é amplo medindo cerca de vinte metros por trinta. Na parte do centro há poucas pilastras o que permite uma sensação de que o salão é grande, toda frente e lateralidade são de vidros vezes saindo meio, um metro ou desde o chão, o que possibilita visualização para a rua, distribuição de espelhos, o encaixe de várias saídas para ar condicionado, caixas de som e televisores (sempre ligados). Há também, um mural para recados que reforçam os benefícios da atividade física e bancos nas laterais onde as pessoas deixam seus pertences, esperam os conhecidos, lêem as revistas disponíveis.

Os equipamentos, específicos desta atividade, são espalhados por grupos e pelas seqüências dos exercícios, ou seja, esteiras, bicicletas e outros destinados ao aquecimento localizam-se mais na frente, próximos aos aparelhos de televisão. Colchonetes, pesos, tornozeleiras e barras também no início, porém mais ao canto. Na parte central, encontram-se as estações de musculação, os leg press, halteres, flexores e extensores, aparelhos de agachamento, bíceps, ombros, remos e outros. No fundo, os bancos de supino, livres e múltiplos. De um modo geral, esta academia especificamente, possui materiais e equipamentos considerados de última geração e possui número suficiente deles para que atenda os presentes, no máximo ocorreu dos alunos trocarem um exercício por outro em hora de pico da academia, em torno das 18h.

Pela fala de “**M.M.18**”, percebe-se que na academia, os equipamentos são elementos importantes.

Eu estava em outra academia, mas como eu fazia aeróbica e só tinha 2 bicicletas e não tinha esteira, não gostei, não gostei do clima, os instrumentos eram precários, tinha pouca gente, os caras que já malhavam ... sei lá ... Depois cheguei a vir aqui no centro, mas só tinha umas bicicletinhas, uns pesinhos precários, o cara dono de lá queria tirar uma com a cara da gente com uma intimidade que nem ganhou, muito infantil ... aí eu só fui 3 dias, desisti. Falei não faço mais, foi aí que o Daniel falou daqui ... vamos lá na (...) é grande, tá cheio de aparelhos. Viemos aqui e vimos que era grande. Quando eu cheguei aqui, me surpreendi pelos equipamentos porque eu aqui não tinha a preocupação de chegar mais cedo para pegar aparelhos, tem bastante bicicleta, bastante esteira, os professores são mais simpáticos, eu senti mais sinceridade da parte deles. É um lugar de burguês, mas eu nem ligo.

Em uma academia, as novidades anunciadas pela mídia, sobretudo as novas gerações dos equipamentos utilizados são de suma importância para atrair o praticante. A academia pesquisada aparenta estar alinhada a essas tendências, pois além de trabalhar somente com profissionais habilitados e especialistas na área, seguem as tendências do mercado no que se refere às informações, aos materiais e ao atendimento.

“**L. F. 41**”, conta que estava em outra academia, mas lá, os aparelhos de musculação eram insuficientes e acrescenta: *“eu vim aqui e nunca mais parei, pois aqui tem coisas que eu nem conhecia”*.

A tecnologia dos aparelhos e a variação das atividades disponíveis não são suficientes para convencer alguém, embora seja de suma importância, à prática de atividade física. Esse convencimento passa pela idéia que circula na sociedade, e de alguma forma se incorpora em muitas pessoas na necessidade de reorganizar não só o corpo, mas a vida. “**S. M. 41**”, convencido de que a piscina é uma atividade completa, mas não era suficiente para ficar rígido, ganhar músculos ou ter uma movimentação de maior animação justificativa que:

“Dentre várias atividades eu fui fazer natação porque eu acho, todo mundo falava que era um esporte completo... Ninguém particularmente falava, era coisa que a gente ouvia, tv, jornal, as pessoas comentando a respeito, daí eu fui nadar na academia ... e lá tinha uma boa reputação, tinha a fama de ser a melhor da cidade, não era fora dos padrões que eu pudesse pagar, tinha um preço acessível, então eu comecei nadando lá. Nadei lá uns dois anos, daí quando eu estava fazendo esta academia eu já fiquei curioso, eu tinha um amigo que falou que tinha uma piscina enorme ... não sei o que ... eu tinha aprendido a nadar numa pequena, era do tamanho da minha 12 metros, então ele falou para mim lá tem uma piscina super legal ... nossa que legal, vou lá ver. Quando inaugurou esta academia eu vi a piscina, maravilhosa e me matriculei, eu fui o 11 aluno e faz bastante tempo, estou aqui até hoje, aí eu nadei um tempão. Eu acho que eu estava querendo ir na academia mais que o meu amigo, porque o conjunto todo era muito bonito, o tamanho da piscina, o preço era pouquíssimo diferente, coisa de 10 reais, a infra-estrutura era melhor. Quando eu cheguei aqui minha impressão foi: que piscinão! ... Daí aconteceu uma coisa interessante comigo, nadando eu tive hérnia de disco, e meu caso foi agravando, agravando e eu tive que parar com a academia ... eu devo ter ficado 1 ano parado ... Eu parei com a piscina e fui para a musculação ... escolhi isto porque nem sabia que tinha estas coisas, body- jump, body combat, body-pump, body-body. [...], tem um monte de coisa, é uma loucura ... tô ficando velho e eu acho que a gente tem que se cuidar um pouco, para não ficar [...], perder o vigor físico”.

Para “**P.F.20**” as pessoas estão fazendo mais atividade física em face do aumento de lugares disponíveis para prática, da ordem médica pelo stress da vida atual ou de saúde. No caso dela, sempre a mãe falava que *“tinha que fazer alguma coisa porque ia ficar com problemas de saúde, estava*

*sedentária*”. Essa idéia de sedentarismo parece ser o resultado do discurso médico e científico que exerce um peso na decisão da prática de atividades físicas.

Embora haja a crença de que as academias estão cheias, em face da conscientização sobre a importância da atividade física, “**D.M.25**” acha que exista muito pouca adesão ao pensar na sociedade como um todo denotando que a idéia de determinado ideal corporal é amplo, absorvido socialmente, mas na prática é restrito sua aderência.

Na verdade se você for ver em proporção na cidade de Taubaté que tem em média 300.000 habitantes, desses quantos praticam atividade física regular? Você entra na academia ela está cheia, a outra academia está cheia também, legal! Mas se você for somar este total não dá 20% da população total [...]<sup>12</sup>.

Mesmo assim, para aqueles que chegam a academia, o discurso médico é muito associado às doenças contemporâneas como stress ou sedentarismo. Os freqüentadores da academia também absorvem estas idéias. Por outro lado, “**D.M.25**” aponta outros fatores que impulsionam a movimentação nas academias, além do convencimento das pessoas para se ter uma saúde boa, em qualquer fase de sua vida, adolescência, adulta e idosa, a mídia vem estimulando para que exista um aumento da freqüência nesses espaços.

Na entrevista com “**M.F.41**”, o corpo está em proporções maiores que família, do que religião, do que qualquer outra coisa. O corpo ganha proporções consideráveis dentro dos grupos que cada vez assumem os aspectos da estética/saúde veiculado como ideal de aparência física. Ela coloca que:

[...], no começo que eu tinha medo dessa coisa estética porque na realidade quando você vai avaliar num primeiro flash o que as pessoas vêem é a estética, ninguém fala: “puxa será que o coração dele está funcionando, as artérias estão entupidas, a pressão está legal, como está o trigliceris dele”. As vezes a pressão está lá em cima, o coração detonado, a pessoa já comeu muita porcaria, mas

---

<sup>12</sup> Embora haja uma divulgação em favor das qualidades médicas e estéticas, em relação à atividade física, reconheço que essa busca não contempla o universo totalizador de uma sociedade, ou seja, por esse ou aquele motivo, nem todos aderem para essa prática. Posição esta reforçada pelo entrevistado em questão.

a primeira coisa é esta um ideal social do corpo, essa necessidade eu acho que é a mídia que faz. Veja as modelos e os modelos, as mulheres têm que ser altas, sem gorduras [...].

A questão que interessa explorar nestas idéias resume-se a explicitar que a sociedade, da perspectiva do simbólico e dos sentidos, produz e consome socioculturalmente valores, influenciando de algum modo as diversas relações cotidianas, com o significado de se ter esse ou aquele corpo. Para freqüentar um espaço de modificação corporal a pessoa deve negar ou afirmar um valor atribuído ao corpo. No que se refere a academia de ginástica esta é uma invenção que também agrega nas pessoas, noções de saúde, juntamente com um padrão corporal estético.

Localizado a importância do corpo na sociedade contemporânea, vale entender o que venha a ser academia de ginástica, enquanto espaço de modelação do corpo, pois o corpo tem diversos sentidos e significados em circulação no interior das academias de ginástica que devem ser capturados.

### **3. Breve Contextualização**

Neste tópico, *breve contextualização histórica*, faço um panorama sobre o aparecimento do fenômeno academia de ginástica, sem perder de horizonte as dimensões socioculturais do corpo, porém antes, realizo uma possível demarcação de como o corpo está sendo modelado nas dimensões do social e da cultura.

No caso, aponto que esta proposta possibilita localizar a idéia de corpo na sociedade contemporânea, entendendo que esse movimento não ocorre ao acaso, mas dentro de um contexto socioculturalmente dado, e que os meios de comunicação e a tecnologia, as novas formas de consumo e os valores atribuídos a estética interagem, de algum modo, nas relações promovidas no interior das academias de ginástica.

Antes das considerações sobre academia de ginástica cabe identificar alguns aspectos da trajetória do corpo do século XX. Sabe-se que no passado

o corpo se mantinha na discrição e encoberto pelas vestimentas<sup>13</sup>. No começo do século XX, viu-se a separação do corpo e da alma. Sem a condição da “alma” o corpo sofreu interferência do processo de racionalização conduzido pelo Estado, adquirindo um valor laico e secular, diretamente relacionado à consolidação das propostas sociais dos novos tempos. No período, impulsionado por um conjunto de signos, códigos e símbolos, o corpo ganha uma dimensão racionalizada, civilizada, e assimila os efeitos do meio em que fez parte, tanto em aspectos socioculturais como político–funcional–utilitário<sup>14</sup>.

Da perspectiva teórica de Jorge Crespo (1990) e Michael Foucault (1992), que revelam alguns dos caminhos traçados pelo corpo na modernidade, ressaltam o poder do Estado e da disciplina no controle corporal. Seguindo as idéias de Crespo (1990, p. 500) as condutas de comportamentos socialmente aceitáveis nos últimos séculos alcançaram a população ocidental em geral<sup>15</sup>. Várias questões deixavam de ser eminentemente religiosas e passavam a ter contornos econômicos e políticos racionais reclamando novos modelos de organização.

A educação do corpo tornava-se uma forma de luta do indivíduo contra si próprio. A polícia, o conhecimento científico da medicina e a pedagogia esquadriavam a sociedade e controlavam o corpo sugerindo comportamentos mais racionalizados e menos dominados pelas idéias de caridade e de necessidade de sacrifício eventualmente redentor de doenças e pecados. A consciência deveria ser parte integrante do processo de civilização que se alcançava pelo controle individual das ações e não pela vivência total dos sentidos.

---

<sup>13</sup> No levantamento bibliográfico identifiquei textos, pesquisas e discussões sobre o trajeto histórico do corpo em perspectivas históricas, filosóficas, antropológicas, arqueológicas. Cabe salientar que estou falando do corpo na perspectiva sócio-antropológica.

<sup>14</sup> Para aprofundamentos sobre a dimensão político-funcional-utilitário ver Michael Foucault (1992) e Jorge Crespo (1990). Pois quando falam de *disciplina* e de *políticas do corpo*, respectivamente, contribuem para fornecer os elementos à compreensão do significado e sentido que o corpo adquiriu na moderna sociedade industrial ocidental.

<sup>15</sup> Ninguém era poupado da utilidade do corpo enquanto local de repressão das pulsões e obrigação social que estavam amplamente disseminadas. Para aprofundar nas questões de mudanças de hábitos ocorridas no período da alta Idade Média e modernidade, ver por exemplos, Nobeit Elias (1994) e Eric Hobsbawm; Terence Ranger (1997).

Por meio de um conjunto de técnicas organizadas em bases científicas e apoiadas em fundamentos éticos indiscutíveis, o indivíduo assumia-se como responsável pela sua própria contenção, ordenando as suas relações com o mundo, rejeitando o espontâneo e afirmando a sua vontade. Para Michael Foucault (1992, p.118) no século XVIII se descobre o corpo como objeto de poder. Este autor enfatiza que não era a primeira vez que o corpo recebia investimentos de controle, mas é a primeira vez que se trabalha sobre ele minuciosa e detalhadamente. O corpo foi submetido a uma coerção sem folga que o manteve ao nível da mecânica.

Na instalação da modernidade ocidental, o corpo tornou-se suscetível de operações específicas, que teve seu tempo, sua ordem, suas condições internas e seus elementos constituintes estabelecidos por uma força que atuou desde os controles externos de pressões e sanções sociais até as íntimas introyeções do processo de civilização definidas pelos padrões vigentes da sociedade ocidental<sup>16</sup>.

No Brasil, as tendências de racionalização do corpo, ligados a cultura dominante, nos moldes higienizador e disciplinado, começaram a ser mais visíveis no limiar do século XX demonstrando seu paralelo e também sua junção aos valores da modernidade<sup>17</sup>. No que diz respeito às pessoas com maior potencial econômico, as exigências sobre a apresentação corporal se demonstrava de forma muito diversa das dos dias atuais.

No modo de controle dos impulsos, o vestuário e a estética a título de referência, podem ilustrar como o corpo veio sendo apresentado. Nos anos 20, o corpo valorizado era aquele que se mostrava com maneiras civilizadas aos moldes da sociedade ocidental européia, cuja característica se voltava para a contenção dos impulsos corporais, um corpo de aparência discreta.

Para Mônica Schpun (1999, pp. 34-74) as expressões corporais da modernidade, sobretudo no que diz respeito a camada da população que estava vinculada diretamente aos valores tido como da elite, estiveram diretamente influenciada aos comportamentos da sociedade européia, principalmente para a juventude. O novo era a forma de contradição ao antigo

---

<sup>16</sup> Nobert Elias, "op. Cit", pp. 65-72, mostrou como o processo civilizatório transformou o comportamento humano e como essas mudanças de atitudes foram intensas chegando a interferirem nas funções corporais.

que foi associado a negatividade dos problemas experimentados em face da primeira guerra mundial. A cidade de São Paulo, com a utopia do progresso promovida pela riqueza do café e pela transformação em metrópole, de dimensões internacionais, aderiu à idéia.

Para esta autora, foi neste percurso que alguns imigrantes e representantes da oligarquia tiveram contato com o desenvolvimento europeu e introduziram as práticas de atividades físicas e esportivas no Brasil, re-elaborando algumas expressões corporais, tidas como medida de higiene destinada a combater o ócio e os hábitos mundanos.

Nicolau Sevchenko (1992, pp. 43-73) ao discorrer também sobre a São Paulo dos anos 20, mostra os rumos de uma sociedade da ordem e do progresso que criou uma cultura urbana, modernizando as identificações e as expressões corporais. O novo estilo de vida urbana<sup>18</sup> assumia, inclusive ostensivamente, os sinais associados ao ativismo atlético que se constituía na forma de demarcar a distância entre as gerações.

As roupas se tornaram mais leves, apegadas ao contorno da anatomia, coloridas e estampadas, adequadas ao movimento ágil do corpo<sup>19</sup>. A atitude esportiva implicou, em sentido vasto, uma reformulação profunda da experiência de vida repudiando o que era artificial e que atrapalhava os movimentos. As virtualidades das práticas atléticas se mostravam tão promissoras que foram rapidamente colocadas num círculo capaz de abranger a vida ativa dos indivíduos, chamando-se Educação Física<sup>20</sup>.

---

<sup>17</sup> Para aprofundamento desta colocação, ver Pedro Pagni (1995).

<sup>18</sup> Esse movimento não foi tranqüilo e nem uniforme. Há distinções, resistências e adaptações que passam pelas questões de classe, gênero, raça, econômica, entre outras. Contudo, essa discussão não é objeto de meu interesse neste trabalho, razão pela qual deixo de aprofundá-la.

<sup>19</sup> Lipovetsky (2000, p. 137) chama atenção para importante papel desempenhado pela promoção das atividades de praia, lazer e o desenvolvimento dos esportes no desnudamento do corpo (short, biquíni, monoquíni). As transformações da moda dos anos 20 e 60, com vestidos retos, uso de calças, saias curtas e roupas justas, tiveram em comum o fato de valorizarem o corpo móvel, magro e jovem que desqualificaram as marcas da inércia, do sedentarismo feminino e a corpulência, uma das expressões do corpo até aquele período.

<sup>20</sup> No Brasil Império, em 1851 a lei de n.º 630 inclui a ginástica nos currículos escolares. No Brasil República, essa foi uma época onde começou a profissionalização da Educação Física, sendo que em 1937, na carta Constituinte, configurou-se como atividade obrigatória para todos os estudantes brasileiros.



Neste contexto, as práticas físicas formais contemplavam, tanto as liberações das sensações corpóreas, como estavam a princípio destinadas a ocupar o tempo vago da elite que não poderia manter-se exclusivamente no ócio, tido como negativo. Também, possibilitavam a disciplinariedade e obediência as regras.

Dentro do processo histórico, percebe-se que nos anos 40, devido ao vínculo político Brasil e Estados Unidos, possibilitaram trocas culturais. É nesta época que o Brasil se abre, visivelmente, para as influências americanas: o cinema, a moda, as propagandas, o fisioculturismo, a música, entre outros movimentos culturais. As atrizes de cinema e as modelos propagaram o ideal corporal, além de obedecer às disciplinas referidas ao corpo, é a busca de beleza estética que passaria a fazer parte dos direitos alcançados pela mulher, cabendo a pessoa a responsabilidade de se amar e se cuidar.

Tota (2000) analisou que neste período, o processo e o estilo de vida americana, por intermédio dos canais de comunicação, estavam diretamente relacionados ao vínculo político e na adoção de ideologias de interesses entre Brasil e Estados Unidos<sup>21</sup>. No aprofundamento desta posição, segundo Tota, os meios de comunicação foram utilizados como instrumento para americanizar o Brasil<sup>22</sup>. Contudo, esse projeto estava imbricado às forças de mercado e não apenas à política de Estado, ou seja, o mercado foi um dos caminhos percorridos para a americanização, o que na assimilação cultural se fez não por pura imitação, mas por recriação.

No trabalho de Denise Sant'Anna (1995) vê-se a indicação de que inúmeros fatores influenciam a vida social e cultura, consequentemente refazendo o traçado do entendimento corporal, enfatizou em especial quatro deles para que o corpo alcançasse o espaço de destaque que tem hoje. Seriam eles: a intensidade dos meios de comunicação (publicidade); o movimento de liberação feminino da década de 60; o desenvolvimento da cosmetologia; e a valorização da afetividade dos indivíduos.

---

<sup>21</sup> A referência de Tota é a do *Imperialismo Sedutor: americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*.

<sup>22</sup> Talvez seja um excesso de Tota afirmar que nesse período ocorreu uma americanização do Brasil, mas Tota tem razão ao sinalizar para a sedução que os americanos exerceram e exercem na cultura, nas políticas, nas instituições, na economia e na realidade cotidiana brasileira.

Para esta autora, o foco da problematização da beleza<sup>23</sup> passa para a intimidade pessoal, com uma pedagogia das condutas expressas pelo método da beleza que se interioriza, cabendo a pessoa a responsabilidade de amar e se cuidar.

Das transformações percebidas nesse período, para Eric Hobsbawm (1995) os jovens foram os mais influenciados ou encantados. Ao analisar a revolução cultural afirma que o entendimento desse movimento pode ser elaborado a partir das relações entre sexos e gerações. Mostra como a juventude se transformou em um grupo com *“consciência própria que se estende da puberdade até a metade da casa dos vinte e se tornava um agente social independente”* (HOBBSAWM, 1995, p. 317).

Um estilo de mobilização e contestação social com jovens inovando estilos, com um espírito mais libertário, iniciou-se nos anos 60. Uma cultura underground, cultura alternativa ou cultura marginal, focada principalmente para as transformações da consciência, dos valores e do comportamento, na busca de outros espaços e novos canais de expressão para o indivíduo e pequenas realidades do cotidiano.

A chamada *Contracultura* pôde ser vista como um ideário que colocou em dúvida valores centrais vigentes e instituídos na cultura ocidental. Com o vultoso crescimento dos meios de comunicação, a difusão de normas, valores, gostos e padrões de comportamento se libertavam das amarras tradicionais e locais ganhando uma dimensão mais universal e aproximando a juventude de todo o globo.

Embora na década de 1950 tenha surgido nos Estados Unidos, o primeiro grande grupo de contra cultura o *Beat Generation* (Geração Beat) que eram jovens intelectuais que contestavam o consumismo, o otimismo do pós-guerra americano, o anticomunismo generalizado e a falta de pensamento crítico, foi na década de 1960 que o mundo conheceu o principal e mais influente movimento de contra cultura já existente, o movimento “Hippie”.

Os “hippies” adotavam um modo de vida comunitário ou estilo de vida nômade, negavam o nacionalismo e a guerra do Vietnã, abraçavam aspectos

---

<sup>23</sup> Estou falando da beleza idealizada pela moda, pela mídia, pela indústria cosmética, dentre outros movimentos que resultam no consumo. Portanto, uma beleza estimulada, até mesmo imposta.

de religiões como o budismo, hinduísmo, e/ou as religiões das culturas nativas norte-americanas e estavam em desacordo com valores tradicionais da classe média americana.

Do ponto de vista da aparência corporal tendiam a usar cabelos e barbas mais compridos do que o considerado "elegante" e discreto. Muita gente não associada à contracultura considerava os cabelos compridos uma ofensa, em parte por causa da atitude iconoclasta dos hippies, às vezes por os acharem "anti-higiênicos" ou os considerarem "coisa de mulher". Usavam roupas de cores brilhantes, e alguns estilos incomuns, tais como calças boca-de-sino, camisas tingidas, roupas de inspiração indiana. Tinham predileção por certos estilos de música, como rock psicodélico e soft rock . O amor livre e outros valores deste movimento, como a ioga, as diversas formas de meditação, o tai-chi-chuan, a medicina indiana, japonesa e chinesa, como a ayurvédica, o do-in e a acupuntura, e também uma dietética vegetariana e macrobiótica se espalharam por várias partes do mundo. O encontro dessas práticas e saberes corporais com conhecimentos legitimados no ocidente moderno, denominaram-se em cultura corporal alternativa<sup>24</sup>. Entretanto, aqui pontuo que o não compromisso com todas as regras normativas do ocidente deste período não cabe como objeto de estudo desta dissertação, apenas lembrar que o corpo neste período passou por transformações significativas.

Para Hobsbawm as décadas de 70 e 80, apresentaram-se como sendo três as novidades da nova cultura juvenil: **(a)** até então era vista com um estágio preparatório para a vida adulta, mas, em certo sentido, como o estágio final do pleno desenvolvimento humano; **(b)** representava, a partir de então, uma massa concentrada de poder de compra; **(c)** houve uma internacionalização da cultura juvenil, a partir das sociedades urbanas.

O interesse em Hobsbawm, nos termos desta pesquisa, é que ele aponta para as novidades que passam a imperar dos anos 70 em diante. De modo explícito, acompanhando o texto do autor, pode-se dizer que “essa hegemonia cultural não era nova, mas seu *modus operandi* mudara” (HOBBSAWM, 1995: p. 320). Eis aqui a novidade e no que se refere ao corpo,

---

<sup>24</sup> Para aprofunda ver: Corpo Civilizado, Corpo Reencantado: o moderno e o alternativo nas representações do corpo. Leila Marrach Basto de Albuquerque. Revista MOTRIZ - Volume 5, Número 1, Junho/1999.

a juventude dessa época tinha uma relação de buscar ao prazer por intermédio do corpo, numa afronta às regras, à ordem e aos valores do capitalismo.

Então, dedicar ao corpo mais atenção e acumular experiências prazerosas no lazer não são mais excentricidades, parecendo ter alcançado uma idéia social comum, embora na prática, ainda restrita a certos grupos. De uma forma ampla, pelo menos do ponto de vista das propagandas tornaram-se direitos inalienáveis de homens e mulheres de todas as idades<sup>25</sup>. Com isto, se até a segunda guerra estes direitos correspondiam a uma camada específica da população que estava apta a adquirir e a usufruir o que era moderno, posteriormente, o direito à beleza, à atividade física e ao prazer se difundiu amplamente.

Seguramente esses fatores passam a compor o imaginário social, mesmo diante de resistências registradas no período. É nesse contexto político e econômico que coloco em evidência o corpo e, da perspectiva sociocultural, aponto que os cuidados corporais se inserem e se entrelaçam à atividade física organizada como modo operacional de publicidade, higiene, saúde, beleza, sexualidade, transgressão etc.

Ao voltar para as generalidades sobre o corpo, ressalto que é a partir da metade do século XX, pela expansão das atividades físicas; da moda; do aumento da publicidade, do lazer, do cinema e da televisão; juntamente com a difusão de hábitos relativos às práticas de higiene e beleza, pela exposição e centralidade dada ao corpo que se é colocada em jogo às novas práticas e maneiras de lidar com a presença física.

Até os anos 60, a mulher feia era criticada pelo seu triste destino, agora feia é aquela que no fundo não se ama. A beleza virou um direito da mulher e nos últimos tempos do homem também. Para a mulher que antes ficava toda empoeirada e suja com os serviços de casa, foram sendo criados objetos de manejo simples, que em muitos casos não se tem contato com a sujeira. “[...]. *Sem avental, sorridente e descansada, a dona de casa se torna inabarcável. Não sabemos mais se ela está trabalhando ou se divertindo*”. (SANT’ANNA,

---

<sup>25</sup> Para aprofundar sobre essa questão: Mônica Schpun (1999, p. 34-74) e Nicolau Sevcenko (1992, p. 43-73).

1995, p.132)<sup>26</sup>. Neste processo sobrou mais tempo para se cuidar. Neste sentido, para a clientela feminina, começava a ser implantada nas academias a prática da *calistenia*<sup>27</sup> que buscavam nos processos ginásticos o embelezamento e o aperfeiçoamento físico.

A idéia de local apropriado para atividade física vai se ampliando e as academias ganhando mais adeptos<sup>28</sup>. Nesse processo o interessante foi que a musculação fisiculturista e a ginástica para as mulheres não ficaram restritas as academias. Houve publicidade pelos mecanismos de mídia existentes na época e a adesão foi significativa.

Sabe-se que em finais dos anos 60, no que se refere à musculação nos moldes do fisiculturismo, com levantamento de peso, alteres direcionado mais ao público masculino, os concursos de *Mister América*<sup>29</sup> transformaram-se em *Mister Universo*, elaborando outros significados à exposição da masculinidade. Em 1971, com a professora Jack Sorensen, muda os conceitos da ginástica ao criar definitivamente a dança aeróbica, cujo conteúdo era montado com exercícios simples ao som de músicas enfatizando a continuidade.

Até então, a ginástica localizada era a variação da calistenia, atividade física mais praticada nas academias depois da musculação<sup>30</sup>. As informações e as imagens veiculadas da nova mulher influenciada pela revolução sexual permitiram que o conceito de feminilidade passasse por transformações e as apresentações destas atividades físicas buscassem atrair mais participante.

---

<sup>26</sup> Não entrarei nesse mérito, pois não é objeto desta investigação. O que vale neste argumento é o de que a tecnologia incorpora a dimensão da estética e utiliza dessa retórica como instrumento de convencimento ao consumo, ao tempo livre, cuidar de si mesmo e à idéia de beleza.

<sup>27</sup> A *Calistenia* foi o marco do desenvolvimento da ginástica moderna com fundamentos específicos e abrangentes destinada à população mais necessitada: os obesos, as crianças, os sedentários, os idosos e também às mulheres. Com origem na ginástica sueca apresenta uma divisão de oito grupos de exercícios localizados associando música ao ritmo dos exercícios que são feitos à mão livre usando pequenos acessórios para fins corretivos, fisiológicos e pedagógicos.

<sup>28</sup> Segundo Neto, E.; Novaes (1996), a primeira academia de ginástica surgiu em meados de 1930 na Rua Duvivier (Copacabana), sob a responsabilidade da Prof<sup>a</sup> Gretch Hillefeld, que se fundamentava no método de Ginástica Analítica, com adaptações às necessidades e características do povo brasileiro.

<sup>29</sup> Concurso direcionado aos homens mais belos, no que diz respeito a definição dos músculos e do corpo. Esse concurso se assemelha ao de Miss Universo. Para aprofundar ser o trabalho de Courtine (1995).

Nos anos 70, o nome fisiculturismo passou a denominar musculação no Brasil e a atrair novos adeptos às academias. Esse movimento deu-se para tentar acabar com alguns mitos e até mesmo certo preconceito que havia com relação ao halterofilismo, pois pegar peso ou malhar ferro era sinônimo de homens fortes e atividade exclusivamente para homens.

Em paralelo, ao ar livre crescia a febre das corridas incentivadas por Cooper e seus métodos de avaliação de condicionamento físico, o que posteriormente, foram trazidas para dentro das academias com o desenvolvimento de esteiras elétricas com inúmeros recursos que simulam treinamentos intervalados. Na musculação, os filmes de Sylvester Stallone e Arnold Schwarzenegger induziam o treinamento de força e a hipertrofia, um retorno aos anos 50<sup>31</sup>.

É nos anos 80, como indica Courtine (1995), que o body building com novas vestimentas tem um desenvolvimento considerável nos Estados Unidos, trocando as máquinas pesadas dos alteres por aparelhos eletrônicos que medem parte internas do corpo como pulsações e ritmos e passam a ser um modo de vida identificada pelos jovens profissionais urbanos (Yuppies). Estes jovens fizeram deste tipo de aparelhagem um signo essencial de pertencimento a seu grupo.

Com a penetração dessa cultura, o músculo passou a ser um modo de vida para muitos, numa construção concentrada fundamentalmente nos exercícios físicos, cuja prática estava vinculada com o tempo. Na prática, ter músculo, fazer exercícios de levantamento de peso, buscar enrijecimento do tônus deixou de ser privilégio de gênero e difundiu-se pelo mundo, chegando a ser um espetáculo que está nas ruas (Courtine:1995, pp. 83-86).

Entre a multidão dá para reconhecer um praticante de atividade física, principalmente quem faz fisiculturismo, pelas formas que andam e se encontram perto as prateleiras nutricionais. Este acontecimento, sustentado

---

<sup>30</sup>Informações alcançadas pela consultoria dos Descritores em Ciências da Saúde (2004), Biblioteca Virtual. Site: [www.decs.bvs.br/P/decswebp.htm](http://www.decs.bvs.br/P/decswebp.htm). Acesso em dezembro de 2005.

<sup>31</sup> Os filmes de Sylvester Stallone e Arnold Schwarzenegger servem de argumentos para justificar as transformações percebidas nas academias de ginástica. No entanto, sistematizar esse material merecia uma outra pesquisa.

pela indústria, pelo mercado e por um conjunto de prática de massas, formam as tendências corporais de determinados grupos de pessoas.

Vale lembrar que nos anos 80, o Brasil passa por mudanças políticas significativas, mas nos anos 70, marcados pela ditadura militar, viu-se institucionalizada a atividade física como propaganda do governo e estava voltada em todos os ramos e níveis de ensino, subsidiados pelo Estado.

É com a abertura política que aparecem novas formas de organização privada em torno do lazer. As empresas passaram a contratar ex-atletas como seus empregados e garotos propagandas, tudo dentro de uma idéia de conduta saudável e padrão de beleza. Paralelamente a esse processo houve a bandeira anti-drogas, desde as bebidas alcoólicas, o cigarro, a defesa da ecologia, o naturalismo, até o comportamento pelo sexual seguro, posturas conhecidas como *Geração Saúde*.

As práticas físicas valorizadas socialmente, como os esportes competitivos e a exposição corporal durante o verão foram marcos deste período. A calistenia foi abafada porque a ginástica aeróbica alcançou reconhecimento nacional e por ter sido considerada a responsável pela proliferação das academias de ginástica nos centros urbanos.

Por outro lado, as academias de ginástica que não tivessem a modalidade de aeróbica e não se renovassem constantemente, estavam fadadas ao fracasso, a menos que tivesse um público certo para musculação e ou lutas.

As inovações tecnológicas eram constantes. Um exemplo foi o caso da ginástica aeróbica, mas e por gerar alto impacto físico causou muitos micro-traumatismos em face dos saltito e ritmos musicais acelerados. Para amenizar esse problema surgiu a aeróbica de baixo impacto substituindo os saltitos por passadas mais suaves. Um pé deveria estar no chão em qualquer passo coreográfico ou transição.

Da aeróbica derivou a lambaeróbica, o aerodum e o street-dance com mais liberdade de movimentos corporais e mais informais, arrebanhando as pessoas que não se sentiam à vontade com a complexidade que a ginástica aeróbica havia chegado.

Surgem ainda no final dos anos 80, a ginástica localizada desenvolvida com fundamentos teóricos dos métodos da musculação e da calistenia e o step.

As academias de ginástica se transformaram em um lugar de “agito”, de “movimento”, de “vida”. Nem tudo transcorreu sem problemas, pois houve muitos registros de lesões e seqüelas em face destas atividades. Ao mesmo tempo a ciência do esporte e a fisiologia se consolidam no Brasil enquanto área de referência das práticas esportivas.

Dos anos 80-90 em diante, acumulando experiências prazerosas e recebendo mais atenção, o corpo atlético e descontraído faz sucesso e serve de imagem a ser seguida por grande parte das pessoas.

Neste percurso, a ênfase na preocupação individual parece, de um modo geral, ter ficado maior que as preocupações mais coletivas e sociais. Implica dizer, somado ao conjunto de imposições socioculturais ao corpo, que o indivíduo se fechou ao redor de si mesmo e no final do século XX, parafraseando Hobsbawm (1995: p. 328), houve o triunfo do indivíduo sobre a sociedade, este estimulado às seduições do mercado e do consumo como possibilidade de se manter e de aparecer jovem.

A todo instante os novos produtos e as tecnologias aparecem para combater as marcas corporais deixadas pela passagem do tempo. Inclusive Lê Breton (2002) aponta que a anatomia hoje não é mais destino imutável de uma pessoa, a qualquer momento pode-se retocar ou mesmo modificar qualquer parte do corpo; tanto por questões de necessidade ou por gosto pessoal, o cliente e os técnicos, podem decidir mudanças na anatomia do corpo<sup>32</sup>.

Atualmente o corpo está mais visível, publicamente exposto<sup>33</sup>. A preocupação corporal indubitavelmente alcançou novos espaços, principalmente na questão da aparência. As pessoas estão sendo estimuladas constantemente à adesão de certos traços corporais como um emblema a ser seguido e um troféu a ser alcançado.

---

<sup>32</sup> Estas práticas não se restringem somente a serviços legais, o trabalho de Larissa Pelucio (2005, pp. 97-112), intitulado: “Toda Quebrada na Plástica: corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas”, mostra que travestis auto se medicam e aplicam próteses pela necessidade de se alcançar um corpo de ninfeta, garota demasiada jovem.



A título de ilustração de como o corpo vem sendo localizado no cotidiano, na economia e na vida íntima, hoje se dá maior atenção social sobre a dimensão cultural em que se encontra. Não é uma questão brasileira, mas mundial.

Na França, após os anos 80, a proporção de homens que se acham “muito gordo” passou de 24% a 43% (Lipovetsky, 2000: p.136). O maior grupo varejista de artigos esportivos brasileiro tem 2,3 milhões de clientes por ano, num total de 5 milhões de artigos vendidos, se consome 1,6 milhões de pares de tênis para a prática de atividade física. Na indústria de ginástica, movimenta-se atualmente 2 bilhões de reais, somos o maior importador de aparelhos esportivos fabricados nos EUA (Koiti Anzai, 2000: p. 75). Estima-se que no país, mais da metade de cirurgias plásticas ocorridas ao ano são para fins estéticos<sup>34</sup>.

Esse movimento em torno do corpo e da estética tem demonstrado um potencial de expansão dos locais de cuidados corporais e a cada ano vem aumentando significativamente, fato observado desde o prenúncio da elaboração desta pesquisa. Implica reconhecer que essa sobrevalorização do corpo não se restringe aos médios e grandes centros urbanos, embora seja nestes centros, que se apresentam as novas tecnologias de modelações, traduzidas em salões de beleza, clínicas de estética, estratégias empresariais de organização do lazer e do tempo livre, academias de ginástica espalhadas pelos bairros, hipermercados, shoppings etc. Ao certo que essas inovações vão sendo incorporadas e reproduzidas das mais variadas maneiras.

Da leitura de Lê Breton (2002, p. 09), apropriei-me de sua indicação de que o corpo, conseqüentemente o homem, está intimamente relacionado à educação recebida e a expressão corporal de um indivíduo de uma mesma comunidade social é resultante de todas as manifestações significativas deste grupo.

---

<sup>33</sup> Para aprofundar Mirian Goldenberg (Org.). Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

<sup>34</sup> Fonte: Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Segundo essa associação realiza-se em média no Brasil, 616.287 mil cirurgias plásticas, sendo: estéticas 365.698 mil (59%); reparadoras 250.589 mil (41%); mulheres 425.288 mil (69%); homens 190.999 mil (31%); de 07 a 13 anos 49.243 mil (8%); de 14 a 18 anos 78.644 mil (13%).

Dito de outra maneira, um comportamento corporal pode revelar os significados da sociedade a qual pertence e evidencia no âmbito das pretensões da pesquisa, a sugestão de que o corpo e seus cuidados corporais sofrem a influência do social e da cultura. As circunstâncias sociais e culturais modelam os comportamentos de acordo com o contexto e, ao observá-las e entendê-las, são relações que apresentam elementos comuns, sobretudo hoje com a sedução da valorização da imagem pessoal.

Essa sedução pode levar as pessoas em seu cotidiano a determinadas práticas advindas das transformações econômicas, culturais e políticas do mundo global e não exclusivamente pela expressão de uma singularidade fundada apenas na referência interna do indivíduo.

Acrescento nesta perspectiva, o reconhecimento da capacidade inata de manifestações corpóreas que em se tratando de prática de uma atividade física organizada resultam em sensações físicas prazerosas e de bem estar, mesmo que estas atividades encontram-se inseridas num âmbito de valorização social massiva e este controle coletivo não seja absoluto, possibilitando algumas reações singulares.

Os argumentos até aqui utilizados, servem de elementos para explicar os dados coletados em pesquisa de campo, o qual analiso no próximo capítulo. Antes, falo da cidade de Taubaté, local onde privilegiei a escolha da academia de ginástica estudada.

#### **4. A Cidade e a Academia de Ginástica**

Aproximo as discussões que realizei até aqui, a modelação corporal no interior de uma academia de ginástica, influenciada por inúmeros estímulos externos de nosso tempo, com as características peculiares da cidade de Taubaté.

A proposta contida neste tópico é a de explorar os relatos dos entrevistados. Busco a compreensão de como este tipo de espaço colabora na constituição do imaginário sociocultural em torno do corpo e de suas expressões. Procuro não perder de foco, a idéia de que os médios centros

“imitam” as “inovações”<sup>35</sup> irradiadas pelos grandes centros urbanos, subentendido que Taubaté é uma cidade interiorana de porte médio.

Como mencionei na introdução, a cidade se encontra localizada numa das Regiões mais cosmopolita do país: o eixo Rio de Janeiro – São Paulo. De acordo com as estimativas há entre as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, em 1980, aproximadamente 2500 academias. Quatro anos depois esse número chegou a 11000 mil nos dois Estados<sup>36</sup>. Para se ter uma idéia do alcance das movimentações que ocorrem em função dos comportamentos corporais pela via mercadológica, a título ilustrativo, estima-se que este é um dos segmentos que mais cresce economicamente no país. Pode-se afirmar que em se tratando de Taubaté, cidade do interior paulista, observa-se também esta lógica de aumento no número de academias.

No que se refere à circulação de bens, tecnologias e serviços, as academias de ginástica, nos moldes com os quais as conhecemos na atualidade, são espaços urbanos significativos de cuidado e de modelação freqüentados por aqueles que querem, de alguma forma, adequar o seu corpo aos valores estéticos difundidos.

Do ponto de vista das tendências mercadológicas das práticas de atividades físicas associadas a saúde, a estética e a qualidade de vida, as academias de ginástica tornaram-se atraentes para um número expressivo de pessoas. Dia-a-dia, vê-se a abertura de novos espaços, desde as mais simples até aquelas de maior sofisticação. Por que e em que quantidade ocorre abertura das academias de ginástica?

Na busca desses números, entrei em contato com o Departamento de Cadastro de Empresas e com o setor de ISS, ambos da Prefeitura Municipal de Taubaté, para tentar obter informações oficiais sobre esse processo de aparecimento quantitativo de espaços privados de atividades física e estética.

Dentro do sistema de organização administrativo e burocrático da Prefeitura, soube que o município informatizou os dados cadastrais das

---

<sup>35</sup> O conceito de *Inovação*, aqui, é empregado no sentido de novidades, de práticas que podem ou não constituir novas formas de cultura, estilos de vida e comportamentos.

<sup>36</sup> Os números fornecidos pela Fitness Brasil com base em pesquisa realizada pela IHRSA (International Health, Racquet & Sportsclub Association), com ano base 2000/2001, já havia no Brasil 7000 academias de ginásticas. O CONFEF / CREF, por consulta, indicam que este é o número registrado atualmente (2006).

empresas apenas nos últimos anos. Na catalogação de dados anteriores, os registros sobre as academias de ginásticas foram perdidos, ou seja, não tinham um número nem preciso e nem aproximado com relação às empresas individuais e sociedades ligadas à atividade física no município.

É verdade que no período da solicitação encontrei apenas o número de quatro academias, referente aos últimos cinco anos. Esse número reduzido de registro, pois na cidade sabe-se que há muitas empresas com mais de quinze anos, trouxe um apontamento levantado pelo próprio departamento de cadastro imobiliário municipal, qual seja: “os profissionais se registram como autônomos, não aparecendo como empresa ou academia de ginástica”.

A entrevistada “**M.F.41**” corrobora esta afirmação:

Nos últimos anos [...], acho que deu um boom de academias. Abriu muitas principalmente de 90 para cá. Eu acho que tem um negócio de valor, umas 5 delas são mais procuradas e o clube<sup>37</sup>. Eu me lembro que antes tinha umas 3/5 academias em 84 ... naquela época era muito aeróbica, aeróbica, depois venho step, veio ... eles vão variando o repertório porque senão fica uma coisa massante, rotina e a pessoa quer sair da rotina quando vem para academia. Depois começou a aparecer umas academias menores, agora todo bairro da cidade tem mais que 1 academia, tem rua que você vê 3 ou 4.

Como mencionado acima, em décadas anteriores já havia locais para a prática de atividade física. A novidade ou o novo dessa prática é que nos últimos anos ocorre uma radical modificação no perfil dos praticantes e dos locais das atividades. Que mudanças são essas? Deslocada a reflexão à cultura e às relações sociais, no que tange as produções simbólicas ou as subjetividades, como se pode pensar o corpo e as academias de ginástica na atualidade?

De forma mais geral, as práticas de atividade física estavam associadas como instrumentos de contenção do corpo, por intermédio da disciplina. Historicamente, a sistematização da atividade física esta ligada a este controle e a formação das instituições organizativas do mundo moderno.

---

<sup>37</sup> “Clube” é a alusão que as pessoas fazem ao TCC– Taubaté Country Club–, um clube da “fidalguia” taubateana.

Como salientado anteriormente, nos anos 50, o Brasil vive o encantamento com o modo de vida americano<sup>38</sup> e uma das novidades que nos chega é o movimento fisiculturista. O que chamamos de academia de ginástica até o final dos anos 70 e início dos 80 era vinculada à prática de atividades marciais e de musculação-fisiculturista. Era, inclusive, um espaço masculino e as pessoas, de algum modo, tinham vínculos ou constituíam laços de amizade. O relato de “**S.M.41**” é interessante, pois ao falar do vínculo revela o processo de transformação do formato das academias.

[...], eu fazia atividade física na academia chamada Kodokan, tinha o mestre lá, ele era amigo da família, do meu pai, dos meus avós e eu estudava com o filho dele, então era neste lugar que a gente ia, nos anos 70/80 era muito conhecida aqui na cidade, depois acho que acabou, não sei como é que está. [...].

Na cidade de Taubaté, a atividade física estava cercada por um ambiente onde as pessoas se conheciam de outros espaços sociais, como o familiar. Os garotos que tinham condições freqüentavam as academias de judô, karatê, capoeira ou clubes; aos demais, um dos espaços, era a rua.

Ao pensar sobre os anos 70, um outro meio de se introduzir a uma prática esportiva era a escola: a chamada educação física escolar. Os entrevistados revelaram que gostando ou não desta matéria ela foi uma das principais referências no conhecimento de uma atividade física. “**M. F. 41**” argumenta que:

... eu comecei a fazer atletismo com 10/11 anos na escola, aí eu ficava vendo o pessoal jogar a treinar, aí eu comecei a treinar aqui na cidade. Aqui quem começou a treinar e a me influenciar muito foi o João do Pulo ... aquilo foi me estimulando, eu comecei a gostar, só que meu pai me achava muito magra e ele não queria que eu fizesse atividade física porque eu ia ficar mais magra ainda, naquela época ele achava que isso me desgastava e quando eu estava nas competições estaduais ele me tirou do atletismo, eu fazia 100 metros, 400 e salto de extensão, para mim foi muito frustrante, aí eu fui fazer jazz, fiz dois anos, aí eu fui embora para São Paulo. Como já era adolescente comecei a fazer atividade física em academia e não parei mais ....

---

<sup>38</sup> Sobre a sedução americana: Antonio Pedro Tota. *O Imperialismo Sedutor*. São Paulo,

Esse relato tem semelhanças com o que “**S. M. 41**” apontou:

Sempre gostei de atividade física, desde o tempo de escola eu fazia Educação Física. Nunca fui bom de esporte<sup>39</sup>, de jeito nenhum; não sei jogar bola, não sei jogar futebol de jeito nenhum, não sei jogar basquete, não sei jogar voley, [...], porque eu não sei jogar nada, tinha sempre problemas e eu sempre era o último a ser escolhido; levava na boa porque eu sabia de minhas limitações. Eu acho que eu não tinha aptidão para nada. Oh, para você ter uma idéia, quando eu jogava bola o pessoal me punha no gol. Mas eu gostava de participar, de brincar, foi bom para mim.

As indicações de “**M. F. 41**” e “**S. M. 41**” ajudam a decifrar que naquela época a atividade física tinha um lugar apropriado e permitido.

Já no final dos anos 70 e início dos anos 80 começa a aparecer os indicativos de que as salas de musculação, capoeira, karate e judô, em nome da sobrevivência ou das tendências inovadoras ligadas à moda, beleza e corpo, deveriam re-significar a dinâmica e o formato de seus espaços. Contudo, é nos anos 90 que acontece o aumento do surgimento das academias de ginástica, empresas de organização e administração da atividade física associadas com a idéia de um corpo escultural, este ditado pelos meios de comunicação, marketing e moda. O que era uma sala de musculação, fisiculturismo, passa a incorporar a capoeira, o judô, o karate, a ginástica, a dança e vice-versa.

O que se entende por academia é totalmente distinto das salas de musculação ou práticas de artes marciais dos anos 50. Na atualidade a academia de ginástica ganhou relevância sociocultural, pois conseguiu capturar os significados e os sentidos multifacetados das imagens sobre os corpos num movimento de prioridades necessárias ao bom funcionamento do corpo e da auto-estima.

---

Cia. das Letras, 2000, p. 23.

<sup>39</sup> Não é pretensão da pesquisa trabalhar com a temática do corpo relacionado ao esporte, mas ressalto que aqueles jovens que se destacavam no espaço da rua, dos terrenos baldios, dos clubes e das escolas tinham a possibilidade de demonstrar suas habilidades dentro do esporte de competição.

Para “**M.F.41**”, a atividade física está incorporada em seu hábito e ela não vem na academia para buscar uma forma anatômica “saradona<sup>40</sup>”, como ela denomina. Desloca a questão da prática para a tentativa de se livrar do stress da vida contemporânea e pelo condicionamento físico.

[...]. É legal para mim, para minha cabeça, para as angústias que eu tenho. [...], eu adoro a academia, eu queria ter mais tempo para curtir e praticar outras coisas, meu sonho é participar da maratona de Nova Iorque, eu ainda vou participar, da categoria máster mais eu vou.

Para atender as novas demandas advindas da moda, dos meios de comunicação, da indústria da beleza e cosmética, do sentir-se jovem, da saúde e do ritmo de vida urbano-tecnológico, as academias transformaram o seu interior no formato de shoppings, mesmo nos espaços mais simples buscam seguir essa lógica.

Essa lógica não é a exclusivamente que sustenta o aparecimento, cidade para dentro, de academias de ginásticas. Há uma combinação deste movimento, em face da valorização social da prática esportiva, nos discursos médico-científicos e nas políticas sociais<sup>41</sup>. Na somatória, esses novos valores, indistintamente de gênero, de classe social e de idade, levam um número significativo de pessoas à adesão da atividade física.

Tal movimento pode ser identificado no que “**M.F.41**” narrou sobre sua trajetória. Desta fala se permite a abertura de frestas para pensar a explosão das academias:

Eu acho que apareceu muita academia, muita academia de fundo de quintal por conta da necessidade das pessoas praticarem atividade física; cada um dentro de seu contexto, de seu valor e eu acho isto legal. Todo mundo tem que praticar atividade física, nem que seja no fundo do quintal, mesmo que seja uma lata cheia de cimento. É claro, precisa de uma orientação e fazer a coisa certa, porque tem muita gente que faz atividade em casa e faz tudo errado e ao invés

---

<sup>40</sup> A palavra “sarado” na academia se refere à pessoa que faz musculação e deixa seus músculos em evidência.

<sup>41</sup> Sobre esse aspecto apresentei um trabalho, juntamente com Carlos Alberto Máximo Pimenta, no XI Congresso Brasileiro de Sociologia. Campinas: SBS/UNICAMP, 2003, sob o título: “*O Esporte na Contemporaneidade: juventude e subjetividade*”.

de benefício está se prejudicando. Eu acho muito legal quem faz e não importa a onde. Eu me lembro que antes tinha umas 3 ou 4 academias em 84. Naquela época era muito aeróbica, aeróbica, depois venho step [...], eles vão variando o repertório porque senão fica uma coisa massante, rotina, e a pessoa quer sair da rotina quando vem para academia. [...].

As academias de ginástica compõem um quadro de tendências econômicas, políticas, sociais, culturais e simbólicas que decifram os valores e os sentidos atribuídos ao corpo. Da perspectiva foucaultiana de ser utilitário-dócil à idéia de controle do Estado por intermédio de suas políticas civilizadoras, o corpo, hoje, ganha dimensão autônoma relativa, impulsionada pelas seduições do consumo e das propagandas.

Nesse sentido, dado ao corpo, faço dois questionamentos sobre as relações corpo-cultura e corpo-sociedade, os quais responderei tendo como referência os relatos dos entrevistados. O primeiro, de ordem cultural, diz respeito a como os sujeitos pesquisados podem produzir sentido aos novos códigos simbólicos estabelecidos no espaço das acadêmicas? O segundo, de caráter exploratório, qual é o olhar dos entrevistados sobre a academia e o corpo? A segunda questão permite um complemento, qual seja: como enxergar as relações produzidas no cotidiano de uma academia e estabelecer vínculos com a realidade social?

Acredito que, do segundo capítulo em diante, analisar os relatos dos sujeitos que praticam uma atividade física dentro de uma academia de ginástica e no contexto da cidade de Taubaté, pode contribuir para a visualização do que está contido no significado sociocultural em torno do corpo, nos termos desta tentativa de ideal corporal por intermédio da modelação corporal.

Voltado para consolidação deste esforço investigativo é que se adentra no espaço de concentração de modelação corporal: a academia de ginástica, que em meu ver se apresenta como um espaço relevante para o entendimento das novas relações e interações sociais em um contexto global.

No caso, acrescento que trarei a questão ao âmbito da cidade de Taubaté, interior paulista, entendendo que os efeitos desses movimentos vezes se acentuam na semelhança, vezes na distinção.



No próximo capítulo, é dentro dessa complexidade que busco vislumbro entender os *aspectos e os sentidos na busca pelo corpo modelado*.

## **CAPÍTULO II**

### **O CORPO: ASPECTOS E SENTIDOS**

Neste capítulo, o corpo: *aspectos e sentidos* faço uma interpretação dos relatos produzidos pelos entrevistados no interior de uma academia de ginástica e das observações realizadas no local. Vislumbrei compreender como os efeitos das mudanças nas últimas décadas orientam a dinâmica da relação do homem com o corpo, sem perder de horizonte a idéia de que os meios de comunicação, a saúde, a estética e o consumo, hoje, são aspectos que interferem nas necessidades recorrentes da pessoa, formatando, pelo menos no campo simbólico, as idealizações em torno do corpo.

Os relatos, somado as observações de campo, são reveladores dos muitos sentidos e significados atribuídos a o corpo em nossa sociedade, estas dimensões, ditas culturais, se configuram também pelo universo do cotidiano. Na resposta à problematização enunciada três são as preocupações desencadeadas neste capítulo, tudo a partir dos relatos e das observações: *o pensar sobre o corpo; a atividade física e a vida cotidiana; e, o esforço pessoal da prática de atividade física.*

Neste sentido, como a anatomia passou a não ser mais considerada um destino da pessoa e o corpo não pode ser mais considerado um local de inviolabilidade, sobretudo, aquelas que têm acesso aos serviços destinados à modelação corporal, as perguntas que orientam a sua elaboração são: em quais processos socioculturais se permite modificar o corpo? Por que a academia de ginástica se transformou em um local importante para as modelações e os cuidados corporais para se alcançar o ideal de beleza, dentro dos padrões estabelecidos na atualidade?

## **1. No Alcance de uma Estética Corporal**

O corpo ao ganhar a aparência jovial, tônus enrijecido, se adequou à estética constituída no social. De alguma forma, a maioria das pessoas tem contato com esses valores e uma parcela considerável da população está sensível a estes estímulos adquirindo o gosto à atividade física.

Dentro desse universo produtor de sentidos ao social e à cultura, gerado por apelos simbólicos, científicos, tecnológicos, se encontram constituídos os valores agregados ao corpo na contemporaneidade: agora, o que pensam os entrevistados?

Aqui se faz indispensável explicitar os relatos, pois esse caminho permite fazer a relação entre o corpo, o simbólico, o social, a cultura e a sociedade. No conjunto dos relatos, uma tendência que surge é a de que o ideal de corpo ficou amplamente difundido. Independente de ser desejado ou adquirido pela ampla maioria das pessoas, há um conjunto significativo de pessoas que sabem qual o corpo valorizado socialmente.

Ao entramos na era dos silicones, das plásticas, do belo espartano, das tatuagens, da musculação, da malhação e do esforço pessoal por parecer bonito, belo e atraente, os símbolos, no que se refere ao corpo na contemporaneidade, compõem os novos quadros de valores, conseqüentemente, os corpos ganham maior exposição, visibilidade pública e erotismo<sup>1</sup>.

Os sujeitos que freqüentam academia de ginástica vêem o corpo dessa forma? A partir dos relatos dos sujeitos de pesquisa, como se pode capturar o alcance da estética da constituição sociocultural em torno do corpo contemporâneo?

Expor os relatos coletados é pensar como se deu o alcance da estética e da saúde da constituição sociocultural em torno do corpo contemporâneo. Ao explorar os fragmentos das entrevistas e identificar a relação entre eles com os motivos da prática de atividade física regular acredito apreender o modo pelo qual a academia de ginástica interpreta o corpo circulante na atualidade.

Como se sabe, a questão dos meios para se gerir o corpo não é nova, conforme aponta Michel Foucault. Em Foucault (1992), tais instâncias de adestramentos foram explicitadas, o corpo abordado enquanto máquina a ser otimizada, disciplinada em sua docilidade e produtividade é obtida por uma dissociação entre corpo individual, como capacidade produtiva, e vontade pessoal, como poder do sujeito sobre a energia do corpo.

Ao refletir sobre os tempos atuais, partindo das sugestões de Michel Foucault (Idem), duas questões merecem considerações: o alcance sociocultural do corpo, em relação a saúde, a estética, a tecnologia e a

---

<sup>1</sup> Não estou fazendo nenhum juízo de valor com relação ao corpo contemporâneo ou ao modo pelo qual a pessoa se apropria desses valores. Apenas, se quer revelar em quais instâncias socioculturais e simbólicas valoriza-se o corpo.

influência dos meios de comunicação; e o que as pessoas demonstram na idealização desse alcance.

Do ponto de vista da interpretação das produções simbólicas, o corpo se caracteriza como um território capaz de promover interfaces entre o indivíduo, suas pretensões e as exigências do social. O relato de “**M.M.18**”, gótico, estudante de filosofia, expressa esse sentimento:

Eu sempre tive disposição mesmo de gordo. O preconceito das pessoas sempre elas tiveram comigo, eu sempre vi, as pessoas chegavam e perguntavam para minha mãe e falava para eu pedalar; falavam para mim que daqui a pouco eu iria querer ir pras baladas. Daí eu falava: “não vou não! Eu não gosto destas coisas”. Nunca fiz questão de emagrecer. As pessoas faziam piadas comigo, eu não ligava, porque eu pensava na riqueza de meu espírito. Não tava nem aí. Não que eu não tinha vaidade, não para emagrecer. Vim para a academia porque meu amigo Daniel falou: “olha meu, você não está fazendo nada mesmo, nem inglês, por que a gente não entra na academia?” Lá, na... “sei lá!” Eu disse: “o preço é uma facada.” Ele insistiu e ele falou o seguinte que me convenceu: “meu você é o vocalista da nossa banda, a gente ensaía, faz coreografia. Você precisa de condicionamento”. Aí eu pensei: “tem lógica isto daí”. Achei um motivo. Vim para cá, na academia, porque as pessoas em relação a banda, elas esperam de um vocalista meio no padrão, um vocalista totalmente fora do padrão com letras de música niilistas e críticas. Meu! Não tem jeito, a gente vai ter que ter um estereótipo meio comum para poder agradar e chegar a algum lugar no que diz respeito a fama. Na verdade eu quero reconhecimento e por mais que seja realista eu também quero atenção.

Com conhecimento que estava acima do peso, no que se refere aos padrões estabelecidos neste contexto, se considerava realmente gordo. Por ser organizador e vocalista de uma banda de rock, entendia que sua gordura excessiva poderia atrapalhar seus planos profissionais. Teve como estratégia fazer atividade física para reorganizar sua obesidade. No diálogo enfatiza não ser adepto do padrão corporal magro, musculatura dura, sarado, mas foi convencido, inclusive por um amigo, que as pessoas poderiam se fixar muito mais em seu visual do que nas letras das músicas ou até mesmo na qualidade na qualidade da banda. Interessante nessa história é que o jovem tem opinião

contrária a certa adequação corporal, mesmo assim, vê-se convencido a adquiri-la.

Destaco: as pessoas que estão na academia respondem a idealização do corpo socialmente construído, mesmo considerando ser crítico, ou adjetivo que o valha. No caso de **“M.M.18”**, a busca pela atividade física só acontece pela necessidade social de cuidar da imagem, embora para ele todo mundo *“é do jeito que bem entende”*, pois acha que *“as coisas não funcionam bem com a estética, não, mas não sou ignorante, sei que as pessoas valorizam”*. Pratica a atividade física para, apenas, reforçar o seu interesse pela música, pois reconhece que a aceitação passa pela imagem. Assim afirma: *“vou cuidar o máximo da mente e do corpo”* e *“se as pessoas quiserem vaiar a banda tudo bem! Agora, vai ser pelo diálogo das músicas e não pelo meu corpo”*.

A questão da aparência mostra-se relevante, embora vários argumentos sejam plausíveis na atenção dada ao corpo, desde a disponibilidade aumentada no número de lugares disponíveis à prática até a ordem médica pelo stress da vida atual ou pela saúde.

No caso de **“M.F.20”**, ela tinha uma constituição corporal magra, porém a sua barriga crescia de modo desproporcional, o que lhe trazia vários constrangimentos:

[...] Antes de eu entrar aqui eu estava com um barrigão enorme, as pessoas achavam que eu estava grávida, é um absurdo, mas é verdade. É porque eu sou magrinha e engordo só na barriga. Daí minha barriga estava gigante e tudo! Daí depois que eu entrei aqui sumiu. As pessoas chegavam a comentar comigo sobre a minha barriga. Meus amigos do curso que eu fazia me perguntavam se eu estava grávida. Outras pessoas que me viam e não conheciam, também achavam. Depois que me conheceram falaram e perguntaram e eu falava que não tinha nada haver. Desde quando eu estou aqui já deu resultado e eu adorei, valeu a pena, para mim não foi sacrifício, eu fico com o cansaço normal da aula, fora isto... tudo bem!

Na sociedade em que o espaço não agrega o gordo, o feio, o deficiente e se clama pelo “parecer ser jovem”, “rígido”, a prática de musculação ganhou ou também o universo feminino e a prioridade para muitos é se cuidar. Para **“D.M.25”**, a vinda das mulheres para musculação ao invés da natação, por

exemplo, se dá pelo padrão estético idealizado. A mulher quando está desproporcional, com o glúteo pequeno, vai procurar uma modalidade que aumente a massa muscular quando está com excesso de peso vai procurar para queimar.

Sabe-se que o efeito da ginástica localizada ou musculação para o aumento ou diminuição de massa muscular é incomparável com o efeito da natação, visto que a natação é uma modalidade aeróbica, pouco significativa em nível de tônus e enrijecimento muscular. **“D.M.25”** ilustra dizendo que na sala de musculação *“as pessoas têm um leque de exercícios, uns 50, com possibilidade de resultar em enrijecimento, isso só para os glúteos”*, enfatiza.

Ao falar de musculação, coxa, braço, perna, glúteos **“D.M.25”** descreve o aspecto da particularidade, da individualização, na atividade de musculação. Reconhece que o aumento de massa muscular é maior nesta atividade do que em uma aula de natação ou de hidroginástica. O melhor para o sistema cardiovascular é a natação, mas aponta que *“cada objetivo tem uma modalidade específica, a adesão à musculação tem um efeito prático, pois o aumento de massa muscular é muito maior”*.

Os praticantes de musculação evidenciaram quais eram suas visões e suas identificações com relação à atividade física e ao corpo, dentro de uma academia de ginástica. No conjunto dos dados coletados, essas identificações perpassam pela aproximação com os valores difundidos no interior da cultura e da sociedade, na produção de comportamentos que contém elementos comuns.

Para um determinado grupo social, o corpo ganha dimensões magras, tônus fortificados, joviais, atléticos, modeláveis aos moldes dos símbolos e das crenças atuais. O ficar magro passa a ser uma valorização social visível às pessoas que se submetem. **“L.F.41”**, ao comentar sobre seu emagrecimento, explicita o reconhecimento das pessoas: *“até a dona da academia me chamou e deu os parabéns. Falou para mim que eu estava ótima e muito bem, porque consegui ficar magrinha. Também fechei a boca”*. Os sacrifícios são incontáveis, as pessoas se esforçam e reorganizam seus hábitos.

O que me chamou a atenção no conjunto dos relatos foi a de descobrir que só ser magro não é um motivo de satisfação com o corpo. É necessário ter o tônus enrijecido. **“L.F.41”** nunca tinha feito nada de atividade física na vida.

Entrou pela primeira em uma academia e permaneceu por 10 anos fazendo ginástica localizada, pois sabia que a localizada tem suas vantagens e é bom para emagrecer. Passou a sentir que sua saúde estava boa e que seu corpo ganhou em flexibilidade, mas tinha, ainda, alguns problemas por ser magra demais.

Na verdade, após ter a sensação física de ser magra queria ter uma definição maior de seus músculos, nas pernas, nos braços, nos glúteos, enfim, ficar enrijecida. Ela enaltece a aula da professora que era muito boa e que deu resultado para o emagrecimento, porém não se sentia dura o suficiente, apesar de ter chegado aos 52 quilos, apenas. “**L.F.41**” conta que *“não estava completa e estava com a sensação de ser uma magra flácida, embora se esforçasse para fazer todos os exercícios de modo correto, braço, perna e esteira”*. Não satisfeita apelou: *“quero pegar músculo”*. Largou a ginástica localizada e passou a fazer musculação, especificamente, para ganhar massa muscular.

Ao corpo interagem significados, ao que parece demarcados pelo estético e pelos meios de comunicação social, subentendidos como bens, valores, símbolos, identidades e identificações, e a sua formatação exerce influência na apreciação pessoal favorável ou desfavorável que a pessoa tem de si próprio ou do outro.

Por intermédio do corpo aceitável se pode, e tem, a sensação de pertencimento e de respeito. Para “**L.F.41**”:

O meu marido falou que eu estava gorda e feia, aí eu me matriculei numa academia e nunca mais parei.... “Meu marido me incentiva, quando eu falo que acho que não venho ele fala para eu ir sim, ele traz, ele incentiva, ele paga academia.”... Um médico ficou conversando comigo e falou que percebeu que eu fazia direito a esteira e viu que eu emagreci...

“**M.F.41**” gosta quando alguém fala que ela está com o abdômen duro ou com uma coxa torneada. No seu entender, esse sentimento contempla a satisfação do universo feminino e na academia esta questão está muito presente de uma forma ou de outra. Na colocação de “**M.F.41**”

[...], quem faz atividade física eu acho que faz uma autopromoção, auto se promove, falando, usando uma roupa que se pronuncia, pô você está trabalhando para



aquilo, isso o ego é massageado quando alguém fala, puxa você está com o abdômen sarado, com uma coxa legal, em caso de homem um peitoral legal, você pode ver que homem quase não trabalha perna, eles trabalham mais braço e ombro, mulher é o que, bumbum, abdômen e coxa.

No conjunto das entrevistas, a idéia pessoal por ter um corpo “belo” encontra-se presente no resultado das identificações que a sociedade estabelece e na medida em que o outro<sup>2</sup> reconhece nessas identificações, em diversos planos e medidas, as respostas partilhadas no social e cultura.

Há uma projeção imaginária a partir de uma necessidade socioculturalmente criada. Dito de outra maneira, na academia de ginástica há um sistema de comunicação conectada com a moda, com a estética, alimentação saudável, a medicina e a biociência<sup>3</sup>.

Existe, na academia estudada, um mural e, de lá, sempre tem coisas interessantes do ponto de vista do corpo que merece leitura dos mais atentos: um informe de saúde, de corpo sarado, de técnicas de rejuvenescimento ou assuntos diversos. Esse mural, aparentemente informativo, alimenta desejos e projeções. “**S.M.41**” aponta que “*sempre leio alguma coisa no muralzinho*”. Ao ler o mural declarou que “*ah! Eu quero ter um abdômen saradão*”. Não mediu esforços e aos poucos foi abandonando sua projeção, pois entendeu que não adianta porque tem gordura localizada na barriga o que dificultava sua pretensão, daí falou, frustrado: “*deixa para lá!*”. Na academia os freqüentadores podem chegar com um objetivo, mas podem ir mudando de idéia com o tempo dependendo do esforço que terá para conseguir alcançar os objetivos imaginados.

Em um campo mais alargado das relações sociais, as pessoas caracterizam o corpo como um instrumento de trabalho, um instrumento de prazer, um instrumento social ou um instrumento físico-psíquico.

---

<sup>2</sup> Na menção da categoria “outro”, estou falando daqueles que, direta ou indiretamente, exercem influência social, política, cultural, econômica, simbólica e subjetiva sobre os valores institucionalizados ao corpo na contemporaneidade. Ao mesmo tempo, esse processo resulta no conjunto das identificações àqueles que observam, olham, praticam, escrevem, prescrevem, modelam, transformam e cuidam do corpo. E, nesse movimento, as identidades ou identificações se constituem.

<sup>3</sup> Mais uma vez ressalto que esse movimento não é uniforme, exclusivo e homogêneo. Embora, pelos veículos de comunicação social, aparente ser hegemônicos e determinantes.

Para muitos, o corpo é tudo. No entendimento de “**M.F.41**”, infelizmente, até para arrumar emprego é necessário estar dentro de um padrão: *“Não digo que você precisa ser uma Gisele Buchen<sup>4</sup>, mas você tem que estar dentro de um padrão. Teoricamente de tantos quilos a tantos quilos”*.

“**M.F.41**” narra à estória de uma amiga, gorda, que pela aparência obesa não conseguia colocação no mundo do trabalho formal, embora tenha uma capacidade impar. A sua amiga tinha 150 quilos e foi para o Rio de Janeiro, fez cirurgia da redução do estômago, resultado: *“já está com 60 quilos e empregada”*.

A questão do corpo modelado ganha relevância na vida de muitas pessoas. Há um “pavor” da gordura ou do peso excessivo e esse “pavor” chega a extremos significativos, em certos casos. Dois relatos merecem destaque, o de “**M.F.41**” e o de “**L.F.41**”. Nos dizeres de “**M.F.41**” o “pavor” ganha a seguinte proporção:

Imagina... Eu nadava 15 km todo dia. Nadava e fazia academia. Foi legal, porque eu só engordei 3 kg e 400g. Sabe! Tive uma gestação tranqüila e com esse (filho) que perdi, (...) com 4 meses de gestação, eu também tinha engordado só 500g. Então, assim, a atividade física hoje já está incorporada no meu hábito, eu não venho na academia assim para ficar saradona. Não, eu venho para academia porque é legal para mim.

No relato de “**L.F.41**” o “pavor” pela gordura ganha a mesma proporção:

Olha! Um dia, faz 1 ano e meio, eu de 59 kg fui para 68 kg. Fiquei desesperada. Eu estava grávida de novo e eu não sabia. Quando comecei a passar mal já tinha engordado. Fui para 68 kg em quatro semanas de gravidez. Daí eu entrei em desespero e falei não quero, não quero. Acho de tanto nervoso eu corria, andava. Acho que era de tanto desespero que todo dia eu fazia uma 1h de esteira e mais 40 min andando. Não sabia o que fazia. Daí eu perdi. Acho que eu não queria mesmo. Não foi por causa disto. Acho que foi a idade mesmo, mas eu não queria mesmo. Daí eu estava tentando voltar ao meu peso mesmo.

---

<sup>4</sup> Alusão que faz a modelo brasileira famosa no mundo da moda.

Para o professor de educação física da academia “**D.M.25**”, na circunstância em que vivemos, para muitas pessoas, o corpo ganha uma importância significativa, em vários níveis. O culto ao corpo está em proporções evidentes para muitas pessoas, sendo que qualquer outra coisa ganha menor sentido do que o corpo. Em sua avaliação pessoal a prática de atividade física não se conecta com a saúde, mas com um padrão corporal que vai desde o esforço físico pessoal nas academias, clubes, nos locais públicos à modificação cirúrgica. Pela sua experiência afirma que a dimensão estética do corpo, é uma realidade. Para ele, as pessoas dão relevância ao estético como sendo o carro chefe de se ter uma apresentação social valorativa do corpo.

Essa necessidade é inventada a partir da noção circulante do padrão de beleza, ilustrada pelas modelos e mulheres altas, sem gorduras e com peitão. Agora, no Brasil, a moda é peitão, bundão e muito silicone. Na academia, diz “**M.F.41**”, as demandas vão ao sentido de se *“ter um glúteo avantajado e uma mama avantajada, num padrão que veio da América e as pessoas seguem a todo custo, uma retaguarda grande e um peito grande”*.

O recorte realizado no diálogo com “**D.M.25**” e “**M.F.41**” pode-se perceber que esse movimento consome determinado grupo de pessoas nas falas e nas projeções. Para “**M.F.41**” uma mulher comum vê a outra mulher na revista e fala: *“nossa, mais ela não tem uma mancha, uma celulite e eu também não quero ter”*. As revistas mostram mulheres maravilhosas e mesmo sendo criadas por computador, a gente quer ficar parecida.

Sobre estes conceitos que circulam pela sociedade, o professor se preocupa, acha perigoso este conceito social de forma física. Ao discorrer sobre suas preocupações, “**D.M.25**”, indica que os valores idealizados em torno do corpo-consumo-estético estão disseminados socialmente e que *“é muito difícil escapar da sedução da boa forma física”*.

As transformações manipuláveis por intervenções cirúrgicas ou tecnológicas a disposição daqueles que querem e podem são sedutoras para muitos. A malhação, o silicone, o anabolizante, o botox, a plástica, a intervenção cirúrgica, a projeção, a auto-estima, o reconhecimento são elementos que compõem um quadro de significados ao redor do corpo tido como belo, com implicações psicossociais severas e que atinge um universo amplo de pessoas:

As meninas ainda em formação são alvos dessa neurose, segundo “**D.M.25**”. Ele salienta que na academia conheceu uma menina de 13 anos que colocou silicone. “*Ela nem tinha maturidade física ou o desenvolvimento adequado e estava partindo para uma coisa absurda*” e o pior, na concepção de “**D.M.25**”, é o médico que “*vai lá e coloca mesmo*” e a “*jovem passa a ter o peito siliconado*”.

O esforço para ser “belo” ou ter um corpo nos padrões estabelecidos não é privilégio de adolescentes e jovens. O movimento intenso entre as pessoas que praticam atividade física regular, os entrevistados da academia de ginástica estudada, é o parecer jovem. A máxima não é ter um espírito jovem, mas, sobretudo, a aparência e o corpo jovem.

A relação corpo e sociedade demarcam uma necessidade evidenciada por parecer e ser jovem. Por sua vez, as pessoas reconhecem que a idade traz pré-noções e preconceitos, deslocando as qualificações à experiência ou à maturidade. Em muitos casos, a idade revelada funciona como um código de barra social, o que leva certas pessoas às ações e às intervenções em favor do rejuvenescimento. “**M.F.41**” deixa claro que essas ações têm repercussões, mas para ela as modelações no corpo tem que esconder a idade, pois

[...], eu não gosto de falar minha idade porque eu sei que tem preconceito. Então, a pessoa pergunta: “quantos anos você tem?” Eu falo: “quanto você me dá?” A pessoa fala: “22 anos”. Então, eu falo: “tenho 22 anos”. Eu sinto isto como um preconceito. No Brasil, eu falo que o seu diploma de graduação vale por 10 anos e passou disto, aos 32, você é velha para o mercado de trabalho. Sabe, tenho uma amiga muito capaz e na época ela me ensinou: “amiga se você um dia passar dos 30 anos e ficar procurando emprego você omiti 10 anos.” Daí eles vão olhar sua aparência e vão ficar com você, mas se eles olharem antes no seu currículo vão falar: “nossa... 40 anos!”. Eles vão achar que você é uma velha, rabugenta, gorda, problemática, solteirona e de óculos. É um país preconceituoso, apesar de não se assumir [...]. Sabe, isto é muito triste!

Na atualidade, apesar de ainda termos em conta o fator idade cronológica como um critério de atribuição de status e de certas expectativas sociais em relação aos comportamentos, gostos e visões de mundo dos grupos

etários, no cotidiano essas expectativas e atributos são confrontados. Considerando certos limites físicos, econômicos e culturais, muitas pessoas com idade considerada avançada podem utilizar e obter os benefícios cada vez mais desenvolvidos das tecnologias oferecidas, pelos cosméticos, exercícios físicos, dietas e ciência. Hoje, na sociedade, percebe-se certa valorização relevante na admiração pela juventude e uma repelência da velhice. A velhice parece estar adiada para longe, de modo que se pode viver bela e feliz “para sempre”.

Se por um lado, graças ao progresso da medicina, a velhice tarda a se fazer presente, de outro, a obrigação de se ter que permanecer jovem para sempre se torna um ônus. Gastam-se fortunas, tempo e disponibilidade para se manter a beleza, sinônimo de juventude<sup>5</sup>.

## **2. Novos Estímulos na Busca pelo Corpo Modelado**

Os meios de comunicação aparecem como uma das agências contemporâneas de distribuição de significado, sentidos e símbolos, juntamente com os conhecimentos científicos<sup>6</sup>, com sutileza, estabelecem outras maneiras de controle muito mais complexas.

No contexto corporal, essas difusões no âmbito do social e da cultura re-significam as práticas e a relação do homem com o corpo e do corpo com a sociedade. Agora, o corpo não é mais um lugar de destino (Lê Breton, 2003: p. 27). Tal afirmação implica na possibilidade do homem modelar e modificar a estrutura corporal.

---

<sup>5</sup> Para aprofundar a idéia da velhice transformada em busca pela juventude, ver: a) Andréa Moraes Alves. “Mulheres, Corpo e Performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas”. In: *Família e Gerações*. Myriam Lins de Barros (Org.), 2006, pp. 67-90; b) Denise Bernuzzi Sant'anna. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

<sup>6</sup>Para Octavio Ianni (2002, pp.69-70) no século XX ocorreram inúmeras inovações tecnológicas, estas adquiriram significados de poderosas e influentes técnicas sociais. O que parece neutro, útil, positivo, logo se revela eficiente, influente, decisivo pela maneira que se insere nas relações sociais, como no caso da ciência e as tecnologias de mídia. As articulações sistêmicas advindas destas esferas adquirem as forças e a abrangência de técnicas sociais de organização, funcionamento, mudança, controle, administração das formas de sociabilidades e dos jogos das forças sociais.

Se as identificações ganham dimensões subjetivas do que venha ser um ideal corporal, essas percepções são constitutivas de novas percepções irradiadas do social. Talvez se houvesse a exploração de aspectos positivos da obesidade, por exemplo, a idéia de estar dentro da normalidade poderia não passar por esse requisito: a idéia da magreza para se alcançar o estético valorizado<sup>7</sup>.

Por outro requisito, o ideal corporal está diretamente ligado ao cuidado, à modelação e à modificação do corpo, nos termos dos padrões de nossa atual cultura difundida pela mídia, pela indústria de cosmético, pelas intervenções corporais. O esforço físico, em uma academia de ginástica, serve tanto à mulher como para os homens como um dos lugares possíveis de enrijecimento corporal, de parecer jovem e de ficar bonito.

Ao ampliar a argumentação, acredito que a televisão não seja o único e exclusivo meio de influência na aderência à prática esportiva, vários fatores, compõem essa estimulação. O professor da academia, “D.M.25”, acredita que a mídia tem um papel importante no sucesso das academias. Para ele a frequência da atividade física aumentou, principalmente agora que a mídia está em cima e expondo mais os benefícios dessa prática. Argumenta: *“infelizmente, a gente sofre uma influência da mídia tremenda, totalmente”*. Para ilustrar sua afirmação dá um exemplo indicando que houve uma série de reportagens na Rede Globo, no Globo Repórter, sobre idosos e a matéria versava sobre os benefícios da musculação para a terceira idade. Segundo ele:

na segunda feira você precisava ver a quantidade de idosos que vieram procurar a musculação, mas assim sem tentar esconder, falavam que vinham porque viram a reportagem na sexta-feira e queriam fazer.

---

<sup>7</sup> Para reflexão a respeito da questão da imagem corporal obesa como negativa socialmente, ver: a) C. Fischler. “Obeso Benigno, Obeso Maligno”. In.: *Políticas do Corpo*. D. B. Sant’anna (org.). São Paulo, Editora Estação Liberdade, 1995; b) V. A. Ferreira. “Obesidade e pobreza: o aparente paradoxo, um estudo com mulheres da Favela da Rocinha. Rio de Janeiro: Cadernos de Saúde Pública, 2005. Estes livros revelaram a complexidade da relação entre obesidade e pobreza, em que os aspectos culturais e materiais de vida, assim como as diferentes concepções de alimentação e de corpo demonstraram ser elementos fundamentais para a análise das múltiplas faces da obesidade no Brasil.

No entendimento deste professor a repercussão da mídia tem um efeito muito maior do que o discurso científico produzido pela área da educação física. Você tenta falar para a pessoa, explicar os benefícios, mas você não consegue convencer muita gente. A veiculação de várias reportagens em relação aos benefícios da atividade física tem um peso muito forte “*quando a mídia expõe o impacto é outro*”, afirma.

A argumentação do professor, embora questione o caráter esvaziado de conteúdos científicos da mídia, mostra as características sedutoras das informações e propagandas, enquanto *máquina de produção de subjetividade*<sup>8</sup>. Para o professor praticar atividade física é ótimo, isto ele não tem dúvidas, mas que fosse representado por posições legitimadas e por pessoas especializadas no assunto, não modelos que nem sabem os fundamentos dos movimentos que estão realizando ou exercitando. “**D.M.25**”, argumenta:

[...], quantas vezes eu vi um ator, um modelo na academia malhando e chega o repórter e pergunta se ele treina, o cara fala um monte de coisa que se você for olhar pelo lado fisiológico não tem nada haver [...]. Você pega qualquer referência bibliográfica séria de musculação e olha o que o cara falou e você vê que só falou coisa errada. De repente estimula uma outra pessoa a fazer o que não é o corretamente prescrito, mas antes dela acreditar em você profissional, ela viu o cara de que gosta [...]. Agora, quando se usa a mídia como um instrumento certo de atividade física quem fala é um professor legitimado, capacitado, quando você dá a ele uma oportunidade para ele de estar na mídia falando e fazendo comentário embasado, um discurso coerente, aí sim. Agora, a procura da atividade física estimulada por profissionais na mídia ainda causa um impacto menor do que o cara que vê o ator ou a atriz falar.

Significativo expressar que os veículos de comunicação de massa, não são os únicos responsáveis pela configuração da importância da atividade física. Sem adentrar no mérito da questão, percebe-se que estes têm participação na constituição da imaginação social, pelo menos no universo

---

<sup>8</sup> A partir de Félix Guattari (1992) é que penso a mídia como uma “*máquina de produção de subjetividade*”.

pesquisado, agregando a idéia de que a saúde/estética estão associados à atividade física.

Por outro lado, “**D.M.25**” coloca também que independente da mídia vem ocorrendo um aumento da frequência nesses espaços. Há um convencimento das pessoas que para ter uma saúde boa, em qualquer fase de sua vida, adolescência, adulta e idosa, a atividade física é importante e isto vem desde a escola fundamental, passa pelos médicos, nutricionistas, psicólogos, por muita gente que sabe os benefícios da atividade física.

A preocupação do professor no que se refere aos meios de comunicação é que a influência da mídia não se resume à busca pela prática ou pelo corpo idealizado, reflete inclusive no como fazer a atividade. A preocupação dele, é em relacionar essa influência com um trabalho coerente às reais necessidades físicas dos praticantes, muitas das vezes incompatíveis com o que a mídia veicula. O professor “**D.M.25**” aponta que o problema é que a pessoa procura na academia o que a mídia divulga, acreditando no que viu ou ouviu nos canais de TV.

Para o professor, além dos profissionais como ele terem que trabalhar com as técnicas da área, tem ainda o papel de convencer o cliente que não é exatamente o que ele viu divulgado, o que pensa ou deseja, será alcançado na atividade física, e isto, não é uma tarefa fácil.

### **3. Implicações na Vida Cotidiana por um Corpo Modelado**

No item anterior, *o novo sentido no alcance da estética corporal*, aponte como o corpo na medida em que as relações no âmbito da cultura e do social produziram a necessidade de se ter certo corpo, dentro de determinado padrão estético. Agora, passo a fazer uma reflexão sobre o modo em que os praticantes de atividades físicas organizam suas vidas cotidianas para ter um modelado, ou seja: jovial, tônus enrijecido, magro, saudável e promova a sensação de infinitude.

Antes da reflexão, entendo que seja importante consignar o que estou denominando de “vida cotidiana” e de qual referência estou partindo. José Machado Pais (2003) ao escrever sobre os enigmas e revelações da vida



cotidiana fornece as pistas à interpretação do cotidiano da academia de ginástica e das pessoas que a frequenta.

Ao demarcar as rotas do cotidiano, Pais (2003, p 29), indica que elas se converteram em permanentes surpresas quando da aproximação ao social. O cotidiano, no interior da contemporaneidade, faz com que a realidade apareça apenas insinuada, sem obedecer a uma lógica linear, e, em seu entendimento é assim mesmo que o social deve ser imaginado e descoberto. Essa posição é justificada pelo autor ao afirmar que a posse do real é uma verdadeira impossibilidade, condição esta para se entender qualquer coisa que se passa no cotidiano.

No universo dos relatos coletados e na observação de campo, a dimensão cotidiana pensada por José Machado Pais se caracteriza como sendo um campo de ritualidades, pois as estratégias utilizadas pelas pessoas compõem-se de certa regularidade, normatividade e repetitividade, respeitado as possibilidades organizativas da vida do praticante.

Nunca é demais lembrar que se está falando de um grupo de pessoas, parte privilegiada que acessa, de alguma forma, os bens e serviços econômicos, políticos, sociais e culturais disponíveis. O acesso e a participação a esses bens e serviços requerem reorganizações do tempo, das atividades, dos hábitos e das rotinas.

O entrevistado “**S.M.41**” afirma que trabalha de segunda a sexta-feira, das 8h30min até às 12h e volta às 13h30min até às 18h. No entanto, tem uma vida ativa e dinâmica, dentro de certa rotina, que o leva a frequentar nas segundas e quintas um grupo de teatro, sempre após as 22h. Nas quartas e finais de semana, um sim e outro não, ficam com a guarda de seus filhos. Só tem a terça-feira e a metade dos finais de semana livre. O curioso, no caso deste entrevistado, é que faz atividade física num horário restrito de tempo nem sempre compatíveis com a idéia de saudável ou qualidade de vida, pois abre mão do horário do almoço e uma alimentação balanceada para estar na academia naquele tempo:

[...]. Eu gosto de fazer na hora do almoço ou a noite. As vezes nas segundas e terças feiras, as vezes nas quintas, duas vezes por semana eu faço na hora do almoço e eu não almoço, como umas frutas, levo umas bananas, é

basicamente isto na hora do meu almoço. Eu como frutas: quatro bananas, uma maçã, tomo um suco, alguma coisa assim, não almoço, nunca me fez falta. Depois volto pro meu trabalho. Venho para academia, faço meus exercícios, mais ou menos 1h, 1h15min, depois tomo um banho super rápido e volto 13h30min. Isso acontece duas vezes por semana e as outras duas vezes eu faço a noite. Saio do trabalho as 18h, vou para casa tomo um café. Daí neste dia eu almoço, não é, aí saio de casa 18h30min e fico 1h e pouco.

A alimentação, somado a regularidade na prática, é um quesito importante no processo para se ter um corpo modelado. Como comenta “**L.F.41**”, além de selecionar a comida, intensificou os exercícios e impôs ao marido e filhos uma alimentação de sua conveniência, dá seguinte forma: *“vocês são magros, mas magros com saúde [...], eles cresceram assim comendo tudo o que eu como. Também, foi assim que eu mantive meu peso”*. Satisfeita conta que *“aposentei a frigideira e parei de comer qualquer coisa. Inclusive nem mais me recordo do gosto de batata frita, só de coisas assadas”*.

Ao falar da prática de atividade física, fala da organização de sua vida cotidiana “**L.F.41**”:

Eu acordo 11h30min e 12h, meu marido trabalha a noite, se eu acordar antes eu fico brava, daí eu venho para a academia depois do almoço, daí eu fico boa, não tenho pressa para ir embora não, não tenho pressa. É bom ter filho grande e tem outra, eles não gostam de almoçar, acho que fui eu quem criou eles assim, porque eles não gostam de acordar e já almoçar, daí eu levanto, tomo café e venho para a academia, por isto eu não almoço, venho na academia e tomo água e suco. Meu filho, um que estuda de manhã, ele acorda cedo vai para a escola, depois chega em casa toma café. Quando eu acordo, ele (o filho que foi à escola) está quase chegando. Se ele chega em casa e tem almoço ele fala que não quer, não gosta, estão acostumados. Depois quando eu chego, vou fazer tudo, a noite que vou fazer comida. A noite eu não durmo, só depois que meu marido chega, é porque eu não tenho sono mesmo.

A idéia de se ter um corpo modelado, no caso pela atividade física, pode fazer com que as pessoas realizem mudanças nos hábitos alimentares e em suas rotinas, o que por vezes demonstram até contradições entre a busca pelo

estético e uma vida tida como saudável. Inclusive, requer a colaboração e compreensão das pessoas com quem se convive.

A gordura ou o excesso de peso passa a ter um significado complexo. Nos últimos anos a sociedade trava uma guerra contra a gordura e o peso excessivo. “**M.M.18**”, desde pequeno sente essa preocupação, sempre sua família e seus amigos se incomodaram com seu peso. Ao confirmar que sempre foi gordo lembra que quando vai ao médico não escapa das cobranças por estar acima do peso. Por outro lado, sempre teve o hábito de comer muita besteira gordurosa e nunca esteve muito preocupado com esse negócio de emagrecer, mas a cobrança social é muito pesada e complicada.

O esforço que as pessoas fazem para organizar suas vidas cotidianas, com a finalidade de se ter um modelado, se caracteriza pela internalização de uma série de símbolos. No âmbito da sociedade, principalmente no que diz respeito à cultura e aos movimentos da atividade econômica, pode ser visto as inovações para se alcançar um determinado corpo.

“**M.F.41**” mostra que:

Tem muita gente que... que tem... Até tem uns transtornos e problemas e jogam isto numa alimentação errada e fica gorda mesmo porque quer ser gorda. Um exemplo disto é aquela Preta Gil, você não vem me dizer que ela gosta de ser gorda, mas ela quer mostrar que gosta de ser gorda, mas ela não gosta, mas com esse boom de mulher gostosa e bonita ela não vai ser procurada, como essas mulheres bonitas da televisão, na revista, na sociedade. Isto para mim é o lado negativo do culto ao corpo, tem o lado positivo e isso para mim é o lado bem negativo. Eu vejo isto nas meninas até as senhoras.

No encaixo deste empreendimento são muitas horas de esforço e de sacrifício, praticamente invisíveis. Uma mudança de hábito que vai desde a disciplina nas atividades físicas até a reeducação alimentar. Na vida de “**M.F.41**” acontece assim:

Eu como 6 vezes ao dia, tomo o café da manhã, o lanche do meio da manhã, o almoço, um lanchinho no meio da tarde e o outro lanche, uma salada, frutas e antes de dormir, uma gelatina ou um leite, um queijo. Eu vario bastante e sempre preocupada com a qualidade, não como carne vermelha, só uma vez por mês. Como muito peixe, muita verdura, muito leite, muita fruta, sempre light e sem

gordura, tudo que é com gordura eu não faço, não faço fritura. Tempo eu arrumo. Se eu tiver que fazer um lanche diferente para mim eu acordo mais cedo. Não tenho preguiça de acordar cedo, lavar verduras, por na solução, lavar de novo, eu gosto de fazer comida, sábado e domingo eu gosto de cozinhar. Meu marido vem de uma família que come bastante gordura, doces, depois que ele ficou junto comigo ele se acostumou e hoje ele gosta e minha filha já nasceu light, eu amamenteei até os seis meses e ela come muita verdura, pão sem miolo, leite desnatado, açúcar light, tudo assim. Lá em casa, então ela já entra neste ritmo de atividade física, adora atividade física também ela faz balé e natação, minha mãe leva terça no balé, a secretaria do meu marido leva segunda e quarta na natação, minha cunhada leva quinta no balé. Por isto que eu moro aqui, porque as pessoas me ajudam.

Acrescenta “**M.F.41**” que a academia de ginástica virou uma extensão da sua casa e são 3 vezes por semana de musculação, 2 de aeróbica. Ela permanece em torno de 3 horas, todos os dias, na academia e arremata: *“o que ajuda também é a comida, como eu mesmo faço minha comida eu cuido”*. Parecer jovem tem uma vinculação direta com a idéia de hábitos saudáveis, associado à alimentação, à atividade física e ao modo de se vestir, para se ter uma aparência enxuta, mas isto requer verdadeiro esforço pessoal.

A padronização do corpo tem implicações socioculturais. Aos olhos do social essa padronização ganha um peso muito forte sobre os significados atribuídos ao corpo e ao seu formato. Agora, qual é o esforço a ser feito? É o que respondo a seguir.

#### **4. O Esforço Pessoal: as ações para se ter um corpo modelado**

Passo a falar do esforço que as pessoas, os freqüentadores da academia de ginástica observada, devem realizar para alcançar o corpo modelado. O parecer jovem não dá resultado sem o esforço e o sacrificio daquele que se dispõe a tanto. A responsabilidade pelo sucesso da atividade é inteiramente transferida aquele que se sujeita à prática de atividade física<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Vale lembrar que, salvo se suas opções para modelação corporal recebam tratamento de outros especialistas, como cirurgias ou tatuagens, não fazem parte das pretensões contidas neste trabalho a relação corpo-cultura alimentar, corpo-compleição física, corpo-etnia ou qualquer outra vinculação do corpo que se possa

Sem esquecer que o tema do corpo na atualidade não se encontra somente no interior das discussões acadêmicas<sup>10</sup>, a prática cotidiana demonstra que o corpo sofre transformações no modo como as pessoas o consideravam e a academia de ginástica, enquanto cuidado e modelação corporal, faz parte deste processo<sup>11</sup>.

Cabe ressaltar, no que diz respeito ao esforço, nem sempre a atividade física é o caminho escolhido. Nas atitudes direcionadas ao corpo aparecem tratamentos dermatológicos, *lifting*<sup>12</sup>, lipoaspiração, cirurgias, implantes de próteses até os casos extremos de uso de drogas, como por exemplos, os anabolizantes<sup>13</sup>.

---

estabelecer com a formação biológica, étnica, cultural etc., pois implicaria em uma nova pesquisa. O foco desta reflexão recai, exclusivamente, na relação corpo-responsabilidade para se ter um corpo idealizado referidos no padrão de beleza utilizado por Lipovetsky (1999; 2000).

<sup>10</sup> Hoje estão em qualquer canal de comunicação social as mudanças que ocorrem a cada dia no corpo. Embora o enfoque dos canais de comunicação e acadêmico, tenham na maioria das vezes objetivos discrepantes, o corpo tornou-se um objeto relevante no interior da vida social. Nas abordagens do corpo como objeto de estudos das Ciências Sociais, embora marcadas pela diversidade, como indica Daisy Stenpansky (1999, p.140), têm como ponto básico comum considerar a história do corpo abandonando o individualismo corpo-mente e visto como expressões de sistemas culturais particulares, historicamente determinados e integrados em uma estrutura social. Isto não significa que o corpo deva compor uma espécie de objeto privilegiado na história das mentalidades, mas sim que as representações em torno do corpo são representações da vida material, supondo relações sociais diferenciadas e específicas.

<sup>11</sup> Embora o enfoque desta dissertação aborde as influências ocidentais no modo de cuidados dado ao corpo, no oriente, como por exemplo na China, indica-se que o imperador Hoang Ti em 3000 AC pregava os exercícios físicos com finalidades higiênicas e terapêuticas, além do caráter guerreiro. Na Índia no começo do primeiro milênio, os exercícios físicos eram tidos como uma doutrina por causa das "leis de Manu", uma espécie de código civil, político, social e religioso. Já na Grécia nomes como Sócrates, Platão, Aristóteles, e Hipócrates contribuíram para a Educação Física e a Pedagogia atribuindo conceitos até hoje aceitos na ligação corpo e alma, por intermédio das atividades corporais e da música, a célebre frase "Mens Sana in Corpore Sano" vem desse período romano. Fonte: Ver Consultoria do CDOF <http://www.cdof.com.br/historia.htm>. Acesso em 12/12/2005.

<sup>12</sup> Cirurgia que isola o músculo da pele, retirando parte dele e, se necessário, costurada as duas bandas do músculo, unindo-as. Em seguida, costura-se a pele. No caso de haver sobra, é esticada e costurada atrás das orelhas, onde são feitos os cortes. Tem-se também o *lifting sem cirurgia, mesolifting* que são injeções de vitamina C em todo o rosto, e *light* aparelho que emite luz infravermelha fria de efeito rejuvenescedor.

<sup>13</sup> Esteróides anabolizantes androgênicos são uma classe de hormônios esteróides naturais e sintéticos que promovem o crescimento e divisão celular, resultando em crescimento de diversos tipos de tecido, especialmente músculos e ossos, mais especificamente produzem efeitos anabólicos e virilização.

As revistas especializadas, durante as estações climáticas do ano, recomendam ou mesmo afirmam que o outono é o período para reparar os danos causados pelo sol à pele e aos cabelos; o inverno é aconselhado tratamentos dermatológicos para rugas, manchas, acne, estria, cirurgias de pálpebra e nariz e as próteses de silicone; a primavera é o último tempo de se dedicar aos corpos para chegar ao verão com as medidas corporais e visuais da anatomia no lugar certo. É esta a época em que as academias têm maior procura de novos alunos, a maioria no desejo de endurecer o físico e perder as gorduras tidas como excesso (GOLDENBERG; RAMOS: 2002, pp. 29-30). Esta constatação foi confirmada durante a investigação de campo, nas leituras de revistas expostas nos murais e nas conversas informais com os colaboradores e os freqüentadores da academia.

As disciplinas para a modelação corporal nos moldes veiculados pelo padrão corporal vigente nas academias, são constituídas de regras rígidas e de ordem expressamente estética, no que diz respeito ao modo de exposição dos corpos. Os freqüentadores da academia, entrevistados, reforçam a tendência de que para atingir a forma ideal e expor socialmente o corpo sem constrangimentos é necessário investir na força de vontade e na autodisciplina e este é um dos lemas difundidos.

Em síntese, a idéia é a de que a atividade física no interior da academia de ginástica, em especial na musculação, tem vinculação direta com os padrões estéticos assumidos pelo corpo, nos moldes apontados nesta articulação textual, e com o esforço necessário disponibilizado pelo praticante para alcançar corpo modelado.

A dedicação, o autocontrole e a adequação de todas as informações fornecidas como um conjunto de obrigações, o praticante imagina ter como recompensa, entre outros benefícios, um abdômen cheio de gomos salientes, nádegas duras e livres de celulites. Expressões tidas como boas relações emocionais e físicas para se fazer os devidos contatos com o mundo contemporâneo, pela porta da frente.

Nestas referências é que o corpo pode ser considerado decente, ou seja, é também se exercitando por intermédio de exercícios físicos rigorosos que se alcança a ausência de marcas indesejáveis como as rugas, as estrias, as celulites, gorduras.

Como frisado no primeiro capítulo da dissertação, a prática regular de uma atividade física, motivado pela busca de um padrão corporal, não está desvinculado das relações mais amplas da sociedade. Num plano geral, está submetido a vários outros movimentos e áreas como as relações socioculturais locais e globais, perpassa pelo consumo e pelo entretenimento, com o potencial de mobilizar um volume de capital.

O corpo participa da intensa mobilização de tecnologia, estimula sentimentos de pertencimento e reconhecimento e, em face de sua visibilidade, passa a ser contemplado socialmente como objeto de relevância.

O professor “**D.M.25**”, ao falar da inserção da mulher na musculação, mostra como o corpo delineado sob determinada forma é o que tem lugar privilegiado socialmente:

Eu atribuo o grande número de mulher na musculação primeiro a mídia, a mídia não perdoa cara, não tem espaço para o feio e para o gordo, não tem não adianta, tudo o que você vê e assiste a pessoa está magra e bonita e antes era uma preocupação muito mais masculina desde quando surgiu a olimpíada, a mulher foi ter espaço depois, com o trabalho, com o salário, a mídia cobra muito, digo isto sobre a televisão no caso, a cultura de massa, você não vê a mídia explorando o lado positivo do obeso, acho que isto mexeu muito com as pessoas e também a independência, a mulher hoje é mais confiante em si, assim como ela provou para os outros que tem capacidade para trabalhar ela também descobriu que tem capacidade de ficar tão bonita como um homem na sala de musculação, acho que é porque a mulher se gosta mais hoje e a prioridade para ela é se cuidar, mas que eu acho realmente é por influência da mídia, porque a gente vivi num espaço que não cabe o gordo, o feio, o deficiente. As mulheres fazem mais musculação hoje ao invés da natação porque 95% das mulheres que vem para a academia vêm pela estética, a mulher quando está desproporcional, ela está com o glúteo pequeno, ela vai procurar uma modalidade que aumente a massa muscular e o efeito da ginástica localizada ou musculação para o aumento de massa muscular é incomparável com o efeito da natação porque a natação é uma modalidade aeróbica e você não tem condições, lógico que uma movimentação de membros superiores e inferiores tremenda, mas a nível de tônus muscular e enrijecimento muscular de hipertrofia já não é tanto porque não aumenta o glúteo.

Na academia de ginástica, a movimentação em face das atividades desencadeadas para se alcançar os objetivos propostos é intensa: aparelhos de musculação, bicicletas, esteiras, pesos, espelhos, música, esforço, suor. Na vida cotidiana do praticante o esforço significa: deixar de comer doces, comidas gordurosas e frituras, reorganizar o tempo, em fase das necessidades da boa “forma”, e mudanças de rotinas. Na prática no interior de uma academia é muita malhação, esforço físico, persistência e disciplina. Para **“M.F.20”**, tudo é uma questão de persistência e disciplina:

[...]. Eu acho que quem pega firme obtém resultado rápido. Aqui, tem que pegar com afinco. Quando eu entrei na academia e tive que fazer musculação, entrou 2 meninos. Um mês depois, um deles era bem gordo, bem gordo mesmo, eles faziam musculação mesmo. Nossa! O menino tá magro, ele enxugou! Eu e minha amiga, a gente sempre fala como ele emagreceu pra caramba: “olha como ele está agora, fino...” Eu acho que é a academia e ele deve estar fazendo um regime alimentar também. Deu muita diferença, eu vi mesmo. Eu acho que a pessoa tem que se dedicar mesmo e com regime alimentar, porque não adianta nada mesmo comer tudo errado, comer fritura, coisa gordurosa e vir aqui na academia.

O rapaz de que **“M.F.20”** fala ter emagrecido assustadoramente trata-se de **“M.M.18”**, o filósofo, cantor de Rock e gótico, pois neste momento apontou discretamente para ele que estava do outro lado do salão de musculação. Quando **“M.M.18”**, fez seu depoimento, relatou que deixou de comer muitas “coisas gostosas”, na intenção de melhorar sua imagem e o seu visual.

Pode-se dizer que o esforço passa não somente pelas dietas, mas pelo percurso insistente nos aparelhos de musculação, neste último, como se o praticante estivesse em uma produção em série; séries que estão diretamente relacionadas com o programa desenvolvido para cada praticante. Há exercícios em que ocorrem três séries de dez movimentos consecutivos e outros com mais ou menos, tudo vai depender do que estiver contido na ficha personalizada.

O fundamental para a realização das atividades seja que o aluno siga corretamente as orientações do professor e as instruções contidas na sua ficha



para alcance do objetivo desejado, nesta academia de ginástica, no trabalho para os diferentes grupos musculares, há inúmeros equipamentos com um ou mais aparelhos.

O jovem “**M.M.18**”, em sua luta pela de mudança no visual, tinha freqüentado outras academias antes desta. Na primeira tentativa escolheu uma academia em seu bairro, mas reconheceu que a lógica da tecnologia e do profissionalismo que devem existir em uma academia o fizeram procurar outro local para sua modelação corporal. Quando chegou nesta em que freqüenta agora, se surpreendeu pelos equipamentos existentes e dizia não ter: *“a preocupação de chegar mais cedo para pegar aparelhos, tem bastante bicicleta, bastante esteira, os professores são mais simpáticos, eu senti mais sinceridade da parte deles”*. Acrescenta: *“é mais cara que a anterior, mas compensa pelo que eles oferecem”*.

A tecnologia, ou a idéia de inovação das técnicas de sedução à aquisição de bens, de serviços e de consumo, parece vir associada a composição socioeconômica do ambiente. Freqüentar uma academia de ginástica não é só saúde e malhação, é também um lugar de pessoas socialmente “aceitáveis”. “**M.M.26**” alega que sempre praticou atividades físicas, e que:

inicialmente, aqui na cidade eu fui numa academia perto da minha casa (academia X). Depois eu fui conhecendo a cidade e ouvindo falar das melhores academias, vim aqui, gostei do espaço, do pessoal e comecei. A maioria das pessoas que vem aqui são engenheiros, médicos, fazem faculdade. Além dos aparelhos aqui serem bons, as pessoas que vem aqui tem um nível social bom, então há advogados, engenheiros da Embraer... É bacana! Eu me dedico, aqui fico 2h, 1h e meia para os exercícios.

A questão socioeconômica apontada acima aparece diluída naquele espaço. Está presente, mas é vista de forma bastante velada. Na academia de ginástica o corpo, dentro das buscas imaginárias, passa a ter o foco das preocupações dos freqüentadores.

Na retomada da questão da técnica e da tecnologia para a boa resposta corporal, os movimentos exigidos do aluno durante os exercícios deve haver atenção e concentração na realização de cada atividade e cada movimento. O

que é novidade nesse processo é que o elemento *prazer* passa a ser indispensável durante esse percurso. Para “**S.M.41**”,

até uns tempos atrás eu fazia os exercícios como um ato mecânico. Hoje em dia eu estou fazendo mais “zen”. Sabe, eu estou fazendo pelo “felling” e não pelo tempo. Agora a sensação física, o que eu sinto é prazer. Me sinto bem, me sinto muito bem. Sinto que sou uma pessoa privilegiada. Eu me concentro muito no meu movimento. Dor, dor se eu sentisse não faria. Há exercícios que realmente são doloridos, mas não é uma coisa ruim, que não possa fazer. [...], dependendo do exercício precisa de esforço. Eu sigo a ficha, a minha ficha é muito grande. Eu fazia 4 vezes por semana, na quarta-feira eu não fazia nada. Então, eu dividia a série em a-b-c. Um dia eu fazia a “a”, se eu não terminasse no segundo dia fazia a “a” de novo; aí se eu acabava começava a “b” e assim ia. Primeiramente eu fazia uma série das três de musculação, porque eu não tinha muito tempo e fazia o aeróbico e o alongamento. Então fazia alongamento, aeróbico e musculação ou então só dava para fazer um dos três. Nem sempre dá para fazer tudo, então a gente prioriza. Eu não pulo exercícios, eu não vou deixar de fazer um exercício que eu não gosto, tem exercício que eu não gosto, sim, mas eu faço. Faço com menos peso, mas faço. Faço porque eu acho importante seguir a série, se está lá é porque tem um motivo.

A dimensão do prazer compreende fazer atividade física em um lugar freqüentado por gente “bonita”, “agitação” e “equipamentos modernos”. O prazer está associado as recompensas por se ter um corpo “legal”.

Outro elemento que aparece como novidade nesse percurso, embora se apresente de maneira distinta entre os grupos presentes no espaço da musculação, é a relação saúde– vaidade–auto-estima. Segundo o professor “**D.M.25**” se a gente for pensar nos objetivos das pessoas que vem para a academia a gente tem que separar por horário. De manhã o público é a terceira idade, eles, num primeiro momento não vêm aqui procurando estética, agora que melhora, melhora, e a estética vem como consequência, esse público especificamente vem por melhora na saúde, para terminar a terceira idade com uma qualidade de vida boa, essa idade é a partir dos 60 anos.

O professor relata de uma maneira geral sobre os freqüentadores por período na musculação. A pessoa mais velha, ao chegar à academia e após

passar por uma avaliação física e médica, fala tudo sobre si, como está. Na maioria das vezes relata que o corpo não responde mais a uma determinada ação como antes, mas tem muita coisa que pode fazer ainda. Este grupo ao falar ao professor sobre o que veio buscar na academia, na natação, na musculação, alega busca por melhora de qualidade de vida, de flexibilidade e para desempenhar as tarefas cotidianas com mais facilidade. Esta é uma parte dos argumentos que segundo “**D.M.25**” eles usam, nesta faixa etária muitos vêm por recomendação médica, falam que estão com início de artrite, artrose e o médico mandou procurar uma academia. Do que as pessoas vêm objetivando saúde, quando elas começam a treinar, considerando as limitações da idade e com o efeito estético bem mais restrito, percebem que ganham massa muscular, resistência cardiovascular. Ao perceberem a melhoria também levam para o lado da estética e ficam vaidosos, começam a aumentar os pesos, começam a se olhar no espelho. O ideal na opinião do professor deveria ser saúde e consequentemente estética, porque se você coloca a estética em primeiro lugar você passa por cima de muitas fases.

No período da tarde, coloca “**D.M.25**”:

o público é jovem, predomina pessoal de 15 a 30 anos de idade, sem sombras de dúvidas se você perguntar para um aluno desse o que você veio fazer na academia ele vai falar, primeira coisa, “eu vim aí cara, quero melhorar um pouco, ficar mais forte”, você não vê ele falar que venho melhorar a saúde, ele veio pela estética, o cara que não fala isto dificilmente está falando a verdade. Isto aparece na entrevista que a gente faz com eles para a avaliação, temos uma lista de perguntas que tocam em hipertrofia, condicionamento e outros, na hora a gente pergunta e ele já te fala, quero perder gordura, ganhar massa muscular, este público jovem/adulto o interesse é predominantemente estético, ele chega uma pedra bruta, você vai lapidando a cabeça dele, ele chega numa visão muito restrita, que musculação aumenta massa muscular e pronto, eles vêm aqui e ignoram trabalho aeróbico e pronto, da esteira, então, devagar você vai mostrando para ele que estética é importante, mas não adianta ter estética sem saúde, que além deles se preocuparem com a estética tem que fazer um trabalho de flexibilidade, um trabalhinho aeróbico, de resistência, de capacidade respiratória, que pela aeróbica também perdem, mas

perdem num ritmo mais lento, entendeu, mas o predomínio sem dúvidas é o interesse pela estética.

Para o professor a noite e a tarde é mais ou menos a mesma faixa etária, há exceções e têm adolescentes consciente, que não vão embora sem fazer a esteira, pois sabem que é importante não sobrecarregar na carga porque querem ficar forte, mas não querem se prejudicar. Entretanto, enfatiza que a maioria se prende muito na questão de estética.

Infelizmente para o professor, a cobrança por um corpo bonito hoje é grande, ninguém quer ser chamado de gordo, quando a pessoa, o garoto, vai namorar ele quer estar bonito, bem apresentável e essa procura pela estética aumentou bastante.

A exposição dos corpos, salvo as exceções, parece estar adaptada, nesses espaços. Verifiquei que a maioria dos frequentadores da academia de ginástica quer mostrar o corpo. Nota-se que nestes casos, a exposição corporal passa evidentemente pelo tônus, pelas formas moduladas e alcançadas. Ao observar as relações produzidas no interior da academia de ginástica pude perceber que, tanto homens como mulheres, neste movimento, passam a frequentar com mais persistência este espaço.

Considerando a chamada terceira idade, o professor da academia, **“D.M.25”**, explicita que:

A verdade é que as pessoas vêm objetivando saúde, mas quando ela começa a treinar, lógico que com as limitações da idade e com o efeito estético bem mais restrito, ela percebe que ganha massa muscular, resistência cardiovascular. Então, ela chega para saúde, mas quando percebe a melhoria também leva para o lado da estética e fica vaidosa. Começa a aumentar o pesinho, começa a olhar no espelho, mesmo na terceira idade.

De alguma forma, nesses espaços de cuidados corporais, as diferentes faixas etárias estabelecem um diálogo com o corpo, cujo fio condutor é certa idéia de saúde combinada com a constituição imaginária sobre a estética. Portanto, atingindo esse padrão, ou pelo menos a busca de atingi-lo, é que ocorre maior exposição do corpo nos espaços públicos, na frente do espelho e perante o outro.

Na medida em que o corpo ganha dimensões mais joviais, parece que a pessoa vai incorporando as maneiras em colocá-lo à exposição. Neste processo, outros adereços atrelados ao corpo, como o conjunto de acessório que as pessoas carregam junto a si, toalhas, bolsas, celulares, outras roupas, revistas, exibição de tatuagens e objetos pregados ao corpo, também fazem parte destas exposições pessoais.

Na observação de “**S.M.41**”, não é todo mundo que coloca em exposição seus corpos, suas tatuagens. Nos homens saradões e as mulheres são mais freqüentes. Na mulher, geralmente no caso das tatuagens, são pequenas localizadas na nuca e tornozelo. O saradões, eles exageram e colocam grandes desenhos pelo corpo. A tatuagem<sup>14</sup> no corpo ganha uma conotação de jovialidade e no entender de “**S.M.41**” *tatuagem e velhice não combinam: “não combina com um velho. Já pensou uma velha, nada contra o velho, com uma borboleta na bunda, deve ser horrível, horroroso, horrível”*.

Ao falar de atividade física, mesmo corriqueira ou não regular, está se falando das tendências e das variáveis consoantes às inclinações de vestimentas, calçados e acessórios “criados” à prática naquele espaço ou grupo. Este fato não se restringe a este ambiente, basta a observação em parques e praças públicas, ruas, avenidas, clubes, supermercados, trabalho, entre outros lugares e logo se identifica os inclinados à moda e ao estilo “malhação”.

Na academia em relação às roupas, sabe-se que é deste jeito por várias explicações. Para “**M.M.41**”, uma das entrevistadas que oferta e esclarece sua posição diante do que se observa. A moda e o conforto das roupas à prática são reais, a indumentária esportiva exige certa comodidade e conforto e, conseqüentemente, promove um estilo. Ela não acredita que “*uma pessoa vai à academia, principalmente uma mulher, com calça de abrigo ou camiseta*”.

Na academia tem moda. E todos os praticantes, de algum modo, se reconhecem como parte desse processo. Para “**M.M.18**” a busca por cuidados

---

<sup>14</sup> Em relação às tatuagens, os entrevistados não a trouxeram para a pauta durante as entrevistas, houve apenas este comentário dito acima. Entretanto, embora não seja objeto desta pesquisa, cabe ressaltar que a realização de uma tatuagem depende das constelações simbólicas ao redor destas situações, variando bastante. Para aprofundar ver: Ferreira “Op. Cit”, p. 72.

corporais, mesmo se vestindo fora dos padrões determinantes, passa pelo mesmo plano simbólico: um ideal de corpo enrijecido e jovial.

Ao reparar na padronização das roupas, “**M.M.18**” descreve que as mulheres usam uma parte apertada por cima de uma coisa menor, o que ele acha ser uma blusinha e uma regatinha que vem por cima e calças apertadas. Algumas vezes é um maiô de três partes e meias torcidas. Salienta: “*depois você vê esta roupa na televisão*”.

Existe uma vestimenta característica para as atividades, advinda de certa moda que as pessoas acabam comprando pelos meios de comunicação e pela adaptabilidade à prática, explicitado por “**M.F.41**” quando fala que “*a moda aparece, eu vejo esse movimento aqui. Não tem como não ver, pois tem um tênis que absorve maior o impacto e, daqui a pouco, você vê o pessoal com este tênis aqui ou uma camiseta*”.

Guardadas as proporções aquisitivas, climáticas, mesmo que as diferenças estejam postas, o vestuário se aproxima. “**S.F.41**”, ao falar das vaidades que percebe no interior da academia de ginástica reforça a existência de uma grife ou moda pertinente à prática da atividade física: “*[...] as pessoas se produzem e [...] fazem questão de grife. Eu não vou falar que a pessoa gosta de se aparecer, é que ela deve ser bem vaidosa, deve ser vaidade*”.

No que se refere ao clima e ao poder aquisitivo, não é minha pretensão comparar os movimentos em torno das academias de ginástica de Taubaté com as do Rio de Janeiro ou de São Paulo. Mas há diferenças, em que pese a tônica se aparentar semelhante. “**M.F.41**” que teve a experiência de morar no Rio de Janeiro e São Paulo voltou seu olhar às diferenças de liberdades no vestuário das cariocas, das paulistas e das taubateanas, nos seguintes termos:

O local da academia é propício para isto. Aqui (cidade de Taubaté) as pessoas se cobrem muito. No Rio não é assim. Lá as pessoas se expõem mesmo. Eu até me assustei porque as minhas roupas eram muito compenetradas, comportadas. Lá são shorts curtíssimos com tops e ninguém usa bermudas, cigarretes, macacão, é shorts e topinho mesmo. Às vezes põem até a parte de cima do biquíni, pois sai da praia e já vai para a academia [...], é outro contexto. Aqui na academia eu acho que as pessoas se encobrem bastante. [...] Aqui uso top mais uma camisetinha por cima. Eu coloco porque eu não quero destoar muito do grupo. Então, eu até coloco uma

camisetinha por cima, pode olhar para você vê todas as meninas estão de camisetinha por cima. Na academia tem muita moda, marca de tênis, meia, tudo combinando, a bermuda com o top, se você vem todo dia com a mesma coisa, não todo mundo, mas tem gente que repara no geral e em tudo. Eu acho que aqui é light e tem uma meia dúzia que olha, mas eu não me incomodo [...]. Em São Paulo isso é bem exposto! Tanto é que eu já tive 4 gavetas cheias de roupas de ginástica. Hoje eu já mudei meu conceito [...], eu tenho um par de tênis e quando acaba este é que eu compro outro. Antigamente eu tinha de 8 a 10 pares de tênis [...]. Esse desfile até tem [...], mas é menor que São Paulo. Eu não sei se as pessoas aqui não se importam ou é o poder aquisitivo que não permiti isto, pois a roupa de ginástica é caríssima.

Na observação da rotina da academia freqüentada a roupa, o tênis e os detalhes estéticos eram minuciosamente identificados. Qualquer um pode identificá-los naquele espaço. No entendimento de “**D.M.25**”, essas peculiaridades de uma academia de ginástica deslocam a atividade física e a qualidade de vida em patamares de desqualificação. Não que não se tenha essas preocupações, mas são secundárias. Ele percebe que os freqüentadores, a maioria, têm uma preocupação intensas com a roupa. Repara que as pessoas se olham e olham no espelho a toda hora.

No cotidiano da academia, “**D.M.25**”, vê pessoas comprando um tênis de R\$ 500,00 (quinhentos reais). Por outro lado, embora seja indiferente, vê complicações quando a pessoa compra o tênis ou uma roupa e faz questão de mostrar que está portando algo sofisticado. Normalmente, afirma que as pessoas têm o prazer de contar a aquisição de roupas ou tênis com determinados preços e quando não contam dão um jeito dos demais ficarem sabendo:

Olha só! Você percebe neles uma preocupação com a roupa, as pessoas se olham no espelho toda hora, claro que não estou julgando o gosto, a pessoa pode comprar e gosta de um tênis de 500 reais tudo bem, mas é diferente você comprar este tênis e roupa e querer mostrar que está com algo deste preço, quando eles não contam isto pra gente, falando que tinha o de 700 reais, elas eles dão um jeito da gente saber, ou é pelo jeito de andar, dá um jeito, agora a roupa a pessoa pára mesmo na frente do espelho e fica se olhando, uma hora ou outra ajeitar a roupa tudo bem, mas a pessoa mostra um excesso de vaidade.

A atenção voltada para a própria pessoa aparece nitidamente no espelho refletindo a auto-imagem e é um dos elementos que permite a observação, pelo próprio praticante, do acerto técnico dos exercícios, mas, acima de tudo, estabelece o elo entre a imagem, a projeção, o simbólico, o estético e as crenças originadas pelas valorizações na sociedade do consumo estabelecido naquele contexto. Por que do espelho nas academias? Tecnicamente na prática da atividade de musculação requer espelho.

Na descrição de “**D.M.25**”, o espelho é utilizado para corrigir os alunos. Tecnicamente, porque o professor não tem condições de permanecer ou dar atenção exclusiva somente para um aluno, é muito difícil. O espelho serve como controle, tanto do professor, quanto do próprio aluno que pode observar como está sendo seu movimento e desempenho durante os exercícios. Como praxe, ao passar um exercício o professor procura pôr o aluno em uma máquina localizada de frente para o espelho, com a preocupação de que ele veja o que está fazendo e corrija as possíveis falhas. Em tese, o professor dá a instrução para fazer o exercício com os pés paralelos, joelho flexionado, cotovelo estendido olhando em frente, concentração na realização da atividade. Na verdade, realça “**D.M.25**” que ao olhar-se no espelho os acertos da elaboração da atividade *“é outra coisa, já tem uma percepção diferente. Portanto, a função do espelho na sala de musculação é auxiliar o aluno”*.

É certo que o espelho pode contribuir ao aprendizado e ao auxílio do aluno para a auto-correção dos exercícios em um aparelho na sala de musculação, na ginástica, na academia ou, de um modo geral, serve de orientação ao praticante na correção da prática. Contudo, “**D.M.25**” também relata que:

teve uma vez que tinha uma menina que ficava de costas para o espelho, todo mundo de frente e ela de costa, não entendia aquilo e falei com ela, daí ela falou que odiava olhar no espelho, o engraçado é que era uma fila de gente olhando para o espelho e só ela de costas.

Este fato demonstra que a função do espelho está para além de uma perspectiva técnica. Foi por intermédio, principalmente do espelho que



observei que os alunos sabem o que ocorre no salão da academia e até em outras partes, pois os espelhos e os vidros facilitam estas observações.

Qualquer pessoa que vá ao pavimento superior onde é a musculação e fique na lateral sentado em alguns bancos disponíveis para descanso ou mesmo para a espera de algum amigo ou outra situação, a primeira vista dirá que todos os alunos estão concentrados em seus exercícios e voltados para si mesmo, pois como as músicas e a televisão ficam num volume muito alto, este não é um lugar propício para conversas, embora vez ou outra algumas pessoas se cumprimentem e um ou outro grupo fique conversando.

Esta é uma situação interessante, pois por intermédio das entrevistas pude verificar que nos relatos aparece o conhecimento que os clientes têm dos outros. Os entrevistados quando se referiam a outro aluno, não sabiam exatamente o nome da pessoa, entretanto, descreviam as competências e eficiências nos exercícios, as roupas e os materiais que usavam, se vinham de carro e qual a marca, bicicleta ou a pé, qual a profissão aproximada, que objetivo buscavam com a atividade.

O relato de “**S.M.41**” mostra o quanto as pessoas não estabelecem comunicações íntimas e diretas no espaço da academia, mas que há uma relação de identificações constituídas. Segundo “**S.M.41**”, pela maneira como se comportam, como se vestem, é que você sabe quem a pessoa é e *“tem o grupo dos advogados, pela cara você vê [...], aqueles caras que chegam com aqueles celularzinho mini, aquele relógio de ouro”* Arremata dizendo de que turma pertence naquele espaço: *“não sei [...], eu acho que estou no grupo dos normais. Com quem eu posso dar oi, eu dou!”*.

Para “**M.M.26**”, na academia tem gente

com dinheiro que se acha o tal. Eu fico na minha, não enchendo meu saco tá bom! Vejo isto pela maneira como se vestem, quando a pessoa tem ar superior de esnobe, pelo jeito de falar, pelo carro, onde mora, onde viaja. [...]. As pessoas vem aqui ou por saúde ou por estética, vem também pode ser para se aparecer.

A entrevistada “**P.F.20**” corrobora com esse relato:

No geral eu acho que todos os lugares são separados em grupos. Aqui dá para você perceber isto, não é muito claro, mas tem o grupo das “patys”, dos “fortões” e dos “iniciantes”. Estes grupos são muitos diferentes. Da primeira vista você não vai conseguir ver, mas na segunda já começa a identificar e um grupo discrimina o outro completamente [...]. Não são todas as pessoas que fazem isto, mas tem as que fazem e ocorre a discriminação sim, principalmente entre as mulheres, homem nem tanto porque eles chegam conversam, ajudam. Mulher não. No olhar acontece muitas coisas, você sente a pessoa te olhando de cima em baixo para ver que roupa você está, para ver se seu tênis é de marca, para ver se você vem bem arrumada.

Mesmo não se evidenciando o contato oral que resulte relações de amizade ou coleguismo entre os freqüentadores da academia, as idéias sobre o “outro” são visualizadas e refletidas pelos praticantes. Neste espaço, as considerações visuais parecem ter uma importância que valoriza e significa os comportamentos e as atitudes dos freqüentadores daquele espaço. Para **“M.F.41”** esse movimento fica evidente ao afirmar que quando passa *“alguém vai olhar para mim e falar: nossa o bumbum dela é pequeno, a coxa dela é fina, nossa o cabelo dela está mal tratado”*.

A prática da musculação passa a ser o local privilegiado para homens e mulheres que, dentro da academia, verbalizando ou não, desejam um corpo esteticamente compatível com os padrões do “malhado”, do “tônus enrijecido”, dentre outros adjetivos.

Em outros termos, na observação de campo das atividades físicas desenvolvidas na academia de ginástica percebi a existência de um número expressivo de mulheres na prática de musculação. Os critérios para a escolha variam, mas a lógica da adesão quase sempre seguem a mesma orientação: “a mídia não perdoa”; “não tem espaço para o feio e para o gordo”, “não adianta, tudo o que você vê e assiste a pessoa está magra e bonita”. Estas são frases recorrentes que escutei no interior da academia pelos entrevistados. Para **“D.M.25”**, antes a musculação era uma preocupação muito mais masculina e se vinculava ao fisiculturismo, na medida em que a mulher foi tendo espaço, descobrindo a plasticidade do corpo com o “levantamento de ferro”, passou a ocupar este espaço.

Acredito que nessa trilha o trabalho seja instigante e no percurso, nos moldes declinados até aqui, as falas dos entrevistados revelem a razão que os levam à prática de atividade física em uma academia de ginástica, mas também são reveladoras das mudanças socioculturais com as quais o corpo de certa parcela da sociedade se re-significa.

**CAPÍTULO III**  
**O CORPO: VISIBILIDADE SOCIAL E IDENTIDADES**

Mostrei no capítulo anterior, tomando como base os relatos dos entrevistados e as observações da dinâmica de uma academia de ginástica, as mudanças socioculturais com as quais o corpo de certa parcela de frequentadores de uma academia de ginástica ganha correspondência e busca re-significação. Neste capítulo, *o corpo: visibilidade social e identidades* realizo discussão teórica sobre as novas relações socioculturais e o corpo, sem perder de horizonte os dados coletados em campo.

Primeiramente recorro-me a algumas considerações do processo de mudanças em que vivemos, levando em conta que estes, de alguma forma, passam pelas idéias corporais em voga na atualidade, não perdendo de vista que, embora o corpo analisado seja o proposto por certo padrão ideal, não é condição de homogeneização, mas sim de intercruzamentos de inúmeras interferências externas.

As preocupações de se poder modelar o corpo, chega para parte da população por vias da tecnologia de informação<sup>1</sup>. É nas últimas três décadas que passa a ser visível as intensas interferências das relações mundiais que interferem na maneira e na percepção de como apreender o contexto mundial<sup>2</sup>.

Antes de adentrar no tema *Corpo e Modernidade Tardia*, como estes dois elementos se correlacionam o que é do interesse direto da dissertação, acredito que se faça necessário uma digressão ao modo pelo qual alguns autores vem indicando os traçados estruturais de nosso tempo, deixando emergir a definição do que venha a ser *modernidade tardia*.

---

<sup>1</sup> Manuel Castell (1998) no artigo “Hacia El Estado Red? Globalizacion econômica e instituciones políticas em la era de la informacion” aponta para os efeitos da chamada globalização na capacidade de intervenção do estado nacional e a emergência de uma nova forma de estado, estado Red, como forma institucional de se responder aos desafios da era da informação, o que me reporto a seu artigo se refere aos argumentos, fatos e observações que sustentam suas discussões. Essa posição não é unânime e Boaventura Sousa Santos (2002, pp. 50-51) se contrapõem explicitamente a este autor indicando que a globalização não é um processo que avança segundo uma lógica e dinâmica fortes o suficiente para se imporem a qualquer interferência externa.

<sup>2</sup> Neste percurso de mudanças, a globalização, conceito em processo de construção, pode envolver vários entendimentos. Os franceses optam por mundialização para se referirem a integração de uma cultura com outra após o século XVIII e internacionalização para o processo de fluxo de relações entre Estado/Nação, neste caminho a globalização é um conceito que se refere às conseqüências destas relações após os anos 70.

Imbricado a esse traçado está presente a discussão do fim ou não da modernidade<sup>3</sup>. Para Boaventura Sousa Santos (2002, p. 26) na atualidade já estamos num período posterior à modernidade caracterizado como um fenômeno multifacetado e complexo de dimensões econômicas, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas. Neste sentido a globalização se apresenta como “( ...) *uma fase posterior a internacionalização e a mundialização porque, ao contrário destas, anuncia o fim do sistema nacional enquanto núcleo central das atividades e estratégias humanas organizadas*”.

Aqui, o termo globalização se refere as formas de interações transnacionais que levaram muitos autores a perceberem este período como rupturas. Desse ponto, procura mostrar a complexidade dos processos sociais inseridos no conceito de globalização. Ao identificar os modos de produção da globalização conclui que não há globalização e sim globalizações, com muitas faces dentro deste próprio sistema.

Considerando-se a globalização como palavra de ordem do atual momento histórico, como um processo impositivo e impessoal, mas que estabelece-se como uma crise, tendo em mente que as culturas nacionais também contribuem para “costurar” as diferenças sobre as identidades, Stuart Hall (1997), acrescenta que o fenômeno da globalização contribui para o deslocamento das identidades culturais: “*A medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural*” (Hall, 1997, p. 74).

Nota-se que o confronto com uma verdadeira gama de identidades culturais é traço marcante da contemporaneidade. E é interessante até que ele ocorra, por certo há um enriquecimento, uma troca cultural, no entanto, é praticamente impossível vislumbrar tudo isso sem negar a tensão entre o global e o local, que, evidentemente, é permeada por interesses outros, afinal, a globalização é um processo desigual e tem sua própria geometria de poder.

---

<sup>3</sup> Essa discussão não é de interesse da dissertação, mas não nego que se faz inerente as apropriações que realizei dos autores utilizados. Razão pela qual deixo consignado esse

Stuart Hall argumenta que este é um processo irreversível e somos desafiados a abrir as fronteiras, permitir que o novo chegue. Isto não é fácil, pela força hegemônica dos que invadem os espaços subalternos e evidencia uma agressiva desigualdade entre “globalizador” e “globalizado”, o que também não se impede formas de resistências.

As recentes transformações experimentadas no tempo e no espaço afetam sobremaneira as relações de toda ordem e evidencia questões latentes a este processo, como exemplo: a *visibilidade social do corpo* e as *identidades*. O fenômeno da globalização permite que a informação chegue em tempo real e estas influências tornam-se mais diluídas no interior das relações.

Em se tratando de corpo, pode-se dizer que esse movimento caracteriza-se no espaço da academia de ginástica não como uma distinção ou como uma diferenciação acintosa, mas como uma busca por semelhanças ou padronizações, tendo como imagem certo corpo idealizável: magro, jovem, tônus enrijecido, considerado como o corpo “decente”.

Na tentativa de refinamento teórico, adentrando nas pretensões específicas da dissertação, busco explorar alguns aspectos com os quais estabeleci diálogos sobre corpo e sociedade, pelas observações, relatos produzidos na academia de ginástica e tendências que re-significam a constituição sociocultural em torno do corpo tido como ideal a ser alcançado por este grupo em pauta, apresentadas no capítulo anterior.

Há elementos positivos e negativos na composição do imaginário social<sup>4</sup> em torno do corpo, os quais merecem aprofundamentos e análise. De imediato, essa disposição permite ressaltar que o corpo idealizado manifesta-se no espaço da cidade, das academias e as dimensões saúde-estética como mais um sentido que se vincula ao processo de valorização corporal.

---

movimento.

<sup>4</sup> Esse trabalho toma como imaginário as concepções de Appadurai (1996, pp. 27-74), que menciona como o trabalho do imaginário hoje é relevante, mostra como a imaginação na atualidade é um fato social. A primeira vista parece um absurdo, mas após a difusão do mundo eletrônico temos nova ordem para imaginação. A imaginação abandonou o espaço específico da arte, do mito e dos ritos entregando-se a lógica da vida ordinária. A

Para responder a argumentação acima, abordo como o corpo ganhou importância em tempos de *modernidade tardia*. Na sequência, explico a visibilidade do corpo, no que tange ao seu reconhecimento social. Esses dois momentos ajudam no entendimento dos novos processos de identidades e identificações produzidas no interior das relações na contemporaneidade.

## 1. O Corpo na Modernidade Tardia

Tenho a predisposição de propor como o corpo se constituiu e se revestiu de importância vital para certos grupos sociais, específicos. Antes, porém, se faz necessário definir o que é “modernidade tardia” e com quem estabeleço aportes teóricos para adensar a reflexão.

Identifico as transformações radicais e drásticas experimentadas<sup>5</sup>, calçado nas sugestões de Stuart Hall (1997), *identidades culturais na pós-modernidade*. Stuart Hall promove uma análise do que chama “pós-modernidade”<sup>6</sup>, a partir das leituras que faz de: Anthony Giddens, no que se refere ao sistema social enquanto descontinuidade entre o tempo e o espaço; David Harvey, no que tange as mudanças, rupturas e fragmentações internas na estrutura da ordem capitalista; e, Ernest Laclau, no que consiste no deslocamento da estrutura de poder, cujo centro foi deslocado e não substituído por outro, mas por uma pluralidade de poderes.

---

imaginação não representa somente um fato cultural, ela age profundamente na política, pois define maneiras de relacionamento no modo de vida.

<sup>5</sup> Para Boaventura de Sousa Santos (2002, pp. 25-29), essas transformações denominadas de “*processos globais*”, ocorrem em função do deslocamento de massa de pessoa pelo mundo, do desenvolvimento tecnológico da comunicação, das transações financeiras em escala global, das minimizações do poder e da soberania dos Estados-nacionais, da abertura das fronteiras para fins de comércio e das interferências globais na cultura local.

<sup>6</sup> Há uma discussão nas Ciências Sociais sobre o que venha ser modernidade ou seu fim. Essa complicada discussão não é objeto de meu interesse, mas saliento que diversos autores denominaram esse período como sendo “*supermodernidade*” (Marc Auge, 1994), “*modernidade líquida*” (Zygmunt Bauman, 2001), “*condição pós-moderna*” (David Harvey, 2003), “*críticas à modernidade*” (Alan Touraine, 1994), “*hipermodernidade*” (Lipovetsky, 2004), entre outros. Em síntese, o debate se estabelece em torno das mudanças no



No entendimento de Stuart Hall, na modernidade tardia as sociedades não se desintegram, não é porque são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades sob certas circunstâncias podem ser conjuntamente articulados. Esta articulação é sempre parcial e a estrutura da identidade permanece aberta.

Tais indicativos servem de orientação para se pensar a constituição da imaginação social em torno do corpo, a academia, a atividade de musculação e as implicações na formação da pessoa. Em outros termos, digo que a pessoa ao se disponibilizar fazer uma atividade física esta convencida de ser, essa atitude, uma necessidade pessoal. Mas, na realidade, com as devidas exceções em face das articulações serem parciais e abertas, o que se observou no universo da academia de ginástica foi que essa necessidade esta fazendo parte de um imaginário coletivo, cujo código considera o corpo como uma instância de modelação, significado de saúde, estética, tônus enrijecido, eliminação de gordura e jovialidade.

Na conjuntura de *descentramento* (HALL, 1997, pp. 8-9) das identificações clássicas que orientavam as formações individuais e coletivas, a cultura ganha importante papel no entendimento das dimensões simbólicas em torno do corpo, da academia de ginástica, onde os praticantes de atividade física estão inseridos.

Em termos de transformações, para Boaventura de Sousa Santos (2002), os *processos globais* abrem novas formas culturais, extremamente vinculadas ao consumo. Equivale dizer que pensar o corpo para além das reações singulares, no contexto dos fluxos globais, do desenvolvimento médico-tecnológico e midiático, entre outros movimentos, requer novas configurações e possibilidades de relações corpo-estético.

Com a rapidez do desenvolvimento tecnológico e comunicacional, a subjetividade esta se compondo com os novos elementos transnacionais, isto não significa uma hegemonia cultural, mas sim que novos elementos estão presentes

---

tempo-espaço que configuram a atualidade e se esse movimento se constitui num rompimento ou continuidade, prolongada e em outros marcos, da modernidade.

na vida cotidiana das pessoas. Um desses elementos é o papel central da imaginação nesse processo.

Boaventura de Sousa Santos (2002: pp. 45-46) faz uso de Appadurai<sup>7</sup> e Octávio Ianni<sup>8</sup>, para enfatizar sua posição diante desse processo. Para ele, é por meio da imaginação que os cidadãos são disciplinados e controlados, implicando, inclusive, em outros modelos de mercados e interesses dominantes, bem como a recorrência de novos sistemas coletivos de dissidências e de novos delineamentos da vida coletiva.

Há uma interferência no tempo e no espaço que re-organizam os significados das expressões corporais fazendo emergir aspectos característicos e constitutivos sobre o corpo na contemporaneidade.

As questões que coloco são: como esta interferência chega às relações diárias, mais especificamente em se tratando de pessoas que tem acesso e podem usufruir destes bens de consumo? Por quais caminhos estabelece vínculos com o eixo identificações–cultura–consumo e re-significa as expressões corporais em atividades decorrentes das novas linguagens sociais e culturais?

A estimulação ao apelo por parecer jovem, à necessidade da qualidade de vida em sociedades cada vez mais estressantes e à busca do corpo saudável, ideal e belo fazem com que um número significativo de pessoas se insira em atividade física regular como parte do seu modo de vida e cotidiano. Essa busca por ser jovial está demarcada nos vários espaços sociais, dentre estes, a academia de ginástica.

Apropriando-me de Appadurai (1999, pp. 311-327), entendo que os grupos procuram anexar o mundo global em suas próprias práticas modernas. O imaginário não se refere ao mundo privado do indivíduo, que seria a fantasia, mas a imaginação coletiva. Na tentativa de síntese do pensamento desse autor, relacionado com as questões que formulo, pode-se dizer que após o mundo informatizado temos nova ordem para imaginação. A imaginação abandonou o

---

<sup>7</sup> O texto de Appadurai (1997, p. 5) que foi utilizado por Boaventura: *Modernity at Large*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

<sup>8</sup> O texto de Octávio Ianni (1978, p. 17), utilizado por Boaventura foi *O Príncipe Eletrônico*, uma primeira versão.

espaço específico da arte, do mito e dos ritos, se inserindo na lógica da vida ordinária, do cotidiano. Com isto quero dizer que o trabalho da imaginação parece ocupar um papel central nas escolhas dos indivíduos e dos grupos.

Este autor que faz sua análise nos panoramas<sup>9</sup> do mundo global entendendo que há disjunções fundamentais entre economia, cultura e política e que esses novos cenários são o centro do fluxo global, uma vez que o lugar, as pessoas, o dinheiro, a maquinaria, as imagens e as idéias não seguem agora um rumo isomórfico. Em outras épocas já ocorriam disjunções, mas agora, a velocidade, o volume e a escala são tão grandes que são fundamentais para a política da cultura global. Um ponto crítico do processo da cultura global atual é que as disjunções entre as espécies de fluxos globais são intensas e levam as pessoas a viverem em mundos imaginários, mas reais.

(...) um fato importante no mundo em vivemos atualmente é que muitas pessoas do mundo inteiro vivem nesses “mundos” imaginários e não exatamente em comunidades idealizadas, e dessa forma estão aptas a contestar e até subverter os “mundos imaginários” da mentalidade oficial e da mentalidade empresarial que as cercam. O sufixo “panorama” também nos possibilita apontar para as formas fluidas e irregulares dessas paisagens, formas essas que caracterizam o capital internacional tão profundamente como elas caracterizam modas internacionais do vestuário. (APPADURAI, 1999: p. 313)

Ao discutir sobre *culturas juvenis e globalização*, Márcia Regina da Costa (2006, p. 16), fazendo uso de Appadurai, aponta que o imaginário é uma força positiva capaz de estimular uma política de emancipação, mas não nega que é por intermédio do imaginário que os indivíduos são disciplinados e controlados, seja pelo Estado, seja pelas agências e conglomerados multinacionais ou pelo mercado. Neste trabalho as dimensões das novas disciplinas e controles são mais recorrentes.

---

<sup>9</sup> Para Appadurai (1996, p. 40) a globalização não é homogeneização cultural e a esta não deve ser considerada como substância, mas como dimensão de fenômenos sociais. As cinco dimensões dos fluxos globais para ele são: etnospanoramas, midiapanoramas, finanspanoramas, ideoppanoramas e tecnoppanoramas.

No caso específico dos entrevistados e do conjunto das observações realizadas na academia de ginástica, saliento que a imaginação dentro da vida cotidiana destes, parece estar levando as pessoas à busca da juventude, da condição de belo, de saudável e de desejado, enquanto elementos estruturantes de suas vidas. Não se quer mais parecer “velho” ou em processo de envelhecimento, mas jovem, com tônus enrijecido e magro.

Neste período, o contexto sociocultural revela mais uma vez contradições, ao mesmo tempo revelam comportamentos aparentemente singulares, mas que na realidade são parcialmente padronizados. Longe de se afirmar que há uma cultura global e homogênea, os efeitos das interações mundiais se disseminam sob as condições de economia mundial capitalista que abrem espaço para *culturas globais parciais*<sup>10</sup> modelando modos de vida.

O caminho para um corpo esteticamente valorizado passou a ser a busca conduzida pela imaginação de muitos adeptos de uma prática de atividade física. A antropóloga, Ana Lúcia Castro, no trabalho sobre *O Culto ao Corpo*<sup>11</sup>, percebeu que as pessoas a aderirem ao serviço das academias de ginástica revelam que a preocupação com os cuidados corporais é geral entre os sujeitos pesquisados, atingindo todos os setores, classes sociais e faixas etárias.

Essa autora aponta que a prática de uma atividade física, embora se apresente de maneira diversificada e com características específicas entre os grupos de cada modalidade, revelou que a frequência a este ambiente, pode ser paralelamente atribuída ao modo como historicamente os conceitos e os sentidos de saúde e de beleza foram sendo estabelecidos e entrelaçados. Acrescenta que essa busca envolve aspectos prazerosos e a idéia de saúde-estética se apresentam como o principal argumento de motivação à prática de exercícios (CASTRO, 2003: p. 63).

Ainda dentro da trajetória do corpo na modernidade tardia, observa-se que o foco de entendimento dos possíveis significados das dimensões simbólicas

---

<sup>10</sup> Características culturais tidas como semelhantes podem ser parciais, pois podem revelar natureza, alcance e perfil político muito diferente da original. Boaventura Sousa Santos “op. cit” pp. 47-49.

reveladas pelos praticantes de musculação que vinculam corpo-estético é um dos fatores preponderantes que dão sentido à vida destes sujeitos.

Há, num contexto de “avanço” da tecnologia, um conjunto de fatores imaginários que convencem a continuidade da prática ou a culpa pelo “desleixo” com o corpo. Esse conjunto de idealizações, nitidamente reconhecido pelos adeptos dos cuidados corporais, vão desde a informação, os espaços destinados aos cuidados e modelação corporal, a tecnologia dos novos equipamentos, a indústria da beleza, o marketing, o mercado, os vestuários até a necessidade subjetiva de satisfazer a auto-estima ou atender as imposições pessoais das pessoas que se convive.

A chamada “*globalização*” atravessado pela tecnologia de comunicação ao remodelar o mercado e o consumo, dá ao corpo um lugar de destaque. Lê Breton (2003: pp.13-26) ao propor uma cartografia em múltiplas dimensões em seus estudos sobre o corpo, mostra-o transformado cada vez mais em máquina, imune à doença, à deficiência física e até mesmo à morte. O corpo transformado deve substituir o velho corpo biológico, este discurso sobre o fim do corpo não se inscreve mais na metafísica, mas sim no concreto da existência, dada a possibilidade de alterações na nossa corporeidade.

Para Lê Breton, com o desenvolvimento da ciência no século XX, principalmente a biologia, genética e a medicina que tiveram profundas implicações no redimensionamento da categoria corpo e da categoria estética, a revolução estética e o desenvolvimento de novas técnicas têm-se uma relação íntima com o surgimento do paradigma de um corpo *pós-orgânico*. A partir do momento em que a tecnologia permite colocar partes no corpo que são feitos de materiais inorgânicos, pode também, tirar partes deste corpo a bel prazer, basta que para isso uma nova moda sensibilize o indivíduo<sup>12</sup>. O redimensionamento da

---

<sup>11</sup> O trabalho de Ana Lúcia Castro (2003, pp. 28-76), serve como referência inicial às discussões que faço sobre corpo.

<sup>12</sup>No mundo das celebridades há rumores de que as modelos e cantoras como Jennifer Lopez e Beyoncé, além de Thalía e da funkeira carioca Tati Quebra-Barraco, reduziram o tamanho da cintura por meio da plástica que retira as costelas. Os 12 pares de costelas do corpo humano saem da coluna vertebral, contornam o tórax, se unem ao osso do peito

categoria corpo leva tanto a mudanças profundas, como sutis, mas bastante profundas no cotidiano das pessoas que são surpreendidas a cada nova descoberta.

As pessoas hoje estão, na academia de ginástica no caso, realizando atividades corporais simulando comportamentos que anteriormente eram comuns (andar, lavar, limpar). Para estas pessoas, na atualidade, as tarefas e responsabilidades assumidas com a sociedade no cotidiano fizeram com que por vezes sua relação física com o mundo fosse deixada num segundo plano. Entretanto, é esta mesma sociedade que lhes cobra um corpo físico ativamente trabalhado na forma muscular para hiper ou hipotrofia.

Ao universo das pessoas pesquisadas, com o ritmo da vida cotidiana atual, as atividades comuns corporais são pouco solicitadas, mantendo o físico mais passivo que outrora, pois passam boa parte de seu tempo sentadas ou com poucos movimentos. E parece que quando ao corpo são solicitados movimentos específicos como a prática de musculação, resume-se à manutenção da saúde ou à adequação estética.

A existência corporal transferiu muita de suas ações para os objetos materializados, como no caso de um carro realizando tarefas de nosso corpo. A utilização do corpo é apenas parcial ao deixar de ser o centro radiante de existência. Lê Breton (2003, pp. 27-28) afirma que o corpo se tornou um acessório, pois deixa de ser uma unidade fenomenológica do homem para tornar-se um elemento material de sua presença, não sua identidade porque só vai se reconhecer aí em um segundo momento, após modificá-lo.

Para Lê Breton (Idem), o corpo passa a ser um peso, cuja *identidade* é *atribuída* a partir dos valores “dominantes” que circulam no externo. O autor coloca que mudando o corpo pretende-se modificar a vida. Esse, para ele, é o primeiro grau de suspeita de que o corpo é um peso a ser carregado e por isto deve ser transformado.

---

e protegem órgãos como pulmões, fígado, baço e região cardíaca. A cirurgia pode retirar as costelas flutuantes, que são os dois últimos pares, únicos que não se juntam na frente.

Faço um aparte na seqüência de pretensões do texto para agregar, via indicações de Lê Breton, a dimensão imaginária de infinitude pela qual o corpo se institui na contemporaneidade. Hoje, num mundo que se apresenta em profundas transformações<sup>13</sup>, os discursos de transformações corporais, mesmo não sendo homogêneos e por vezes contraditórios, procedem muitas vezes do imaginário, de uma utopia que busca refazer o corpo. Num sentido mais amplo, seria mudando o corpo que o homem chega a salvação, aqui entendida como longevidade, procrastinação, jovialização. Não se trata de contestar a técnica, mas considerar que ter a autonomia corporal, mesmo por um momento, tornou-se um dos traços de possibilidade apenas aparente de nossas sociedades. O argumento de Lê Breton é interessante:

As fronteiras do corpo, que são simultaneamente os limites de identidade de si, despedaçam-se e semeiam a confusão. Se o corpo se dissocia da pessoa e só se torna circunstancialmente um fator de individuação, a clausura do corpo não basta mais a afirmação do eu, e então toda a antropologia ocidental se eclipsa e abre-se par ao inédito. O corpo é escaneado, purificado, gerado, remanejado, renaturado, artificializado, recodificado geneticamente, decomposto e reconstruído ou eliminado, estigmatizado em nome do 'espírito' ou gene 'ruim'. Sua fragmentação é consequência da fragmentação do sujeito. O corpo é hoje um desafio político importante, é o analista fundamental de nossas sociedades contemporâneas. (2003: p. 26)

Ao fechar o aparte, ainda em cima das sugestões de Lê Breton (2003: p. 27), a possibilidade de maleabilidade e de plasticidade tornaram o corpo um lugar comum. Equivale dizer o corpo não é mais um lugar exclusivo da ação temporal ou de uma situação accidental, mas uma matéria prima a modelar, a redefinir, a submeter-se ao *design* do momento. O corpo é uma representação provisória, não é mais uma encarnação irredutível do sujeito, mas uma construção, uma instância de conexão, um terminal, um objeto transitório e manipulável. O corpo tornou-se eternamente uma busca de encarnação provisória de significativo, tarefa

---

<sup>13</sup> Diversos autores denominam esse período de “crise”, por exemplo Lê Breton. No caso, sigo a linha daqueles que entendem esse momento como parte de um processo de

impossível que exige tornar a trabalhar o corpo o tempo todo em um percurso sem fim. No caso, a musculação pode levar a busca e a manutenção de um determinado corpo, porém nunca defini-lo enquanto algo já pronto.

O homem contemporâneo é convidado a construir seu corpo. O corpo passa ser a apresentação da imagem que para certos grupos se consagra como um prêmio. Numa sociedade que preza o individual, cabe a pessoa a decisão e a orientação de sua existência e o corpo tornou-se um empreendimento a ser administrado da melhor maneira possível no interesse do sujeito e de seu sentimento de estética.

O que vale ressaltar dessa discussão é que o imaginário contemporâneo atribui um valor fundamental ao corpo. Após um longo período permanecido discreto o corpo atual se impõe como um lugar relevante do discurso social.

É em torno desse movimento de transformações que passo a falar da visibilidade e, posteriormente, das identidades constituídas a partir da imagem e da imaginação em torno do corpo.

## **2. Visibilidade Social do Corpo**

Neste item abordo a questão da *visibilidade social do corpo*, enquanto um elemento sociocultural capaz de contribuir para desvelar os sentidos atribuídos ao corpo na atualidade.

Pensar a *visibilidade social do corpo* na contemporaneidade, conforme os argumentos teóricos, relatos e observações exaladas textualmente, é indicar que o corpo assume proporções significativas e passa a se constituir numa gama de cuidados, preocupações e intervenções inexistentes até pouco tempo. Conseqüentemente, esse novo movimento interfere nos sentimentos, nas sensações das pessoas, tanto do ponto de vista individual quanto do coletivo.

O corpo compõe o imaginário social coletivo, com interferências na configuração da formação do “Eu”, e o indivíduo, firme nas suas convicções

---

transformação, para o bem e para o mal.



constituídas a partir de instâncias coletivas de produção de sentidos, internaliza, principalmente na atualidade, a modelação corporal como um acontecimento pessoal, exclusivo e diferenciado. Acredita que sejam eles mesmos, os freqüentadores da academia, quem define o corpo desejado.

Falar de *visibilidade social do corpo* ou de *invisibilidade* implica reconhecer no mínimo dois aspectos distintos: os movimentos de grupos de conformação e os de dissidência. Os primeiros são aqueles que querem a igualdade ou aceitam as socioculturais impostas; os segundos travam lutas afirmativas na busca pelo reconhecimento da diferença.

O interesse da dissertação captura os movimentos socioculturais em torno do corpo que se caracterizam pelo alcance da igualdade, do padrão e da estética atribuídas ao corpo, estabelecidos nos símbolos do consumo, das comunicações e produções de valores, de alguma forma, dominantes. Os movimentos socioculturais de afirmação do lugar, das pessoas, da etnia, da sexualidade, compõem um outro aspecto da visibilidade social<sup>14</sup>. Este aspecto não compreende as discussões em questão.

A segunda, Tzvetan Todorov (1996, p. 94), trata deste reconhecimento apontando que existem duas formas de reconhecimento: o de extinção e o de conformidade. Uma se opõe a outra. Uma se refere ao querer ser considerado diferente e a outra semelhante aos outros. Vale lembrar que podemos ser indiferentes à opinião dos outros, mas não conseguimos ficar insensíveis ao reconhecimento da nossa própria existência. Arremata: “[...]. *Nossa incompletude além de ser constitutiva é incurável*” (1996, p 100).

É no bojo deste movimento sociocultural que faço a reflexão sobre a visibilidade social do corpo, especificamente, circunscrita aos praticantes da atividade física musculação, em uma academia de ginástica da cidade de Taubaté, interior do Estado de São Paulo.

Marcadamente, com base na avaliação de “**M. F. 41**”, quem faz atividade física, muitas das vezes a faz com a intenção de autopromoção social, como

pertencimento para um seguimento valorizado socialmente. Essa promoção pessoal acontece quando se usa uma roupa que se é pronunciada nos bastidores da moda e da mídia, e até, na exposição do próprio corpo.

De volta ao sentimento de ter um corpo jovem ou de parecer jovem como uma tradução da negação de que a própria sociedade faz de uma condição sociocultural desfavorável, uma coisa é ser velho, gordo, doente, rabugento e assim por diante, outra coisa é ter idade avançada, aparência jovial, ativo, magra com tons enrijecido.

As pessoas ao aderirem ao serviço de uma academia de ginástica assimilam que a preocupação com os cuidados corporais, embora de origem externa, social, é, entre os sujeitos pesquisados, uma necessidade pessoal, indispensável a sua auto-estima, sentimento de pertencimento e valorização. Esses sentimentos atravessam a noção de faixa etária, sexo, poder econômico<sup>15</sup>.

No interior da academia de ginástica o corpo modelado passou a ser um local relevante de *visibilidade social*, como um conjunto de fatores que se entrelaçou e produziu novas necessidades ao indivíduo, baseado na existência de um modelo a ser seguido, porém nem sempre acessível ou disponível a todos, precisa-se um mínimo de condições para participar deste espaço.

A dimensão sagrada do corpo minimiza-se, pois podendo mexer no corpo, sobretudo no caso das pessoas que têm acesso aos serviços vinculados ao cuidado corporal. O indivíduo pode, além de modificá-lo, receber o reforço socialmente positivo neste comportamento.

Esse reforço levou à institucionalização da necessidade de cuidados corporais e para se obter um corpo valorizado é necessário o esforço pessoal, contribuindo as academias de ginástica para esse empreendimento, nunca sem a presença dos exercícios físicos no cotidiano faz-se indispensável.

O corpo cuidado, definido pela atividade física, preponderante até então da classe média, tornou-se um prêmio para quem consegue eliminar os excessos e a

---

<sup>14</sup> Nesse sentido, ver os trabalhos de Marco Aurélio Paz Tella (2006) e Carlos Alberto Máximo Pimenta (1998), cada qual com a sua pretensão, que realizaram pesquisa nesta linha de apreensão da visibilidade social.

flacidez, tendo a autodisciplina como fator fundamental para se alcançar esta finalidade.

Em quais marcos teóricos penso sobre *visibilidade social do corpo*? É na sugestão de Tzvetan Todorov (1996) que proponho pensar a *visibilidade social do corpo*. Para Todorov o homem é um ser social, constituído nos encontros com os outros.

Em sociedade, esses encontros, segundo Todorov (1996, pp. 22-27), ocorrem porque o homem tem necessidade do outro. Como base teórica faz uso de Rousseau para falar de um sentimento de consideração entre os homens. Afirma que desde que o homem vive em sociedade tem a necessidade de atrair o olhar dos outros sobre si. Segue justificando que os olhos são órgãos especificamente humanos e o outro ocupa uma posição contígua, complementar a da pessoa. Ao ser olhado o homem busca a estima pública e tenta despertar o interesse do outros para seu destino.

Equivale e podendo dizer, tendo como localizador o texto de Todorov, que a sociabilidade não é um acaso nem uma contingência, pois é a própria definição da condição humana. Temos uma necessidade imperiosa dos outros, não para satisfazer nossa vaidade, mas porque somos marcados pela incompletude original. Para este autor, o ser humano difere dos outros animais por possuir além de uma habilidade física uma sensibilidade social, ligar-se aos estranhos para ampliar e reforçar o sentimento de nosso ser.

Dentro das sugestões de Todorov, pode-se dizer que a estética, enquanto utilizada neste trabalho, acompanha a lógica de transformações no espaço-tempo.

No campo do social, a *visibilidade do corpo* impõe um *reconhecimento*. Para Todorov (1996, p. 89), é o reconhecimento que determina mais do que qualquer outra ação a entrada do indivíduo na existência, especificamente humana. Implica, num campo mais alargado de relações, aceitar que o reconhecimento está presente em todas as outras ações. Os freqüentadores da

---

<sup>15</sup> Reforço que essa noção não é do interesse desta pesquisa, razão pela qual não abordo essa temática.

academia sabem qual é o corpo modelado que recebe reforço social e pessoal dos ambientes que convivem.

Em outros termos, o reconhecimento atinge todas as esferas de nossa existência e todas as suas diferentes formas. O reconhecimento pode ser material ou imaterial, a aspiração ao reconhecimento pode ser consciente ou inconsciente. O ser humano pode tentar captar o olhar dos outros pelos diferentes meios: físico, inteligência, voz, silêncio, roupas que exercem um papel particular (TODOROV, 1996, pp. 89-90), pois são literalmente um campo de encontro entre o olhar do outro e minha vontade.

Para “**S.M.41**” e outros entrevistados, a roupa ou a vestimenta é uma forma das pessoas se apresentarem, embora este entrevistado fale que não liga para isto, estava muito bem vestido durante os dois dias de entrevista, em minha percepção, o tênis que usava estava conforme o dos outros alunos, dentro de duas ou três marcas mais famosas no mercado, quanto as roupas, eram impecáveis. Ao falar dos outros, o entrevistado parece falar de si próprio:

Eu não me preparo muito para ir na academia não, eu tenho meus calções são todos velhos, vou com este tênis aqui que é podre, agora que tem gente que realmente faz questão de ir bonitinho, arrumadinho, com roupa combinando com o tênis, isto tem, em algumas pessoas dá para perceber isto, eu diria que não todas, umas 50%, não ... acho que mais, umas 70%, elas, as pessoas estão preocupadas em provar alguma coisa para alguém, eu não sei, pode ser bobagem da minha cabeça, mas as pessoas fazem questão de dizer que é superior em alguma coisa, que é mais bonito, que é mais bem arrumado, mais isto, mais aquilo. É pela maneira como se portam, como se vestem.

Todorov enfatiza que a roupa, consequentemente a escolha da roupa, é um veículo de reconhecimento na medida em que eu, de algum modo, “*escolho minhas roupas em função dos outros, mesmo que seja para eles dizerem que me são indiferentes*” (TODOROV, 1996, p. 92).

Para Todorov, quando não conseguimos o reconhecimento, seja por qualquer motivo, se usa paliativos. Com relação ao universo da pesquisa, um

paliativo que pode ser pensado nos dias de hoje a respeito das academias são as drogas.

Embora, a questão das drogas, no caso mais usado nas academias os chamados anabolizantes, não tenha sido identificada nas entrevistas, o trabalho de Sabino (2002, pp. 164-180) mostra que nas academias do Rio de Janeiro a compreensão das novas formas de construção do corpo estariam associadas a um ideal de beleza e força, aparentemente saúde, erigindo a forma corporal como aspecto central das interações sociais. Com riqueza de detalhes etnográficos, o autor ressalta a importância crucial de que as pessoas “tomam bombas” para se adaptarem a cultura dominante do corpo, como tentativa de se harmonizarem com os padrões estéticos vigentes. Isto se realiza porque os consumidores das drogas apolíneas (em referencia ao deus Apolo) não estão associados a marginalidade, no sentido que os usuários são um tipo de desviante peculiar, ou seja, para alcançar o ideal estético de beleza veiculado, se desvia para poderem se integrar melhor, tanto em relação a eles mesmos, como aos grupos sociais que pertencem.

No trabalho de campo, observou-se que o reconhecimento exigido pelos outros variam em formas, mas está em todos os momentos presente no cotidiano da academia de ginástica. As pessoas na maneira de vestir, andar, fazer os exercícios, olhar, gestualizar acabam por deixar transparecer o modo pelo qual o corpo ganha visibilidade social.

Por outro lado, a invisibilidade social, segundo Todorov (1996), atinge em cheio a autoconfiança, a auto-imagem das pessoas. A invisibilidade social é problema caracterizado como pessoal, porém passa a ser social, e *“é ainda mais dolorosa do que a solidão física, que pode ser resolvida ou amenizada por diversos meios; é viver entre os outros sem deles receber qualquer manifestação”* (TODOROV, 1996, p. 70).

Em se tratando de corpo na sociedade contemporânea, cuja referência passa pela academia de ginástica no sentido da busca por ser jovem, belo, magro, tônus enrijecido, ativo, saudável, a invisibilidade social, ou seja, não alcançar essa

padronização idealizada, remete os freqüentadores ao esforço contínuo e a responsabilidade pela manutenção de sua juventude, beleza e saúde.

Em outros termos, diante de todas as tecnologias a disposição só não promove os ajustes de auto-estima, auto-imagem e autoconfiança quem não se cuida ou não faz esforços pessoais para tanto. O corpo, dentro dos padrões constituídos no imaginário social daquele espaço, parece se apresentar como um sucesso pessoal de visibilidade disponibilizado a qual qualquer mulher ou homem, desde que esforcem, trabalhem e dediquem a isso. Não há espaço à preguiça.

Essa necessidade de atividade e de dinâmica na vida cotidiana coloca em pauta a idéia de disciplina. Com a orientação de que as práticas sociais são resultantes das relações promovidas em determinada sociedade e determinado tempo, abordo como a disciplina pensada por Michel Foucault ganha dimensões complexas dentro do contexto corpo-saúde-estético. Portanto, passo a falar sobre *visibilidades* enquanto argumento para justificar a importância social atribuída ao corpo na contemporaneidade.

O poder disciplinar caracteriza-se em um poder voltado para o "adestramento" dos indivíduos. E, para isso, esse poder utilizará alguns mecanismos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e o exame. A vigilância hierárquica induz, através do olhar, efeitos de poder: o indivíduo adestrado deve se sentir permanentemente vigiado. A sanção normalizadora implica toda uma micropenalidade do tempo, da atividade, da maneira de ser, do corpo, da sexualidade visando os comportamentos desviantes. O exame indica uma técnica de controle normalizante que permite qualificar, classificar e punir ininterruptamente os indivíduos que são alvos do poder disciplinar (FOUCAULT, 1992, pp. 117-192). Se o indivíduo não apresenta um comportamento determinado, é sancionado, punido fisicamente.

A disciplina hoje agrega elementos com outras variáveis de maior flexibilidade, dilui-se na horizontalidade das relações. A disciplina se desloca, em termos de controle do corpo, ou seja, há, na atualidade, um falso afrouxamento do controle objetivo dando a impressão de que de nada se tem controle. Na verdade, o que se vê é um aumento do controle, pois agora a sanção é sobre a afetividade

(sensações e sentimentos) em que o indivíduo sente-se ausente de participar do reconhecimento se não apresentar o comportamento esperado.

Ao explicitar o universo dos sujeitos desta pesquisa pode-se dizer que já não é, somente, o Estado, ou a constituição de uma estrutura de hierarquia institucional vertical, o organizador das disciplinas impostas ao corpo. Houve, diante das transformações em curso, uma diluição de responsabilizações e um deslocamento da hierarquia à horizontalidade.

Na observação de campo aparecem caracterizado essas novas formas de disciplina no entorno do corpo jovem, ativo e saudável, voltadas para “condicionar” as pessoas às regras da sociedade da tecnologia e do consumo.

Ao pensar a disciplina deve-se ter como referência a noção de “descentramento” ou de “deslocamento” em que o poder tomou parte e da necessidade do social promover novos arranjos aparentemente mais abertos ao controle do corpo.

Dentro desse quadro, aponto que a academia de ginástica impõe ao corpo, nos moldes atuais, um dos meios para se alcançar o projeto do corpo padronizado, modificável e modelado. Sob a noção de novas formas de disciplina, em certos grupos as pessoas são punidas ou não ganham o reforço social se não tiverem certo corpo. Sem dúvida, a academia de ginástica tornou-se um local importante para entender a relação corpo-sociedade.

Miriam Goldenberg e Marcelo Silva Ramos (2002), ao analisarem a valorização do corpo nas camadas médias também no Rio de Janeiro, observaram que ele se tornou um valor que tanto identifica um indivíduo como parte de um grupo, quanto o diferencia de outros. Afirmam que o corpo pode sintetizar três idéias, articulados entre si: insígnia ou emblemas; grife ou moda; e, prêmio ou medalha, se houver dedicação e disciplina no alcance do corpo ideal. Para eles,

[...] O *corpo* é, portanto, um *valor* nas camadas médias cariocas estudadas, um corpo *distintivo* que parece sintetizar três idéias articuladas: a de *insígnia* (ou emblema) do policial que cada um tem dentro de si para controlar, aprisionar e domesticar seu corpo para atingir a “boa forma”, a de *grife* (ou

marca), símbolo de um pertencimento que distingue como superior aquele que o possui e a de *prêmio* (ou medalha) justamente merecido pelos que conseguiram alcançar, por intermédio de muito esforço e sacrifício, as formas físicas mais civilizadas. (2002, p. 10)

Das sugestões de Miriam Goldenberg e Marcelo Silva Ramos<sup>16</sup>, apropriado da terceira idéia da relação corpo-idealização do modelado, o que chamaram de “*prêmio*” ou “*medalha*”, para afirmar a idéia de que a atividade física no interior da academia de ginástica, em especial na musculação, tem vinculação direta com os padrões estéticos assumidos pelo corpo. Os freqüentadores da academia não precisam explicitar oralmente qual o corpo desejado, mas todos sabem qual o é.

No que diz respeito ao esforço, nem sempre a atividade física é o caminho escolhido, mas nas revistas especializadas e no mural da academia, o número de artigos referentes, a importância de se cuidar do corpo por meio das práticas físicas são visíveis. A modelação corporal é constituída de regras rígidas, disciplina, mas de ordem expressamente estética, no que diz respeito ao modo de exposição dos corpos. Os freqüentadores da academia, entrevistados, reforçam a tendência de que para atingir a forma ideal e expor socialmente o corpo sem constrangimentos é necessário investir na força de vontade e na autodisciplina.

A dedicação, o autocontrole e a adequação de todas as informações fornecidas como um conjunto de obrigações pode gerar a recompensa, e os benefícios de um abdômen cheio de gomos salientes, nádegas duras e livres de celulites e gorduras que promovem boas relações emocionais e físicas para se

---

<sup>16</sup> Em síntese, esses autores analisaram as reportagens, num exame mais detalhado nos principais jornais e revistas, cuja temática propunham às pessoas comuns falarem sobre nudez e a se despir diante das câmeras, bem como refletir sobre a moral da “boa forma” instaurada em locais como o Rio de Janeiro. Revelaram que o problema para estas pessoas não era exatamente o ficar “nú em público”, mas que este fato mostraria as imperfeições do corpo sem os recursos usuais de disfarces. Ou seja, a preocupação recaiu mais à aparência física e a consideração dos padrões estéticos considerados ótimos do que propriamente dito, a nudez. Citam um maquiador que trabalha em uma revista difusora de padrões de beleza, que enfatiza que as mulheres atualmente são mais paranóicas com o físico do que em qualquer outra época. Para eles, as mulheres querem que o computador, diante das fotos, possa trazer a solução para os problemas da imperfeição corporal.



fazer os devidos contatos com o mundo contemporâneo sem constrangimentos. O olhar na horizontalidade dessas relações, é de todos.

Pelas mudanças ocorridas e advindas das últimas décadas, houve um novo percurso de pertencimento e posse da propriedade corporal como realizações de transplantes de órgãos, cirurgias plásticas, as próteses, clonagem que podem modificar a estrutura corporal<sup>17</sup>.

Nas sugestões de Goldenberg e Ramos, chama a atenção no sentido de que o indivíduo não é mecânico e nem totalmente autônomo na formação de suas identificações e identidade. Pode-se dizer que há certo um relativismo nas identificações do indivíduo para com o grupo e vice-versa. Daí, segundo esses autores:

[...] a importância de considerar que a visão de que um indivíduo pode se tornar totalmente independente da opinião do grupo com o qual se identifica e ser absolutamente autônomo é tão enganosa quanto a visão inversa, que reza que sua autonomia pode desaparecer por completo numa coletividade de robôs. Não se trata de ser “um” para os outros, e para si “ninguém”, uma vez que o fato da conduta, sentimentos, auto-respeito e consciência individual estarem relacionados fundamentalmente com a opinião interna de um grupo não significa tal anulação como indivíduo, que pode escolher pertencer a este grupo e não a outro (2002, p. 21).

A questão da diferença, embora não seja objeto deste estudo, traz uma série de caracterizações na trajetória subjacente à construção da marcação corporal. Se por um lado, há a tendência de normalização corporal dentro de um padrão corporal divulgado, por outro há grupos e pessoas que estão no sentido contrário: a busca pela diferença. O fato é que o corpo passa a ser propriedade do indivíduo. Os estudos da arte e as considerações filosóficas, decorrentes da mudança no valor cultural do corpo, indicam que o movimento de modificar o corpo, pode levar a sensação ou a pretensão de se modificar a condição humana. Os conhecidos casos do australiano Starlac e da francesa Orlan reforçam esta

idéia. Estes colocam objetos nas camadas internas e externas do corpo desrespeitando-o enquanto tabu, para não se tornarem estereotipo do ideal corporal propagado, tentam tratá-lo como um arquétipo demarcando-o com crenças específicas<sup>18</sup>, pessoais.

Com a influência da tecnologia e da publicidade a experiência do simbólico e do sagrado se desloca ao consumo ou a execração deste, mas se fundamenta na substituição do tratamento do espírito para o dos corpos. Corpos, cujos proprietários passaram a ter considerações acentuadas com a aparência física, de uma forma ou de outra.

Ferreira (2006, pp. 169-196) faz uma breve caracterização da trajetória subjacente à construção da marcação corporal, especificamente dos movimentos de *body art* e *body piercing*, mas que auxilia na idéia de que o corpo hoje se torna objeto de manipulações que rompe com o sagrado de tempos anteriores. O uso de marcas corporais que começa por configurar-se como experiência, em casos mais intensos toma a forma de projeto corporal, construído com uma perspectiva de futuro. Quando assume esta amplitude, tende a funcionar como expressão estética simultaneamente identitário e de estilo de vida, orientado pelo valor da diferença.

Ao falar sobre a popularidade, visibilidade e familiaridade social do *body piercing* e das tatuagens na sociedade portuguesa contemporânea, o autor analisa os usos, desusos e abusos das marcas corporais, da experiência ao vício destas marcas, dos constrangimentos à formulação desta marcação. Sugere que neste processo de legitimação, especificamente dos movimentos de *body art* e *body piercing*, as fronteiras entre a arte e a vida vão sendo batidas no corpo por conseqüências esteticamente relevantes e socialmente singularizantes. Então, estas marcas permitem que o indivíduo seja o dono do próprio corpo<sup>19</sup>.

---

<sup>17</sup> Os pesquisadores Beatriz Jaguaribe (1999, p. 22-32), Nízia Villaça (1999, p. 14-21), Ester Kosovski (1999, p. 56-63) fazem este traçado.

<sup>18</sup> Para aprofundar nos casos de Orlan e Starlac, ver: Fernanda Bruno (1999, p. 98-111), Fred Góes (1999, pp. 33-41) e Lê Breton (1995-2003).

<sup>19</sup> Para Ferreira ("Op. Cit.", pp. 182-193) as experiências começam com mobilização experimental e podem se transformar em mobilização projetual, deixa de ser curiosidade, passa à realização pessoal. A vivência desse compromisso, de um determinado ideal de

Da idéia de tratamento dado ao corpo no sentido de ausência de doença e controle das instituições, perante os valores difundidos no interior da sociedade da tecnologia, da informação e do consumo, se refaz a idéia de posse corporal. Na atualidade está associado ao corpo modelado, que pode ter várias visualidades. No que se refere a academia de ginástica, as sugestões de Goldenberg e Ramos, indicam que:

[...]. Este corpo, “trabalhado”, “malhado”, “sarado”, “definido”, constitui, hoje, um sinal indicativo de certa virtude humana. Sob a moral da “boa forma”, “trabalhar” o corpo é um ato de significação, tal qual o ato de se vestir. O corpo, como as roupas, surge como um símbolo que consagra e torna visíveis as diferenças entre os grupos sociais (2002, p. 21).

No que cabe a consideração do comportamento saudável, veiculado na academia, o corpo perpassa pelo cuidado e controle da aparência física, por intermédio dos exercícios físicos e dos avanços tecnológicos alcançados, parece que o homem, aquele que pode usufruir destes benefícios, almeja permanecer são, perfeito e eterno<sup>20</sup>. Para Sant’Anna,

[...] depois do direito ao rejuvenescimento, o direito a permanência. Nem que para permanecer seja preciso trocar de sexo, de sangue, de cabelo, em suma de corpo. E não apenas uma única vez, nem de uma vez por todas. Trocar de corpo sem cessar, de acordo com as circunstâncias, como quem troca de site, de roupa, de shampoo. (1999, p. 24)

No que cabe frisar, há vários indicativos que denotam a possibilidade de modificar o corpo, como apontado por Lê Breton, mas buscar incessantemente o corpo valorizado é uma tarefa árdua. Quando a pessoa se dedica ao cuidar de

---

corporeidade deixa de ser representando como realidade fixa, intocável, sagrada sujeita a sucessivos atos de vontade, porém, como aponta o autor, isto também implica limites, como **abertura para a imprevisibilidade e a questão dos custos**.

<sup>20</sup> Parece que este desejo pela permanência advém do rompimento com cenas de transformação naturais. Os fenômenos naturais estão mais próximos a um movimento exclusivo de comércio do que propriamente dito de perda, nossas relações sociais e pessoais requerem movimentos rápidos de elaboração destas questões, pois a sociedade urbana exige pontualidade nos compromissos assumidos.

uma parte do corpo, este comportamento envolve outras disposições, dietas, mudanças de hábitos, mudanças no cotidiano, não há um comportamento isolado. Ao mesmo tempo em que arruma a flacidez, a gordura, à barriga saliente, precisa arrumar os cabelos que estão sem brilho, o dente que não tem o branco peculiar dos artistas e das propagandas de cosméticos<sup>21</sup>, sem contar mil e outros detalhes que vão se compondo sobre o corpo no imaginário social.

### 3. Em Questão a Identidade

Ao tratar da visibilidade social do corpo, visando apreender a constituição do imaginário, a questão da identidade, ou das identidades, merece atenção diante das transformações promovidas em tempos de modernidade tardia.

Essa apreensão ganha força no relato do entrevistado “**M.M.18**”, gótico, que se dizia não ser influenciado pelos veículos de comunicação, mas, entretanto, de alguma forma, pela via da imagem sociocultural constituída, da linguagem tecnológica, da visibilidade social necessária ao corpo, se vê convencido pelos amigos e a si próprio em eliminar sua obesidade, forçado a reconstituir suas identificações.

Na posição de Stuart Hall (1997), hoje o sujeito não tem mais uma identidade, mas várias. Acredita que vezes elas são contraditórias ou não resolvidas, isto se deve as mudanças estruturais e institucionais da sociedade. Em diversos autores, como por exemplo Zygmunt Bauman (2005; 2001) nos livros *Identidade* e *Modernidade Líquida*, vê-se a concepção de que o conceito de identidade sofre alterações. Este autor remete ao iluminismo quando identidade restringia-se à individualidade do sujeito; um indivíduo totalmente centrado, unificado, cujo centro consistia num núcleo interior.

Seqüencialmente, no que diz respeito à concepção do sujeito sociológico, dialogando com Stuart Hall (1997), este núcleo não poderia ser autônomo e auto-suficiente, mas formado nas relações com outras pessoas que mediavam para o

---

<sup>21</sup> Mesmo colocando outro ideal corporal em questão, como um corpo inteiramente tatuado ou outra expressão, vê-se a necessidade de investimentos, como coloca Ferreira

sujeito os valores, os sentidos e os símbolos. Portanto, a identidade é formada na interação entre o “eu” e a “sociedade”. Significa que o sujeito tem um núcleo interior, mas que são formado e modificado numa vinculação contínua com o externo. No contexto, pode-se dizer que havia um alinhamento dos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos de ocupação no mundo social e cultural. A identidade “colava” o sujeito na estrutura.

Questão de complexidade, devido as mudanças nas estruturas sociais no final do século XX vê-se mudança na caracterização da constituição da identidade, do ponto de vista da individualidade do sujeito, abalando a idéia que temos de nós mesmos.

Houve um *deslocamento* do lugar do mundo cultural e social das pessoas e *descentração do sujeito*, a perda de um sentido de si mesmo (HALL, 1997, pp. 37-50). Este processo se compõe de mudanças estruturais e institucionais que promovem a composição de várias identidades numa só pessoa e revela-se na formatação do sujeito “pós-moderno”.

Aqui, o que interessa reforçar é a idéia de que o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos e estas identidades não são unificadas ao redor de um eu coerente, parece que as nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas, empurradas para direções opostas até diferentes. “A *identidade plenamente unificada completa, segura e coerente é uma fantasia*” (IDEM, p. 14). O rapaz, “**M.M.18**”, pode até ser crítico de certo padrão corporal, mas precisa adotá-lo.

Deve ganhar destaque nessa análise é que a identidade muda de acordo como o sujeito se insere em determinados locais. A identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Em tempos de *modernidade tardia*, partindo dessa perspectiva, duas configurações que observo no cotidiano da academia estudada merecem destaque: a *identidade partilhada* e a *identidade atribuída*.

---

(2003, p.182).

A idéia de *identidade partilhada*, segundo HALL, advém dos fluxos culturais entre nações que permitem contatos que interferem diretamente no tempo e no espaço, ou seja:

[...]. Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelo sistema de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas, menos desalojadas de tempo, lugares, histórias e tradições específicas parecem flutuar livremente”. (1997: pp. 79-80).

A idéia de *identidade atribuída* se consolidou na observação de campo e nos relatos dos entrevistados que denominavam, a partir de valores, símbolos e sentidos internalizados no panorama sociocultural da atualidade, o padrão corporal do outro, tendo como referência o magro, o tônico enrijecido, a aparência. Para “**S.M.41**” :

Alguns corpos daqui eu acho bonito, alguns acho que estão perdendo tempo na academia, não sei, é porque tem gente que vem, vem, enrola. Tem gente que não precisa de academia, precisam é de regime primeiro, depois é que deveriam vir numa academia, sei lá, não sei, tem gente que não tem conserto e não é a academia que vai acertar, falando em bom português assim, é a bunda, o peito, o braço, a perna, sei lá, tem gente que é esquisita mesmo, tem gente que é normal, tem gente que é muito bonito, tem uma moça que não é bonita de rosto, mas ela tem um corpo que parece que foi feito a mão, ela não tem uma gordurinha no corpo, mas também você vê os exercícios que ela faz eu não faço, impressionante, eu fico impressionado de ver ela fazer ginástica.

Aqui eu vejo gente magra, vejo gente obesa, vejo eu que estou meio fora de forma, eu tenho umas banhas na barriga. Eu acho o seguinte, se o gordo quer ir numa academia então ele que vá fazer aeróbica, fique lá duas horas na esteira por dia, aí tudo bem, aí está no caminho certo porque a única maneira de perder gordura é assim. A musculação serve para duas coisas, primeiro se você quer ficar bombadão, serve para hipertrofiar, segundo, se você quer deixar o músculo em

dia, só tonificado, fazer uma carga em cima do músculo para você ficar preparado, em forma para o dia a dia, é isso.

Um cuidado que nos alerta HALL (1997, p. 09) é que falar desse processo como sendo de homogeneização é simplista, exagerado e unilateral. O autor não desconhece a tendência da homogeneização, mas também aponta que há a fascinação pela diferença.

Mas, na relação corpo-identidade, trazendo a temática para o cotidiano e aos adeptos da academia de ginástica, as experiências começam com uma necessidade de saúde ou necessidade de condicionamento, passando a obtenção por obter um corpo magro, jovial e social e esteticamente aceitável. Na assimilação idealizável deste ideal corporal, este fato muitas vezes, passa a fazer parte do projeto de vida de muitos, chegando, em alguns casos a mudar radicalmente seus hábitos. O que era movido por alguma necessidade fisiológica, ganha a dimensão de realização pessoal.

O corpo se traduz em fio condutor de elevada satisfação, modificação, juventude, realização, auto-estima, autoconfiança. Enfim, o corpo, na pós-modernidade, embora aparente estar mais solto e em configurações identitárias mais flexíveis e abertas, passa a “aprisionar-se” nas exigências de certo padrão corporal de nosso tempo.

Olhando para o interior das relações promovidas na academia de ginástica, lugar em que as pessoas de alguma forma ocupam o mesmo espaço em condições semelhantes ou de suposta igualdade dentro do processo de acumulação do capital e dos bens de consumo, uma das razões, que reforçam nas pessoas a buscar a aparência jovial, a magreza, o benefício saúde-estética, tônus enrijecido, é porque estão numa intensa observação e comparação do outro e de si mesmo.

Na atividade física, o body building, no entendimento de Fred Góes (1999: p. 35) alcançou um espaço privilegiado ao sofrer o impacto da espetacularização que caracteriza o contemporâneo. Neste sentido, o corpo deixou de ser local de passagem dos deuses para ser a passagem para eles mesmos. Por exemplo, o

body building aposta no corpo como uma resistência simbólica para restaurar ou construir um sentimento de identidade.

Ao transformar o corpo em nova máquina o “eu” ostenta-se na superfície do físico, pois uma das identidades pode ser modelada nos músculos como uma produção pessoal e dominável, ao encarregar-se do seu corpo, a pessoa pode ser pertencente aquele espaço, a si mesmo e engajada em seu meio.

O impressionante desse processo de autoconstrução e de auto-afirmação perante a necessidade de visibilidade social do corpo é que cabe a própria pessoa a responsabilidade por seu corpo, sua existência. Considerando o constante estímulo dos veículos de comunicação, das práticas médico-científicas, da idéia de juvenização do corpo, da dinâmica do cotidiano dos centros urbanos, da noção de saúde-estética, somado a capacidade de consumir bens, produtos e serviços é que o indivíduo se eleva na condição de pertencente à sociedade. Desta afirmação, pode-se pensar que o contrário, as dificuldades de acesso podem remeter o indivíduo ao sentimento de insatisfação e de infelicidade.

Dito de outra forma compete ao indivíduo se situar entre a sensação de uma imensa potência-impotência diante da solicitação social de que é responsável por o seu corpo num lugar de prazer ou de dor.

No que diz respeito ao olhar do indivíduo, de amor exclusivo pelo próprio corpo, nada mais é do que o amor voltado para si mesmo.

Talvez seja um exagero em muitos trabalhos abordar a temática do corpo na contemporaneidade com sendo, apenas, um templo de vaidades egocêntricas, visto que, conforme arrolei nas páginas anteriores, há marcos de entradas e de saídas de outras identidades. Na academia de ginástica com a qual passei meses observando, praticando atividade física e entrevistando, pode-se dizer que várias questões estão presentes e visíveis, remetendo o corpo a continuar sendo um objeto de poder, porém agora, sob “novos olhares” ou “novos controles disciplinares”.



## **CONCLUSÃO**

Abordei o tema do *corpo na sociedade contemporânea*, com base em observações de campo e em relatos de entrevistas realizadas com alguns freqüentadores de uma academia de ginástica existente na cidade de Taubaté, interior do Estado de São Paulo, por entender que esta cidade de porte mediano também pode (re)produzir, de certa forma, a lógica dos grandes centros.

Estruturei o texto em três capítulos. No primeiro, focalizei a forma pela qual o corpo foi ganhando importância e visibilidade social, passando por aspectos da instauração da “modernidade” até as tendências atuais de modelização do corpo, no caso, um local de atividade física organizada. No segundo, enfatizei com base nos dados coletados, identificados os valores, os sentidos e as dimensões simbólicas atribuídas ao corpo na atualidade, os cuidados que as pessoas inseridas em um determinado contexto sociocultural têm que disponibilizar para adequar-se as exigências de se ter um corpo socialmente imaginável. Na última etapa, realizei uma análise teórica, sem perder de horizonte a dimensão de campo da proposta, sobre as visibilidades, as identidades e as identificações, com os quais o corpo ganha novos sentidos e significados na contemporaneidade.

Procurei, na exposição dos argumentos teóricos, entrevistas e observações da dissertação, desencadear como eixo de análise que o corpo é resultado das expressões promovidas, produzidas e reproduzidas no social e na cultura, demarcado por símbolos, sinais, signos e códigos intimamente comprometidos com o lugar e com o seu tempo.

Em Clifford Geertz (1989) encontrei ferramentas para entrar na academia de ginástica e observar suas interações simbólicas. Em José Machado Pais (2003), os sinais produzidos nas dinâmicas do cotidiano daquele lugar ficaram mais perceptíveis. Essas contribuições me permitiram entender determinados aspectos da configuração *corpo e sociedade contemporânea*.

Por nenhum momento, desde as justificativas contidas na introdução, deixo de explicitar de que corpo, de que lugar e de que tempo sociocultural estou falando. Analiso o corpo contemporâneo de um determinado grupo social, os freqüentadores de uma academia de ginástica tida como de classe média/alta da cidade de Taubaté, e reconheço em parte deste grupo, sustentado pelo conjunto dos relatos coletados, a necessidade em alcançar um

corpo constituído no imaginário social, por intermédio dos veículos de comunicação, da saúde, da estética, do consumo, do mercado, da moda e das relações pessoais.

Inclusive, reconheço na literatura pesquisada que há várias formas de relações entre corpo e as técnicas corporais na sociedade, sobre as quais poderiam se trabalhar a noção de corpo–resistência ou de corpo–afirmação. Mas, a minha pretensão, em função dos dados coletados, foi a de firmar a existência de um movimento pela busca da igualdade, ou melhor, por certa padronização idealizada em torno de um corpo modelado que pode se tornar magro, com tônus enrijecido, saudável, ativo, jovem.

Na medida em que ficava evidente esse recorte na pesquisa, aumentava os questionamentos sobre o corpo e sua relação com o contexto contemporâneo.

Havia formulado uma série de questões que indagavam, de um modo geral, como ocorre a internalização da idealização de um padrão corporal constituído ao longo desse período histórico. Na contextualização histórica fez-se evidente as tendências como as instituições, cada qual ao seu tempo e espaço, se apropriam do corpo e re-significam as dimensões do social e da cultura.

Com base nos apontamentos extraídos da perspectiva teórica de Jorge Crespo (1990) e Michael Foucault (1992), no texto identifiquei alguns aspectos da trajetória do corpo, quando o Estado, por intermédio de técnicas disciplinares, caracteriza o corpo como um objeto de exercício de poder e de controle. Há nesse período, pelo qual o Brasil não escapa, um processo de racionalização conduzido pelo Estado e seus representantes, impulsionado por um conjunto de signos, códigos e símbolos, para que o corpo pudesse assimilar os efeitos do meio em que fez parte, tanto em aspectos socioculturais como político–funcional–utilitário.

Neste contexto, achei importante diferenciar tratamento corporal, modificação e modelação, pois embora, um possa não excluir o outro, para as pessoas que podem usufruir dos benefícios do consumo, o cuidado corporal não se resume mais em tratar do corpo para eliminação das patologias, mas sim e também, intervir como forma de se manter em ressonância aos valores

disponibilizados culturalmente. Neste sentido, pode-se modificar a estrutura corporal ou modelar as formas do corpo à maneira como se deseja.

Do Brasil, guardada as peculiaridades de nossa constituição social e cultural, puderam-se ver as tendências de racionalização do corpo, nos moldes higienizador e disciplinado, estabelecido por uma força impositiva dos valores da ordem e do progresso. A idéia era a de conter os impulsos corporais, introduzir os modos da civilização européia e estabelecer a diferença da “elite” com as camadas populares. Esse movimento de contenção do corpo implicou diretamente com o processo de instauração da sociedade urbana, industrial capitalista.

Dentro da dinâmica das transformações políticas, econômicas e sociais experimentadas ao longo do processo histórico, aos poucos, o corpo foi ganhando outros contornos. Nos anos 50, em face da influência americana, o imaginário social sofre influência do cinema, da moda, das propagandas, do fisioculturismo, da música, entre outros movimentos culturais. Nos anos 60, as influências vêm do movimento de liberação feminina, do desenvolvimento da cosmetologia, da intensidade dos meios de comunicação (publicidade), da rebeldia dos movimentos juvenis e da valorização da afetividade dos indivíduos. Já nos anos 80 e 90, com a minimização do papel do Estado um dos efeitos, é a responsabilidade do indivíduo por si mesmo. Em relação ao corpo, a pessoa é encarregada da responsabilidade de se amar e de se cuidar, sob a égide dos estímulos da “geração saúde”.

O prazer, por intermédio do corpo, num primeiro momento como uma afronta às regras, à ordem e aos valores do capitalismo, anos 70, e, na atualidade, seguindo o caminho inverso, como uma forma de valorização individual, de aumento da estima e de satisfação pelo consumo de produtos, serviços e bens disponíveis à modificação e a modelação do corpo. É no contexto das novas configurações tecnológicas e informacionais que ocorre a difusão da idéia de direito à beleza, à atividade física, a saúde e ao prazer.

Em termos práticos, é nesse movimento que acontece uma modificação das demarcações políticas e o indivíduo passa a ter a responsabilidade, pelos seus próprios méritos, para alcançar saúde, beleza, sucesso, felicidade, entre outros sentidos, baseado na sua capacidade, esforço e competência para superar seus limites. Como a pessoa é responsável direta sobre este corpo e

esta busca, a partir daí o convencimento por alguma prática de cuidado corporal tem caminho facilitado para ocorrer.

Aponte que nos anos 80, o Brasil ao passar por mudanças políticas significativas, da ditadura militar à redemocratização, já havia disseminado a atividade física como uma prática de estímulo à saúde. Mas a *geração saúde* só iria aparecer dos anos 90 em diante, oferecendo ao corpo experiências prazerosas, mais atenção e dimensão atlética, servindo de imagem a ser seguida por grande parte das pessoas.

A proporção mercadológica atribuída à relação corpo-estética, potencializou a valorização social em torno do corpo, fazendo surgir e ampliar as tecnologias de modelações, traduzidas em salões de beleza, clínicas de estética, estratégias empresariais de organização do lazer e do tempo livre, academias de ginástica espalhadas pelos bairros, hipermercados, shoppings etc.

Inclusive a academia de ginástica se assemelha aos Shoppings Center, no sentido de variada prestação de serviços. Possui uma estrutura ampla que contém estabelecimentos comerciais como loja, lanchonete, estacionamento. Pelas diversas modalidades disponibilizadas, possuem normas contratuais padronizadas para manter o equilíbrio da oferta e da funcionalidade, assegurando a convivência harmoniosa entre os frequentadores. É caracterizado sobretudo, pelo seu fechamento em relação à cidade, mesmo com aparência de acessibilidade pelos vidros, é um espaço para poucas pessoas.

Constatei que esse universo, agregado pelo papel sociocultural dos veículos de comunicação e do consumo, propõe novas práticas culturais: as academias de ginástica produzem formas de comportamentos. Os detalhes da vestimenta, a escolha pelos materiais utilizados, o modo das atitudes, ações e das observações dos praticantes dentro e posteriormente fora daquele espaço, entre outras sutilezas compõem o estilo de vida dos praticantes e ultrapassa o cotidiano das academias. Pelas informações que os entrevistados propuseram sobre suas experiências de outras academias, há variações de qualidade, de preço ou as marcas nos produtos são diferentes, mas o padrão e os modelos sofrem poucas variações.

A aparência física, o tipo de roupa, os equipamentos, a estrutura entre uma academia e outra ou entre os grandes centros urbanos e a desta cidade do interior não são idênticas, mas tem elementos em comum que agregam a interação do global com o local. Este indicativo trazido pelos freqüentadores possibilitam identificar relações produzidas nas micro relações sociais que correspondem a estruturas maiores de nossa sociedade.

Pois bem, é dentro de uma academia de ginástica que observei como o corpo, na atualidade, assumi proporções imagináveis, modeláveis e modificáveis, enfim, tudo em busca de uma idéia de saúde e de estética, nem sempre saudável, nem sempre bela e nem sempre possível. Em uma das entrevistas foi colocada a realização de atividade física na hora do almoço, restringindo esta alimentação, o que evidencia a contradição pela busca da saúde. Por outro lado, uma mãe, faz a família se adaptar a um padrão diferente de hábito alimentar para ficar tranqüila no período da tarde para a prática da atividade física, ou ainda, a evidencia de que uma gravidez é incompatível com a manutenção de uma modelação corporal já alcançada.

Fiz questão de ressaltar ao longo do texto que esse fenômeno independe de faixa etária, sobretudo de sexo, não se restringe aos grandes centros urbanos, o que não implica na existência de exceções. Longe das exceções e perto do conjunto das entrevistas sistematizadas, aponte que a academia de ginástica passa a ser um lugar em que as pessoas, por intermédio da musculação, têm a possibilidade de modelar o corpo, dentro do ideal de ser magro, ter musculatura com tônus enrijecido, “duro”, ser jovem e saudável. O cuidado com o corpo ganha proporções visíveis de valorização e a academia de ginástica torna-se um dos locais significativos na busca pela “saúde” e pela estética idealizável dentro deste contexto.

Na academia, aparentemente, as pessoas buscam e são estimuladas a lutarem contra a insatisfação corporal, o stress, a velhice, o sedentarismo, e explicitamente saúde e estética, não sem a internalização de um discurso legitimado pela ciência médica, pela pedagogia do corpo, pelo mercado, pelos veículos de comunicação, pelos amigos ou parentes. Praticamente as pessoas são convencidas de que a atividade física é fundamental no mundo contemporâneo para a diminuição das pressões sociais, à idealização da vida saudável, à projeção de um corpo socialmente aceito.

Na leitura empresarial da organização da atividade física e do lazer, a academia de ginástica, em especial a estudada, apreende o caráter profissional, científico, tecnológico e conjuntural atribuído ao corpo. Não se pode negar as noções de qualificação dos profissionais e de competência no cuidado com o corpo transmitidas na academia.

O exame médico, a avaliação e o discurso de convencimento da prática de atividade física são tão importantes quanto a sedução que a tecnologia dos aparelhos e a variação das atividades disponíveis impulsionam nos freqüentadores daquele espaço. Entretanto, há outros elementos compondo este espaço como as músicas, gente bonita, os movimentos das pessoas se exercitando. Os aparelhos não são obstáculos ou transtornos de trânsito no local, o ambiente é arejado com ventilação natural ou ventilador no teto que circula e renova, tem boa iluminação que não interfere na temperatura ambiente provocando aquecimento, possui cores claras o que evita fadiga visual, o ambiente é limpo constantemente evitando poeira e o cheiro de suor. Um lugar evidentemente agradável à primeira vista.

Dessa sedução, explorei a idéia de que a academia de ginástica é uma invenção contemporânea que reforça nas pessoas a noção de saúde e de possibilidade de se alcançar certo padrão corporal estético. Local de produção, reprodução e consumo dos sentidos e valores atribuídos ao corpo, cuja repercussão influencia nas diversas relações cotidianas atreladas a imagem social do corpo. Portanto, freqüentar uma academia de ginástica é de certa forma, afirmar um valor atribuído socioculturalmente ao corpo.

Na academia de ginástica, na medida em que os entrevistados produziam seus relatos, apresentava-se certa dinâmica da relação do homem com o corpo naquele espaço. Os meios de comunicação social, a idéia de saúde, a padronização estética do corpo, o vínculo corpo-consumo e as relações pessoais do cotidiano são ingredientes que fomentam as necessidades da pessoa em torno do corpo.

Em nome da busca pela satisfação dessas “necessidades” o praticante, por intermédio da prática de atividade física, modifica sua rotina cotidiana e desencadeia uma série de esforços pessoais visando o alcance de um determinado corpo, valorizado socialmente e que lhe traz estima satisfatória tanto quanto prazer.

Neste contexto, a prática da atividade física musculação, antes um universo quase que exclusivo do masculino, ganha sentido ao universo feminino. Agora não só parecer ser magra, mas ter tônus enrijecido. Os relatos apontam que os diversos espaços sociais (trabalho, valorização social do corpo, circulação na cidade etc.) não agregam o gordo, o feio, o deficiente e o velho, a máxima é por “parecer jovem” e “ter corpo rígido”.

No espaço da academia de ginástica institucionalizou-se a máxima do “pavor à gordura” é levado muitas vezes ao extremo. Inclusive, por conta desse “pavor”, segundo os indicativos de duas entrevistadas, a privilégio pela atividade física acabou gerando, em cada uma delas, abortamento prematuro.

A adaptação, nestes moldes, é tanta que segundo o professor de educação física entrevistado, o corpo ficou suscetível às transformações por vezes incabíveis a saúde, meninas que aceitam e adotam intervenções cirúrgicas ou tecnológicas.

A máxima além de se ter um espírito jovem, é, sobretudo, a aparência e o corpo jovem, com a qual muitos investem seu tempo, seu esforço e sua disponibilidade, leva o corpo mais uma vez a tornar-se objeto de poder, só que agora, aparentemente pela vontade individual do sujeito, mas ao olharmos com mais atenção, poderia ser visto como novas formas de controle.

Apropriando-me das sugestões de Lê Breton (2003), pode-se dizer, hoje, que “*o corpo não é mais um lugar de destino*”. Implica reconhecer que o homem contemporâneo, em face de inúmeras técnicas disponíveis, pode alterar, modificar, modelar e transformar as características e as estruturas de seu corpo, logo, de sua vida. Para isso, basta ter a capacidade econômica para tanto e ter internalizado os valores, os símbolos e os sentidos atribuídos ao corpo.

Se a indicação que formulei for sensata, com respaldo nos estudos de Lê Breton, acredito que essas transformações promovam implicações na *vida cotidiana*, no *esforço pessoal*, nas *trajetórias socioculturais*, na *visibilidade* e na *identidade* da relação homem–sociedade–corpo.

As implicações na *vida cotidiana* para se alcançar uma determinada padronização estética do corpo requerem reorganizações do tempo, das atividades, dos hábitos e das rotinas. Como dito, o conceito de saúde ficou para trás, uma vez que as pessoas substituem o horário de almoço pela



atividade física ou trocam a refeição do almoço por lanches rápidos ou praticam atividades físicas em excesso para, possivelmente, não deformarem o corpo alcançado. Houve no segundo capítulo da dissertação inúmeros exemplos de mudanças nos hábitos e rotinas dos freqüentadores de academia de ginástica, apontando as contradições entre a busca pelo idealizado padrão estético e uma vida tida como saudável.

No que diz respeito ao *esforço pessoal*, os freqüentadores da academia de ginástica para obter os resultados esperados disponibilizam uma enormidade de esforço e de sacrifício. A atividade física no interior da academia de ginástica, em especial na musculação, requer rigor, dedicação, autocontrole e adequação de todas as informações fornecidas para se ter um abdômen cheio de gomos salientes, nádegas duras e livres de celulites. Ao praticante é indispensável, na academia de ginástica: aparelhos de musculação, bicicletas, esteiras, pesos, espelhos, música, esforço, suor; no dia a dia, no que se refere aos costumes alimentares e cotidianos: deixar de comer doces, comidas gordurosas e frituras, reorganizar o tempo e mudanças de rotinas.

Ao pensar nas visibilidades e identidades do corpo contemporâneo, dentro desta academia de ginástica, me vi obrigada a apreender às intensas interferências nas relações mundiais sobre o corpo, impulsionadas, dentre outros fatores, pelas vias da sociedade da tecnologia e da informação.

Dentro dos limites das diferentes inserções na sociedade da tecnologia e da informação, achei necessário conceituar o que venha a ser *modernidade tardia*. Parti da reflexão de Boaventura de Sousa Santos (2002) sobre *processos globais*, passando por Appadurai (1999), no que tange à *imaginação social*, até chegar em Stuart Hall (1999), com as questões que levanta sobre *identidade*. Tudo para tentar localizar o corpo na contemporaneidade.

Com esses argumentos teóricos aprofundei-me nas observações de campo e nos relatos. Diante desse quadro teórico pude perceber o quanto as palavras e frases utilizadas pelos freqüentadores da academia eram recorrentes das necessidades produzidas no contexto da *modernidade tardia*, constituída na idéia de *visibilidade do corpo* e de que corpo se quer alcançar. A questão que me intrigava, embora houvesse indicativos no conjunto dos relatos, era: o que eles entendem por *visibilidade do corpo*? Quais os rebatimentos na formação das identificações daqueles praticantes?

Tais questionamentos não se encontram dissociados da constituição da imaginação social em torno do corpo, da academia de ginástica, da atividade de musculação e das implicações na formação da pessoa. Encontram-se no imaginário coletivo de que o corpo é uma instância necessária de modelação, modificação, transformação, carregado de significados, que no caso daqueles freqüentadores da academia se apresentam: saúde, estética, tônus enrijecido, eliminação de gordura e jovialidade.

No imaginário coletivo é que se encontram esses valores, aqui explicitamente vinculado aos freqüentadores da academia de ginástica, cujo esforço caminha na busca desses símbolos e sentidos. É com essa referência que passei a pensar a *visibilidade social* do corpo.

Destaquei na visibilidade do corpo que este atinge conotações de afirmação, de reconhecimento da diferença e de busca pela igualdade padronizada, conforme os apontamentos já enumerados. A minha pretensão se delimitou ao grupo de pessoas se esforçam ao alcance da igualdade, do padrão e da estética, idealizações estabelecidas nos símbolos do consumo, das comunicações e das produções de valores, todos tidos como dominantes.

Na argumentação teórica apropriei-me dos argumentos de Tzvetan Todorov (1996), no que diz respeito à sua definição de *visibilidade social* e *invisibilidade social*, no caso, pensando a academia de ginástica, as produções simbólicas em torno do corpo naquele espaço e as repercussões desse movimento, a partir dos dados coletados.

Eis uma questão importante aos dias atuais e de enorme complexidade: a questão da identidade. As transformações percebidas no tempo e no espaço das relações, de um modo geral, desencadeadas em face da *modernidade tardia*. Para discutir *identidade* adotei a posição de Stuart Hall (1997), quando afirma que hoje o sujeito não tem mais uma identidade, mas várias identidades. Vezes contraditórias, não resolvidas, vezes previsíveis e funcionais. Trouxe, como argumento complementar, as posições de Zygmunt Bauman (2001; 2005) quando aponta que diante desse quadro de *modernidade líquida* o conceito de identidade sofre alterações, de ordem política, social, econômica, histórica, cultural e simbólica, momento em que o indivíduo perdeu a sua centralidade.

Stuart Hall e Zygmunt Bauman, cada qual com a sua pretensão, me auxiliaram no entendimento de que é na relação com o outro que acontece a mediação dos valores, dos sentidos e dos símbolos. Nesse ponto, a identidade, as identidades ou as identificações, são constituídas na interação entre o “eu” e a “sociedade”. É nesse conjunto de apontamentos que penso a trajetória e a valorização do corpo, hoje, refém da magreza, do enrijecimento do tônus, da sensação de saúde, da vida ativa, da padronização estética e da necessidade de parecer ser jovem.

Ressaltei, com fundamento no pensamento de Stuart Hall, que num contexto de fluidez, a identidade pode ser ganha ou perdida, o que implicou apontar no cotidiano da academia estudada que a *identidade* pode ser, também, *partilhada* e/ou *atribuída*.

Toda essa dinâmica deslocou ao indivíduo a responsabilidade e a sensação pela potência-impotência diante da solicitação social para ter um determinado corpo partilhado pelo grupo ou atribuído, agregando a tudo isso o sentimento de pertencimento à busca de determinado corpo.

Além das considerações que acabo de colocar o que mais me chamou a atenção durante a sistematização dos dados foi a identificação de que a disciplina, nos termos definidas por Michel Foucault, dentro da sociedade atual, mantém o corpo como um objeto de poder, porém se transforma. O que era objetivável diretamente no físico, pelo Estado ou pelos resultados dos jogos de força, passa a ser concretizado em instâncias subjetivas, por intermédio dos veículos de comunicação social, da tecnologia, da ciência, dos valores da estética-consumo, do outro e da própria pessoa. Mantém-se o adestramento, de forma mais potente, porque tem uma perspectiva flexível e aparentemente sem hierarquia verticalizada.

Sem nenhuma pretensão de reduzir o olhar ou ter produzido um texto pessimista, chego à conclusão de que o corpo na contemporaneidade encontra-se em diversas e novas prisões, o que se dá no espaço da academia de ginástica pelos valores difundidos em torno da estética, da beleza e da padronização do corpo. É na idealização de se ter um corpo modelado que se pode determinar em quais “prisões” ou “ditaduras” a pessoa acaba por experimentar. Há, entre os entrevistados, o “pavor” de ser gordo e é preciso se livrar desse grande mal: a feiúra da gordura.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ABRAMO, H. *Cenas Juvenis: Punks e Darks no espetáculo urbano*. São Paulo, Scritta/ANPOCS, 1994.
- ALBUQUERQUE, L. M. B. "Corpo Civilizado, Corpo Reencantado: o moderno e o alternativo nas representações do corpo". In: I Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana. Rio Claro: Revista Motriz, 1999. v. 05. pp. 07-09.
- ALVES, A. M. "Mulheres, corpo e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas". In: *Família e Gerações*. Myriam Lins de Barros (Org.). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, pp. 67-90.
- ANTUNES, F. R. F. *Futebol de Fábrica em São Paulo*. São Paulo: FFLCH-USP. Dissertação de mestrado, 1992.
- ANZAI, K. O corpo enquanto objeto de consumo. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, SP: UNICAMP, nº 21, vol. 2-3, jan./maio de 2000, pp. 71-76.
- APPADURAI, A. "Disjunção e diferença na economia cultural global". In: *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. M. Featherstone. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, pp. 311-327.
- APPADURAI, A. *Après le colonialisme: les conséquences culturelles de la globalisation*. Paris: Payot, 1996.
- AUGE, M. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 3 ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. . *Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BONETTI, A. "O corpo no processo de globalização: idéias preliminares". In: *Revista Kinesis*. Santa Maria: Universidade Federal, nº 19, 1998, pp. 107-114.
- BRUNO, F. "Membranas e Interfaces". In: *Que Corpo é Esse?* Nizia Villaça (Org.). Rio de Janeiro: MAUAD, 1999, pp. 98-111.
- BUENO, M. L.; CASTRO, A. L. (Orgs.) . *Corpo: território da cultura*. São Paulo: AnnaBlume, 2005.
- CARDOSO, M. L. "Ideologia da globalização e (des)caminhos da ciência global". In: *Globalização excludente e democracia na nova ordem mundial*. P. Gentili (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- CASTELL, M. "¿Hacia el Estado Red? Globalización económica e instituciones políticas en la era de la información". In: *Seminário: Sociedad y Reforma del Estado*. Brasília, DF: Ministério de Administração Federal e Reforma do Estado, 1998.

CASTRO, A. L. *Culto ao corpo: mídia, estilos de vida e cultura de consumo*. São Paulo: Annablume, 2003.

COSTA, M. R. "Culturas Juvenis, Globalização e Localidades". In: COSTA, M. R.; SILVA, E. M. (Orgs.). *Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana*. São Paulo: EDUC, 2006, pp. 11-27.

COSTA, M. R.; SILVA, E. M. (Orgs.). *Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana*. São Paulo: EDUC, 2006.

COURTINE, J. J. "Os stakhanovistas do narcisismo". In: *Políticas do corpo*. D. B. Sant'anna (org.). São Paulo: Estação Liberdade, 1995, pp. 81-114.

CRESPO, J. *A História do Corpo*. Lisboa: Difel, 1990.

DEBORD, G. *A Sociedade do Espetáculo*. São Paulo: Contraponto, 1997.

DURKHEIM, E. *Da Divisão do Trabalho Social*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ELIAS, N. *O processo civilizatório: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, vol. 1, 1994.

ESTEVÃO, A.; BAGRICHEVSKY, M. "Cultura da 'corpolatria' e body-building: notas para reflexão". In: *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*. São Paulo, v. 3, n. 3, 2004, pp. 15-27.

FERREIRA, F. R. *Os Sentidos do Corpo: cirurgias estéticas, discurso médico e saúde pública*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, 2006.

FERREIRA, V.S. "Da Experiência ao Vício: a construção de um projeto de marcação corporal". In: *Sociabilidade juvenil e Cultura Urbana*. COSTA, M. R.; SILVA, E. M. (orgs.). São Paulo: EDUC, 2006, pp. 169-196.

FERREIRA, V. A. "Obesidade e pobreza: o aparente paradoxo: um estudo com mulheres da Favela da Rocinha". In: *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, nov-dez/2005, p. 6-16.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: história de violência nas prisões*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

FRÚGOLI JR., H. *São Paulo: espaços públicos e interação social*. São Paulo: Marco Zero/Senac, 1995.

FRUGOLI, R. M.; PIMENTA, C. A. M. "O Esporte na Contemporaneidade: juventude e subjetividade". In: *XI Congresso Brasileiro de Sociologia*. Campinas, SP: SBS/UNICAMP, 2003.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

GÓES, F. "Do Body Buyliding ao Body Modificacion: paraíso ou perdição". In: *Que Corpo é Esse?* Nizia Vilaça (Org.). Rio de Janeiro: MAUAD, 1999: pp. 33-41.

GOLDENBERG, M. (Org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.

HALL, S. *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 12 ed. São Paulo: Loyola, 2003.

*A Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. *A Invenção das Tradições*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IANNI, O. "O príncipe eletrônico". In: *Desafios da comunicação*. Ladislau Dowbor et al (orgs.). 2 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, pp. 62-78.

JAGUARIBE, B. "Paixões Virtuais: corpo, presença e ausência". In: *Que Corpo é Esse?* Nizia Villaça (Org.). Rio de Janeiro: MAUAD, 1999, pp. 22-32.

KOSOVSKI, E. "Corpo, Posse e Propriedade". In: *Que Corpo é Esse?* Nizia Villaça (Org.). Rio de Janeiro: MAUAD, 1999, pp. 56-63.

LÊ BRETON, D. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. Campinas, SP: Papirus. 2003.

LÊ BRETON, D. *La Sociología Del cuerpo*. Buenos Aires: Nueva Vision, 2002.

LE GOFF, J. e TRUONG N. *Uma história do corpo na Idade Média*. Civilização Brasileira, 2006.

LIPOVETSKY, G. "O Caos Organizador". São Paulo: Folha de São Paulo (Caderno Mais), 14.03.2004.

LIPOVETSKY, G. *A Terceira Mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LIPOVETSKY, G. *O Império do Efêmero: A Moda e Seu Destino nas Sociedades Modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia* (com uma introdução à obra de Marcel Mauss, de Claude Lévi-Strauss). São Paulo: EPU/EDUSP, vol. 2, 1974.

MIRA, M. C. *O Leitor e a Banca de Revistas*. São Paulo: Olho D'Água, 2001.

NETO, E.; NOVAES, J.: *Ginástica de academia: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

- OLIVEIRA, R.C. de. *Personal Training: uma abordagem metodológica*. São Paulo: Atheneu, 1999.
- PAIS, J. M. *Vida Quotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.
- PAGNI, P. "Historia da Educação Física no Brasil: notas para uma avaliação". In: *As Ciências do Esporte no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 1995, pp. 149-163.
- PELUCIO, L. "Toda Quebrada na Plástica: corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas". In: *Campos – Revista de Antropologia Social*. Curitiba, PR: Universidade Federal do Paraná, vol. 06, nº 01, 2005, pp. 97-112.
- PEREIRA, Carlos A. M. *O que é Contracultura?* São Paulo: Brasiliense, 1992.
- PIMENTA, C. A M. *O Processo de Formação do Jogador de Futebol: sonhos, ilusões, frustrações e violências*. São Paulo: PUC/SP. Tese de Doutorado, 2001.
- PIMENTA, C. A M. "O cotidiano dos grupos de jovens da periferia de São Paulo: visões de mundo e manifestações de ética e violência". In: *Demandas Sociais*. Taubaté, SP: NIIPC/UNITAU, vol. I, nº 2, jul./dez., 1998, pp. 35-50.
- SABA, F. R. F. *Aderência à prática do exercício físico em academia*. São Paulo: Monole, 2001.
- SABINO, C. "Anabolizantes: Drogas de Apolo". In: *Nú e Vestido. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Miriam Goldemberg (Org.). São Paulo: Record, 2002.
- SANTAELLA, L. *Corpo e Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2004.
- SANT'ANNA, D. B. (Org.) *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- SANT'ANNA, D. B. *Corpos de Passagem*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- SOUSA SANTOS, B. (org). *A globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.
- SCHPUN. M. R. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Boitempo/Senac, 1999.
- SEVCENKO, N. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura dos anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- STEPANSKY, D. V. "Velhice, imaginário e cidadania". In: *Que Corpo é Esse?* Nizia Vilela. (Org.). Rio de Janeiro: MAUAD, 1999, pp. 132-145.
- TELLA, M. A. P. "Reação ao Estigma: o Rap em São Paulo". In: *Revista Enfoques*, vol. 5, nº1, 2006.
- TODOROV, T. *A vida em comum: ensaio de antropologia geral*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- TOURAINE, A. *A Crítica e a Modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.



Toscano, J. J. O. "Academia de Ginástica: um serviço de saúde latente". In: *Revista Brasileira de Ciência & Movimento*. Brasília: Universidade católica de Brasília, vol. 9, nº 1, 2001, pp. 41-43.

TOTA, A. P. *O Imperialismo Sedutor: americanização do Brasil na época da segunda guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VILLACA, N. M. S.; GÓES, F.; KOSOVSKI, E. (Orgs.). *Que Corpo é Esse? Novas Perspectivas*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VILLAÇA, N. "Robson Crusoe, Babel, Frankstein e outros mitos: corpo e tecnologia". In: *Que Corpo é Esse?* Nizia Vilaça (Org.). Rio de Janeiro: MAUAD, 1999: pp. 14-21.

## **REVISTAS**

Fitness Business, julho/agosto 2002, nº2.

Veja, setembro 2003, nº 37.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)